

ANA RITA TORRÃO

**A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM
SERVIÇO DE APOIO DOMICILIÁRIO NA PESSOA IDOSA COM
ALTERAÇÃO DA COGNIÇÃO – ESTUDO DE CASOS**

Orientadora: Professora Doutora Maria Irene B. Lopes de Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa

2013

ANA RITA TORRÃO

**A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM
SERVIÇO DE APOIO DOMICILIÁRIO NA PESSOA IDOSA COM
ALTERAÇÃO DA COGNIÇÃO – ESTUDO DE CASOS**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre, no Curso de Mestrado em Gerontologia Social, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Irene B. Lopes de Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa

2013

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família e às pessoas mais velhas da resposta de apoio domiciliário, na qual executo funções. Agracio a sua disponibilidade, a partilha das suas memórias e o “tanto que me dão”.

Agradecimentos

Professora Doutora Irene B. Lopes de Carvalho

Pelo tempo e orientações precisas e céleres que me concedeu para que este trabalho fluísse até à meta.

Agracio a sua disponibilidade, generosidade e o seu sorriso de estímulo.

Centro Comunitário de Desenvolvimento Social de Lisboa (Serviço de Apoio Domiciliário)

Presidente, direção técnica, utentes e famílias, que possibilitaram a concretização deste trabalho.

À minha mãe

Pelo estímulo constante e apoio incondicional para que me pudesse dedicar de corpo e alma.

Ao meu marido

Pelo tempo e atenção que lhe roubei agracio a sua paciência e apoio.

À minha família

Por acreditar em mim e pela energia que me transmitiu até ao fim.

Resumo

O presente trabalho tem como tema compreender a importância das atividades de estimulação cognitiva em resposta de apoio domiciliário na pessoa idosa com quadro de alteração da cognição – déficit cognitivo. Foram desenvolvidas sete atividades para cada caso, cada uma delas com um objetivo específico que consistiu em avaliar determinadas funções cognitivas tais como a memória, reconhecimento, pensamento e linguagem. A amostra foi formada por quatro mulheres com idades superiores a 80 anos e com a escolaridade correspondente ao ensino básico/primário. Foi utilizada no estudo a metodologia qualitativa e quantitativa. A primeira envolveu o estudo de casos, a análise dos resultados obtidos em cada caso nas atividades desenvolvidas, em conjunto com as restantes dimensões de análise: o perfil, estado mental e interações sociais. Por sua vez, o método quantitativo correspondeu à aplicação da prova cognitiva de Avaliação Breve do Estado Mental (MMS). O impacto das atividades desenvolvidas foi discreto, mas positivo, na medida em que o valor respeitante ao déficit cognitivo não sofreu alterações significativas (com exceção de um dos casos com decréscimo evidente), simbolizando a manutenção das competências cognitivas. De um modo geral, os quatro casos mostraram grande receptividade e cooperação. Foi mais facilitador lembrar informação relativa à sua história de vida – memória episódica. Verificou-se um nível de agrado muito positivo nesta atividade de reminiscência, bem como na atividade com música, facilitando a expressão verbal. Na memória semântica relativa aos conteúdos aprendidos evidenciaram-se mais dificuldades, tendo os quatro casos recorrido a estratégias de compensação para recuperar a informação pretendida – usaram aspetos concretos da sua própria realidade pessoal/percurso de vida. Salientamos que em dois dos casos estudados se verificou a existência de perturbação ao nível da linguagem expressiva em paralelo com limitações no campo do reconhecimento visual e recuperação da informação armazenada. Sinalizamos para culminar que as atividades se constituíram, para além de um espaço de estímulo e relação, como uma metodologia de avaliação – bilhete de identidade para cada caso face às competências e défices vigentes no plano da cognição, abrindo caminho para uma intervenção mais específica/singular.

Palavras-chave: alteração da cognição; funções cognitivas; competências cognitivas; atividades de estimulação; pessoa idosa; resposta de apoio domiciliário.

Abstract

The present work is to understand the importance of the theme of cognitive stimulation activities in response home care of the elderly with box change in cognition - cognitive deficit. Seven activities were developed for each case, each with a specific goal was to assess specific cognitive functions such as memory, recognition, thought and language. The sample consisted of four women aged over 80 years and schooling corresponding to basic/primary education. Qualitative and quantitative methodology was used in the study. The first involved case studies, analysis of the results obtained in each case in the activities developed in conjunction with the other dimensions of analysis: the profile, mental state and social interactions. In turn, the quantitative method corresponded to the application of cognitive proof Brief Assessment of Mental State (MMS). The impact of the activities was mild, but positive, in that the value related to cognitive impairment did not change significantly (except for one case with a clear decrease), symbolizing the maintenance of cognitive skills. In general, the four cases showed high receptivity and cooperation. Was more facilitator remember information about their life story - episodic memory. There was a very positive level of satisfaction in this activity reminiscence, as well as in the activity with music, facilitating verbal expression. Semantic memory on the learned contents showed up more trouble, having contested the four cases of compensation strategies to retrieve the desired information - used concrete aspects of their own personal/life path of reality. We note that in two of the cases studied we found the existence of disturbance at the level of expressive language in parallel with limitations in the field of visual recognition and retrieval of stored information. Signaled to culminate the activities constituted, beyond a space of encouragement and respect, as an evaluation methodology - identity for each case given the current skills and deficits in terms of cognition, paving the way for a more specific intervention/singular.

Keywords: changes in cognition; cognitive functions; cognitive skills; stimulation activities; elder; response home support.

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Índice geral

Introdução.....	9
Capítulo 1 – Envelhecimento - abordagens conceptuais.....	11
1.1. Envelhecimento demográfico	11
1.2. Envelhecimento biopsicossocial	11
1.3. Envelhecimento e dependência	15
1.4. Cuidados na velhice: respostas de apoio	16
Capítulo 2 – Envelhecimento e quadro de Alteração da Cognição.....	19
2.1. Envelhecimento cognitivo - funções cognitivas	19
2.1.1. Memória	19
2.1.2. Reconhecimento	23
2.1.3. Linguagem	24
2.2. Alteração Cognitiva Leve	25
2.3. Demência	26
2.4. Intervenção psicológica na alteração da cognição	29
Capítulo 3 – Fases e etapas do processo de investigação.....	33
3.1. Fundamentação da investigação	33
3.2. Pontos de partida e objetivo	33
3.3. Modelo de análise	34
3.4. Percurso metodológico	35
3.4.1. Métodos e técnicas	36

3.4.2. Amostra/participantes	39
3.4.3. Os aspetos éticos em investigação	40
Capítulo 4 – Apresentação e análise dos resultados -	
estimulação cognitiva.....	41
4.1. Apresentação do estudo de casos	41
4.1.1. Caso 1 (Sra. Helena)	41
4.1.2. Caso 2 (Sra. Francisca)	44
4.1.3. Caso 3 (Sra. Antónia)	49
4.1.4. Caso 4 (Sra. Laura)	54
4.2. Comparação dos resultados	57
4.3. Discussão dos resultados	70
Conclusão.....	77
Bibliografia.....	80
Apêndices.....	83
Índice de apêndices.....	84
Anexos.....	112
Índice de anexos.....	113

Introdução

O presente trabalho tem como tema a importância das atividades desenvolvidas em resposta de apoio domiciliário na pessoa idosa com quadro de alteração da cognição - défice cognitivo. Tem como principal objetivo compreender o impacto das atividades de estimulação cognitiva em pessoas mais velhas com alteração da cognição, integradas em resposta de apoio domiciliário.

A investigação em causa tem um peso importante na esfera profissional do investigador constituindo-se como um campo de reflexão e de intervenção importantes, rumo a um aumento de conhecimento e de maior qualidade na atuação gerontológica.

Com o aumento da longevidade verifica-se uma maior vulnerabilidade face ao aparecimento de situações de alteração da cognição.

Este aspeto é uma das grandes problemáticas da atualidade. Os casos de alteração da cognição e a síndrome demencial têm vindo a aumentar, evidenciando uma evidente expressão. Em Portugal, deverão existir mais de 50.000 casos de demência - extrapolação para a população portuguesa, dos resultados de estudos epidemiológicos efetuados em vários países da Europa (Santana, 2005).

Esta realidade tem reforçado a importância da investigação em torno desta problemática com enfoque na intervenção propriamente dita – atividades e técnicas – junto da pessoa idosa com quadro de alteração da cognição e famílias.

Existem, essencialmente, duas tipologias de intervenção, uma mais direcionada para os aspetos relacionais/emocionais e outra mais direcionada para a estimulação das funções cognitivas. Estas modalidades ou técnicas de intervenção envolvem a estimulação cognitiva, a terapia de reminiscência, de orientação na realidade e de validação, terapia pela música, entre outras (Sequeira, 2010).

Os seus principais objetivos consistem em melhorar a função cognitiva ou evitar o seu agravamento brusco; estimular as capacidades cognitivas; manter a interação com o meio; estimular a identidade pessoal e a autoestima; e minimizar os sentimentos de ansiedade e tristeza (Sequeira, 2010).

Assumimos uma metodologia qualitativa de carácter experimental centrada em estudo de casos. Seleccionámos quatro pessoas idosas em apoio domiciliário que se encaixavam no perfil de partida – quadro de alteração da cognição (com défice

cognitivo). Foram, assim, realizadas um conjunto de atividades para aferir qual o impacto das mesmas nos casos em estudo. Foi também utilizada uma metodologia quantitativa com a aplicação da prova cognitiva de Avaliação Breve do Estado Mental (MMS).

Esta tese que agora se apresenta pretende retratar a realidade em causa e está dividida em vários capítulos.

O capítulo 1 tem início com a realidade do envelhecimento demográfico, seguindo-se a caracterização do envelhecimento na vertente biopsicossocial. O envelhecimento e dependência constituem o tema seguinte com os cuidados na velhice e respostas de apoio.

O capítulo 2 tem como tema o quadro nosológico de alteração da cognição com a descrição das funções cognitivas da memória, reconhecimento e linguagem; bem como das entidades - alteração cognitiva leve e demência. A intervenção psicológica na alteração da cognição afigura-se como o ponto seguinte de destaque.

No capítulo 3 incorporamos as fases e etapas do processo de investigação; e no último capítulo 4 são apresentados os resultados obtidos com as atividades desenvolvidas nos casos selecionados e a respetiva análise, discussão e conclusão.

Capítulo 1 – Envelhecimento - abordagens conceptuais

1.1. Envelhecimento demográfico

Foi sobretudo, a partir da segunda metade do século XX que as sociedades, principalmente as europeias, começaram a confrontar-se com o envelhecimento demográfico que depressa atingiu uma dimensão mundial. Contudo, é na Europa, que o processo de envelhecimento é mais evidente, apresentando um ritmo marcadamente acelerado em Portugal, fruto da descida rápida dos níveis de mortalidade e de fecundidade (Rosa, 2012).

Nas últimas décadas a esperança de vida, principalmente nos países industrializados, conheceu um aumento extraordinário, devido essencialmente, aos progressos da medicina, melhoria dos cuidados de saúde e sociais, mais higiene e melhor nutrição (Figueiredo, 2007). Entre 1960 e a atualidade o número de idosos aumentou 1,3 milhões (representavam 8% da população e atualmente representam 19%). Hoje, o grupo “65 e mais anos” contém mais pessoas do que o grupo dos jovens, situação que aconteceu pela primeira vez na História de Portugal, no ano de 2000. Por outro lado, verifica-se que a parcela dos idosos mais velhos (com 80 e mais anos), “a quarta idade”, tem vindo a reforçar o seu peso estatístico (Rosa, 2012).

A população deverá continuar a envelhecer, resultados prospetivos do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2009, cit. por Rosa, 2012). No futuro, em 2060, o número de pessoas com 65 e mais anos poderá ser quase o triplo do número de jovens; um em cada três residentes em Portugal poderá ter 65 ou mais anos; a população com 80 e mais anos de idade poderá representar 13% da população residente em Portugal (Projeções da População Residente em Portugal).

1.2. Envelhecimento biopsicossocial

Envelhecimento biológico

O envelhecimento consiste num processo dinâmico e progressivo no qual decorrem alterações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas (processo de senescência) que determinam perda de capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, gerando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos (Netto, 2006). O processo de envelhecimento é um processo normal,

universal, gradual e irreversível, mas que ao mesmo tempo, se exprime de forma diferenciada, na medida em que, se verifica a interação de factores internos (como o património genético) e externos como a educação, o estilo de vida, o ambiente, entre outros (Figueiredo, 2007).

O processo de envelhecimento biológico refere-se às transformações físicas que reduzem a eficiência dos sistemas orgânicos e funcionais do organismo, aumentando a vulnerabilidade do indivíduo à doença e à morte (Netto e Ponte, 2000, cit. por Figueiredo, 2007). As alterações afetas ao envelhecimento envolvem principalmente o aparecimento de cabelos brancos, lentificação progressiva dos movimentos, alterações do equilíbrio, diminuição da força muscular, diminuição da velocidade de reação, alterações emocionais e cognitivas, sendo estas mais subjetivas. E a pele e os músculos ficam com menor elasticidade (Sequeira, 2010).

Envelhecimento psicológico

O conceito de idade psicológica refere-se à relação que existe entre a idade cronológica e as capacidades do indivíduo tais como a perceção, aprendizagem, memória, as quais prenunciam o potencial de funcionamento. Do ponto de vista psicológico, avalia-se o equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, de modo a minimizar as perdas associadas ao processo de envelhecimento (Netto, 2006).

Neste âmbito emerge o conceito de velhice bem-sucedida que designa a flexibilidade de resposta do indivíduo, a competência adaptativa que integra três dimensões: a) a variante emocional, nomeadamente as estratégias para lidar com os elementos “stressores”); b) cognitiva, a capacidade de resolução de problemas); c) e a dimensão comportamental que envolve o desempenho e a competência social. A capacidade de reorganização e reajustamento individual é variável, de pessoa para pessoa (Freire, 2006).

O envelhecimento psicológico depende de fatores genéticos, ambientais, contexto sociocultural, a forma como cada um organiza e vivencia o seu projeto de vida. Assim, a manutenção de atividades significativas constitui um factor importante de equilíbrio psicológico. A manutenção da atividade está intimamente ligada ao envelhecimento bem-sucedido, através da promoção de bem-estar com repercussões ao nível da satisfação pessoal - perceção do desempenho e sentimentos de

competência (Sequeira, 2010). Um estudo realizado corrobora este aspeto, revelando uma relação positiva entre a realização de atividades e de lazer e o nível de bem-estar (Herzog et al., 1998, cit. por Freire, 2006).

Envelhecimento social

O envelhecimento social diz respeito aos impactos na vida social. O envelhecimento é imbuído do estado sociocultural de uma determinada época e sociedade, que veicula representações legitimadoras acerca das políticas de intervenção neste domínio. Tais políticas (por exemplo, envelhecimento ativo, saúde, prestação de cuidados, organização do tempo de lazer) não só transformaram a população idosa em objeto de intervenção, como reforçaram, na maior parte dos casos, as suas dependências (Dias e Rodrigues, 2012). A produção de uma política que orienta o modo de vida da velhice, reflete, assim, a própria ação do estado sobre esta categoria social (Machado, 1994, cit. por Dias e Rodrigues, 2012).

A tradição sociológica para além de relacionar o envelhecimento com a estrutura e as forças sociais, preocupa-se, igualmente, em interpretá-lo como expressão do significado que os indivíduos atribuem a esta experiência biológica, psicológica e social. Este aspeto perspetiva a análise dos significados que os indivíduos e a própria sociedade atribuem aos elementos estruturadores da velhice e do envelhecimento.

A sociologia do envelhecimento tenta demonstrar que a experiência individual do envelhecimento depende, de igual forma, de uma variedade de fatores sociais, com os quais interage. No entanto, a pesquisa neste domínio tem sido orientada segundo três tradições complementares, designadamente a perspetiva da sociologia da idade, que encara a idade como princípio estruturador da sociedade, das instituições e dos grupos. Trata-se de uma abordagem macro-estrutural dos efeitos da idade na organização social. A perspetiva da sociologia do envelhecimento centra-se num campo mais microssociológico de análise com vista a dar conta dos processos de adaptação dos indivíduos às transições, socialmente produzidas, ao longo do ciclo de vida (Dias e Rodrigues, 2012). Por último, a sociologia da velhice que a encara como um problema social, tendo na teoria da desvinculação (Comming e Henry, 1961, cit. por Dias e Rodrigues, 2012). Esta corrente tornou-se relevante no âmbito da orientação de políticas sociais.

Tendo em conta estas três tradições sociológicas, resulta claro que a análise sociológica do envelhecimento incide simultaneamente nos aspetos sociais do envelhecimento individual e no envelhecimento da sociedade, propriamente dito (Dias e Rodrigues, 2012).

Ao versar sobre os aspetos do envelhecimento, a sociologia do envelhecimento partilha este traço com a gerontologia social. Apesar da identidade específica de cada área disciplinar, desenvolveram-se ambas, essencialmente, durante a segunda metade do século XX, quando se começou a observar um fenómeno importante: o envelhecimento da população.

Contudo, a gerontologia social, enquanto especialização da gerontologia, é multidisciplinar. Para além de ter em conta as bases biológicas, psicológicas e sociais da velhice e do envelhecimento, dedica-se ao estudo das condições socioculturais e ambientais neste processo, propondo ações concretas no sentido de o melhorar. Tem uma forte componente de intervenção social (Fernández-Ballesteros, 2004, cit. por Dias e Figueiredo, 2012).

Esta fase do ciclo de vida desencadeia alterações ao nível dos papéis sociais. Com o avançar da idade decorrem mudanças no seio familiar, laboral e ocupacional, verificando-se uma tendência para a diminuição progressiva do nível da atividade.

As redes familiares vão-se alterando ao longo do ciclo vital em função do contexto familiar, trabalho e da participação na comunidade (Sequeira, 2010). Com o envelhecimento algumas pessoas significativas (familiares, amigos, companheiros) vão desaparecendo, sendo necessário reorganizar as redes de apoio informal, indispensáveis para a saúde mental e satisfação com a vida (Paúl, 2005, cit. por Sequeira, 2010).

A investigação mais recente volta-se para o estudo das relações familiares, das redes de apoio social, da prestação de cuidados à população idosa, assim como para os problemas da pobreza e das desigualdades sociais entre a população mais velha, sem descurar as questões de género, etnicidade, saúde, doença, trabalho e reforma (Wilson, 2007, cit. por Dias e Rodrigues, 2012).

1.3. Envelhecimento e dependência

Viver mais tempo aumenta naturalmente a probabilidade de ocorrerem situações patológicas quer de expressão física/biológica quer do foro mental como o quadro de alteração da cognição e demências (Machado, 2009). É a usura do tempo que coloca os organismos em situação de maior vulnerabilidade (Fernandes, 2004).

Este aspeto é corroborado por Quaresma (2004). A autora refere que as gerações mais velhas, ao viverem mais anos, estão naturalmente sujeitas à ocorrência de situações incapacitantes relacionadas com o envelhecimento biológico e/ou associadas a problemas decorrentes de doenças crónicas.

Para o quadro de dependência podem concorrer aspetos de cariz biológico, psicológicos, cognitivos, culturais, sociais, políticos e as variáveis de espaço e tempo; bem como, as circunstâncias que decorrem ao longo da vida (Rodríguez, 2005, cit. por Carvalho, 2009). Com efeito, para a autora Quaresma (2004), o declínio das capacidades físicas e mentais não afeta todas as pessoas mais velhas, nem as afeta de forma igual. Para Genier permanece impossível categorizar universalmente as pessoas dependentes face à pluralidade das patologias e à diversidade das situações de vida (cit. por Quaresma, 2004).

Estudos realizados demonstram que a esperança de vida sem incapacidade aumentou na população portuguesa. As mulheres têm uma vida mais longa mas os homens vivem mais tempo sem incapacidade de longa duração (Cabral, 2003, cit. por Carvalho, 2009).

Noção de dependência

Habitualmente, a dependência é definida como um estado, em que se encontram as pessoas, que por razões ligadas à perda de autonomia física, intelectual e psíquica têm necessidade de assistência e de suporte para realizar as atividades correntes da vida diária. Mas mais do que um estado, a dependência é considerada um processo (Carvalho, 2009).

A nova classificação de incapacidades da Organização Mundial de Saúde datada do ano de 2003 - Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, integra três conceitos interligados entre si (Figueiredo, 2007):

i) o défice na funcionalidade que consiste na perda/anomalia de uma estrutura ou função anatómica, fisiológica ou psicológica;

ii) a restrição da atividade que envolve a restrição ou perda de capacidade para exercer as atividades de vida diária, em consequência de um défice no funcionamento;

iii) e por último, a restrição da participação. Abarca as limitações que têm lugar efetivo na vida da pessoa, em estreita relação com os recursos que detém e tem acesso.

A dependência tem sido classificada de uma forma geral em três níveis; a) a fase ligeira que indica que a pessoa necessita apenas de supervisão ou vigilância; b) a fase moderada com a necessidade de supervisão e apoio para o desempenho de algumas atividades de vida diária; c) e a dependência grave que implica ajuda permanente, tratando-se por norma de pessoas acamadas ou com graves restrições de mobilidade e/ou problemática severa ao nível da cognição (Figueiredo, 2007).

1.4. Cuidados na velhice: respostas de apoio

Quando falamos de envelhecimento e de dependência temos de abordar as respostas de apoio social e de saúde. Para Quaresma (2004) o objetivo essencial da proteção social na dependência é a criação de condições que contribuam para garantir, a cada um, quaisquer que sejam as circunstâncias, o direito a ser sujeito da sua própria vida. Reconhecendo que para além dos défices, há os adquiridos, os ganhos, um capital de vida que os mais anos proporcionaram.

Para Marques (2011), as políticas sociais dirigidas às pessoas mais velhas possuem “personalidade dupla”, pois, se por um lado representam a possibilidade de uma vida mais digna; por outro na sua opinião, as diversas políticas parecem mesmo contribuir para promover uma ideia negativa das pessoas idosas, frequentemente descritas como doentes e incapazes. Considera que uma resposta de prestação de cuidados tem de ser multifacetada, tendo como filosofia de atuação a crença na possibilidade da pessoa se poder tornar mais autónoma e integrando no cuidar, a reabilitação. Reabilitação que envolve, para além da esfera funcional, os domínios cognitivo, afetivo ou emocional, social, ambiental e de reconhecimento e desenvolvimento individual.

Para o autor Hesbeen (2010), a reabilitação tem a importante missão de dar mais vida ao tempo que passa, de forma a que um tempo mais longo de vida possa ser compatível com o desenvolvimento da pessoa, não se limitando a um compasso de espera. O autor sintetiza o espírito da reabilitação e a importância desta constar no

processo de cuidar, definindo a reabilitação como sinónimo de um interesse autêntico pela pessoa, sem a reduzir à sua limitação ou problemática.

Rede de suporte formal

As respostas de apoio concedidas à pessoa idosa e/ou em situação de dependência em Portugal são garantidas através de transferências financeiras sob a forma de pensões e complementos e por recursos sociais e de saúde - serviços e equipamentos (Carvalho, 2009). A Carta Social (2009) designa estas respostas ou modalidades de apoio, por redes formais de proteção social.

O suporte social e a saúde são da responsabilidade do Estado, do mercado, da sociedade civil e da família. Ao Estado cabe o co-financiamento e a criação de normas legislativas, regras de acesso e fiscalização; à sociedade civil e família cabem prestar ações de suporte, e simultaneamente, contribuir para o seu financiamento.

Os cuidados prestados às pessoas idosas e dependentes são predominantemente desenvolvidos pela família e por organizações de solidariedade não lucrativas. Estas organizações têm tipologias diversas, com maior expressão por parte das Instituições Particulares de Solidariedade Social e das Irmandades sob a forma de diferentes respostas sociais – lares, serviços de apoio domiciliário, centros de dia e de convívio e ao nível dos cuidados de saúde (Carvalho, 2009). Assim, o setor público tem e potencia um conjunto de respostas e de programas para idosos de carácter diferenciado que se traduzem no apoio ao domicílio, a resposta de acolhimento em família, os lares, residências, centros de dia, centros de convívio, centros de noite e de férias. Dos programas destacam-se, o programa Nacional de Saúde para as Pessoas Idosas no ano de 2004, o programa de Apoio Integrado a Idosos e o programa de Turismo Sénior. Para além destes, o programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais (PARES), o programa de incentivo ao investimento, por parte do sector privado nos equipamentos sociais, bem como a Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados, iniciada em 2006 (Bandeira, 2009).

Serviço de Apoio Domiciliário

O Serviço de Apoio Domiciliário constitui-se como resposta formal de apoio dirigida a pessoas idosas e/ou em situação de dependência temporária ou permanente. Tem como objetivo apoiar/assegurar as necessidades básicas/biológicas e as atividades instrumentais da vida diária e de natureza sócio-recreativa, através da atuação de uma equipa multidisciplinar. Este conjunto de serviços é prestado no meio habitual de vida do indivíduo, contribuindo para a promoção da sua autonomia e prevenção de situações de dependência ou do seu agravamento. O serviço de apoio domiciliário deve integrar ao nível do seu modelo organizacional os seguintes serviços: cuidados pessoais e de imagem; higiene, segurança e limpeza da habitação; produção alimentar; tratamento de roupas e animação (Instituto de Segurança Social, manual de processos-chave da resposta de apoio domiciliário, 2009).

Capítulo 2 - Envelhecimento e quadro de alteração da cognição

2.1. Envelhecimento cognitivo - funções cognitivas

As funções cognitivas ou funções nervosas superiores constituem um conjunto de funções integradas que nos permitem comunicar, representar mentalmente o mundo, apreender, processar, guardar e transmitir vários tipos de informação (Martins, 2006). O estado mental de um indivíduo integra componentes muito diversas como a consciência, a memória, a atenção, a orientação, a linguagem, gnosis, praxis, o conteúdo do pensamento ou o estado do humor (Almeida, 2010).

A cognição resulta de uma interação permanente de várias regiões do sistema nervoso central (Almeida, 2010). As funções cognitivas dependem, essencialmente, dos hemisférios cerebrais (córtex e estruturas subcorticais). De um modo geral, pode dizer-se que o hemisfério esquerdo é responsável pelas capacidades verbais e por aquelas que requerem uma análise detalhada dos estímulos, nomeadamente a linguagem oral, leitura, escrita, cálculo e memória verbal. Por outro lado, o hemisfério direito é responsável pelas capacidades não verbais e pelas que requerem um processamento mais global dos estímulos - referências espaciais, memória de faces, visuoespacial e capacidades musicais (Martins, 2006).

Spar e La Rue (2005, cit. por Sequeira, 2010) referem um conjunto de variáveis que influenciam a cognição no envelhecimento, nomeadamente os fatores genéticos, saúde, escolaridade, atividade mental e física, personalidade e humor, meio social e cultural, rede social, relações mais íntimas e o treino cognitivo. Para Park (1999, cit. por Sequeira, 2010) as alterações cognitivas associadas ao envelhecimento situam-se, essencialmente, na esfera do processamento da informação e memória.

2.1.1. Memória

A memória é uma das funções mais importantes do ser humano, desempenhando um papel determinante na relação com o meio externo, na socialização, na construção da personalidade, comportamento e no desempenho em geral. Tudo o que vemos, ouvimos, cheiramos, sentimos é transformado e integrado em padrões mais ou menos complexos que poderão ser mais tarde chamados à lembrança (Pais et al., 2008).

A capacidade de uma pessoa adquirir e reter informações, bem como de as armazenar para mais tarde as reconhecer e poder aplicar, constitui a memória (Almeida, 2010).

A constituição de memórias envolve diversas fases que ocorrem de modo sequencial (Pais et al., 2008). Estas fases abarcam os mecanismos de aquisição, codificação, consolidação/armazenamento e recuperação desses conteúdos que estão relacionados com experiências de vida e estados emocionais/motivação (Almeida, 2010).

Primeiro é necessário introduzir a informação – a receção. O que se vai transformar em memória provém dos diversos órgãos dos sentidos e todas essas percepções são transmitidas ao cérebro (Pais et al., 2008). A codificação é a identificação da informação recebida. Após a codificação segue-se a fase de armazenamento ou consolidação. O nosso cérebro funciona como um computador que organiza a informação por temas, as memórias são arquivadas automaticamente (Pais et al., 2008). O processo de consolidação/armazenamento da informação compreende a formação de um engrama ou traço mnésico; o défice de armazenamento é a causa mais frequente de amnésia.

O processo de recuperação consiste em alcançar a informação anteriormente armazenada e pode ser danificado seletivamente nos casos de lesão, sugerindo mais um fenómeno de inacessibilidade às recordações do que o desaparecimento dos traços mnésicos (Manning, 2005). Ou seja, a fase de recuperação consiste na evocação consciente do material ou competências aprendidas que pode ser feita espontaneamente, com ajudas e dicas, ou ainda por reconhecimento após confrontação (Gabrieli, 2000, in Kingstone, Johnstone e Stonnington, 2002, cit. por Pais et al., 2008). Vários autores (Vreese, Neri e Fioravanti, 2001, cit. por Pais, 2008) reforçam a importância das ações de apoio de codificação como forma de facilitar a recuperação da informação pretendida.

Miotto (2002, cit. por Guerreiro, 2005) traduz estas ações de apoio ao nível da recuperação como estratégias de associação, usadas também como técnica de intervenção no âmbito destas problemáticas. Constituem-se como estratégias de compensação que auxiliam o sujeito a recordar informação armazenada. Estudos realizados sinalizam também a utilização destas estratégias como forma de melhor processar e interpretar a informação (Gonzaga e Nunes, 2008).

A memória tem diferentes classificações – a memória de reprodução imediata, sensorial ou ativa, outra para factos recentes (de curto termo ou curto prazo) e ainda outra de longo termo/remota para factos e acontecimentos adquiridos. A memória de reprodução imediata, considerada também de trabalho por alguns investigadores, retém apenas temporariamente a informação, por segundos ou minutos para que possa ser utilizada em atos de sequência imediata (Almeida, 2010).

Com efeito, as informações chegam continuamente através dos órgãos dos sentidos e mantêm-se por curtos períodos de tempo, sob a forma de memória sensorial. Esta informação pode ser rapidamente esquecida ou passar para a memória de trabalho, capaz de reter e manipular informações por determinados períodos de tempo, enquanto outras funções mentais decorrem (Gil, 1999, cit. por Pais et al., 2008).

Esta tem como componentes processuais um sistema de esboços visuoespaciais que mantém as imagens durante breves momentos; um sistema de esboços fonológicos que mantém os sons da linguagem o tempo suficiente para que se compreendam as palavras do discurso; um buffer episódico que integra os vários tipos de informação de forma perceptível; e um sistema executivo central que coordena a atenção, seleção e o controlo geral da informação (Almeida, 2010). O que acontece é que as informações processadas na memória de trabalho são posteriormente esquecidas ou então a informação passa para uma forma mais permanente de memória (Pais et al., 2008).

A memória de curto termo ou prazo é também temporária, embora persista mais tempo do que a de reprodução imediata caso os estímulos se repitam. Ao contrário, a memória remota ou de longo prazo é duradoura e não necessita de estimulação repetida. Como subtipos da memória remota existem a memória explícita ou declarativa e a memória implícita ou processual. A memória explícita é a memória para acontecimentos ou factos; a sua aquisição é relativamente rápida. Possui duas componentes que em situações de lesão cerebral, se podem perder de forma independente (Almeida, 2010). Uma das componentes constitui a memória episódica ou autobiográfica que compreende a memória de acontecimentos pessoais num determinado contexto temporal e espacial (Roediger, Dudai e Fitzpatrick, 2007, cit. por Pais et al., 2008). A outra parcela da memória explícita é a memória semântica que se refere a conceitos, ao significado das coisas (Almeida, 2010). No fundo, a

memória semântica funciona como uma espécie de enciclopédia que contém os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, o significado das palavras, objetos e conceitos (Roediger, Dudai e Fitzpatrick, 2007, cit. por Pais et al., 2008).

A memória implícita/processual é uma forma de memória a longo prazo que nos possibilita mais tarde, sem intenção nem consciência de tal, “o saber como”. Possui um subtipo que se refere à memória de competências motoras; esta memória envolve também a aprendizagem de atos específicos como por exemplo utilizar equipamentos elétricos, cozinhar ou fazer renda (Almeida, 2010).

As situações de perda de memória demonstram que os tipos e subtipos temporais de memória são processados no cérebro de forma independente. A perda da capacidade de memorizar designa-se de amnésia. As amnésias com afetação da memória remota podem ser de dois tipos: a amnésia retrógrada em que se perdem factos/acontecimentos arquivados anteriormente; e a amnésia anterógrada, na qual deixam de ser registados factos posteriores ao início do período da amnésia.

A amnésia pode ser mais ou menos seletiva para cada um tipos de memória (e pode também acompanhar-se ou não de desorientação temporoespacial). As lesões cerebrais e os processos demenciais estão mais associados a amnésia para factos recentes, do que para factos remotos.

A confabulação pode decorrer e consiste em períodos de ausência de memória com maior ou menor duração - as lacunas mnésicas. Estas são preenchidas por factos e experiências imaginadas ou que ocorreram em épocas passadas (Almeida, 2010).

Tulving (1985) preconiza a memória humana como um processo ou modelo hierárquico em que a informação é armazenada em paralelo e recuperada de maneira independente - modelo multissistema da memória (cit. por Manning, 2005). A noção da memória humana compreendendo um sistema unitário, foi substituída por um conceito multissistema. A este propósito, o modelo integrativo da memória de Baddeley (1990, cit. por Pais et al., 2008) conceptualiza a organização dos processos de memória com base na noção e sistema operativo da memória de trabalho.

2.1.2. Reconhecimento

Reconhecer e interpretar o ambiente

A possibilidade de um indivíduo reconhecer e interpretar estímulos sensoriais respeitantes a si próprio e a tudo aquilo que o rodeia, denomina-se de gnosia (Almeida, 2010).

Lissauer descreve pela primeira vez em 1890 (cit. por Manning, 2005), o défice do reconhecimento visual de objetos - “cegueira mental para as imagens” com as performances visuais preservadas. Um ano mais tarde Freud (1891, cit. por Manning, 2005) propõe o termo agnosia. Para o neuropsicólogo Hans-Lukas Teuber (cit. por Almeida, 2010), a agnosia pode definir-se como “uma perceção despida do seu significado”. Ou perturbações centrais na esfera do reconhecimento (Marr, 1987, cit. por Manning, 2005).

Para Marr (1982, cit. por Manning, 2005) o reconhecimento tem como base uma espécie de descrição simbólica armazenada ou representação. Segundo o neurologista alemão Henrich Lissauer (cit. por Almeida, 2010) existem dois estádios no processo de reconhecimento. Um estádio aperceptivo, no qual as características sensoriais do que é percebido se encontram integradas num conjunto, seguindo-se depois um estádio associativo em que aquilo que se percebeu é comparado com experiências prévias e revestido, assim, de significado. Na agnosia distinguem-se habitualmente três formas clínicas, consoante o défice existente - audição, tato ou visão. No exemplo de uma flor, se o doente tiver uma agnosia visual não é capaz de reconhecer a entidade como uma flor, apesar de a poder ver e de ser capaz de a descrever.

Pensamento

O pensamento constitui-se como um processo mental mais complexo (Yassuda e Abreu, 2006). Cattell diferenciou o conceito de inteligência fluida e cristalizada (Horn e Cattell, 1966, cit. por Neri, 2006). A primeira de base fisiológica e a segunda de base educacional/experiencial. Assim, a inteligência fluida incorpora as capacidades mentais primárias como o raciocínio, memória e velocidade do processamento que declinam com a idade, em função das mudanças neurológicas e sensoriais afetas ao envelhecimento. Por sua vez, a inteligência cristalizada depende

substancialmente da influência da cultura e não diminui com a idade, a menos que decorra declínio significativo nas capacidades fluidas.

Para Lemaire e Bherer (2012), os desempenhos cognitivos diminuem com a idade na razão direta da dificuldade do problema. Os estudos realizados em matéria de resolução de problemas permitiram verificar que quanto mais complexo era o problema, mais significativos eram os efeitos negativos do envelhecimento. Ou seja, nas ações mentais que envolvem mais recursos cognitivos, os efeitos do envelhecimento são também mais significativos.

2.1.3. Linguagem

A linguagem verbal/oral é uma função específica e muito complexa do sistema nervoso da espécie humana. Envolve processos elaborados de codificação, bem como a integração de mecanismos diversos. São esses o falar, a emissão de sinais orais em código; a compreensão desses sinais quando captados pelo sentido da audição; a representação gráfica do código verbal ou a escrita; e a interpretação visual das sequências de símbolos gráficos ou a leitura. São usadas áreas cerebrais distintas para produzir, ouvir e ler as palavras, situadas habitualmente no hemisfério cerebral dominante, que para quase cem por cento das pessoas dexas é o esquerdo (Almeida, 2010).

A linguagem segundo o modelo de Geschwind (1960, cit. por Manning, 2005) é composta por dois pólos: a expressão e a vertente recetiva. A primeira está implicada na programação da produção linguística; ao passo que as interações entre as informações novas e as armazenadas se realizam na vertente recetiva.

A lesão de áreas específicas no hemisfério dominante pode provocar uma afasia - perturbação da função da linguagem na ausência de qualquer alteração nos órgãos necessários para a fonação (Almeida, 2010). A afasia é definida como uma perturbação adquirida da linguagem cuja origem é o aparecimento de uma lesão cerebral. A afasia afeta as representações cerebrais das regras linguísticas e dos conhecimentos lingüísticos. A prevalência da afasia é de 2/1000 e a causa mais frequente são os acidentes vasculares cerebrais (Manning, 2005). Existem duas patologias afásicas principais. A afasia de Broca (lesão nessa mesma área cerebral) onde o sujeito apresenta um discurso não fluente e aprosódico, ou seja, sem a entoação ou musicalidade que são próprias do idioma. Associa-se a incapacidade para

a escrita, ou agrafia, mas estão conservadas a compreensão da linguagem falada e da leitura. A sintaxe/gramática está nesta situação mais prejudicada do que a semântica, o significado dos vocábulos (Almeida, 2010). Nesta afasia de Broca, a redução da eficiência linguística está presente no tratamento fonológico, lexical (ausência da palavra exata, muitas vezes compensada pelo gesto) e gramatical. A linguagem é difícil e mais vagarosa, por causa da perturbação de seleção das palavras exatas e da dificuldade de encadeamento dos fonemas. O défice de construção das frases ou agramatismo gera um discurso qualificado de telegráfico, na medida em que o sujeito omite as palavras sem conteúdo semântico, como por exemplo: “Menino cair mãe açoites”. Estudos realizados sugerem que a capacidade de denominar é muitas vezes seletiva mediante a categoria à qual pertencem os estímulos (Manning, 2005).

Por sua vez, quando a lesão cerebral envolve a área de Wernicke, o indivíduo fica com uma perturbação ao nível da compreensão da linguagem – incapacidade de perceber as palavras e frases ouvidas. A escrita e a leitura estão habitualmente dificultadas, mas a expressão verbal encontra-se mantida e o discurso é fluente, com a prosódica e a articulação verbal corretas. Na afasia de Wernicke existe uma pobreza de conteúdo semântico e com frequência são utilizadas palavras inventadas “jargão”. Habitualmente, a perturbação de linguagem não é reconhecida, o que em gíria neurológica se designa por anosognosia (Almeida, 2010). Embora seja relativamente compreensível - em termos de articulação da palavra -, o discurso é na maior parte das vezes desprovido de sentido, apesar das frases serem geralmente construídas, segundo as regras de base da gramática. Este quadro clínico (caracterizado desde 1847) é mais frequente em fase aguda de doença crónica (Manning, 2005).

2.2. Alteração Cognitiva Leve

O conceito de alteração cognitiva leve foi proposto para designar os indivíduos não demenciados, mas portadores de um défice cognitivo leve que se expressa em alterações na memória (Petersen et al., 2001, cit. por Canineu et al., 2006).

A alteração cognitiva leve expressa-se de modo diferenciado. O perfil mais frequente corresponde ao mnésico, que se restringe à alteração da memória recente, mantendo-se intactas as restantes funções cognitivas, bem como um desempenho regular das atividades de vida diária e sócio-ocupacionais. A segunda tipologia

caracteriza-se pela presença de pelo menos duas funções cognitivas alteradas; e a alteração cognitiva leve unilateral, em que a função da memória não se encontra afetada (Canineu et al., 2006). Foi introduzida uma outra categoria por Hachinski (1994, cit. por Canineu et al., 2006) com origem vascular, cuja etiologia se relaciona com microenfartes cerebrais.

Alteração cognitiva leve e demência

Vários estudos foram desenvolvidos sobre a incidência da demência, em particular da Doença de Alzheimer (DA) em indivíduos com alteração cognitiva leve (Petersen et al., 2001, cit. por Canineu et al., 2006). Os resultados de uma investigação norte-americana (com acompanhamento longitudinal por quatro anos), revelaram um padrão de conversão de alteração cognitiva leve para demência ou DA, de 12% ao ano. Em suma, a análise das várias investigações mostra que os indivíduos caracterizados com prejuízo cognitivo mas que não se encaixam nos critérios de demência, apresentam maior risco de a poder desenvolver (Canineu et al., 2006).

Outros estudos apontam para que os sujeitos com presumível etiologia neurodegenerativa, determinando as alterações de memória, tendam a evoluir clinicamente para quadro de demência ou DA (Petersen e Morris, 2005, cit. por Canineu, et al., 2006).

2.3. Demência

Em Portugal deverão existir mais de 50.000 casos de demência - extrapolação para a população portuguesa, dos resultados de estudos epidemiológicos efetuados em vários países da Europa.

A demência consiste numa síndrome clínica, definida como um défice adquirido ao nível das capacidades cognitivas e da memória em particular com repercussão ao nível da capacitação face às atividades de vida diária. Os doentes apresentam, para além das alterações da memória, uma deterioração de múltiplas funções cognitivas – desorientação pessoal, espacial e temporal, perturbações ao nível da linguagem e do movimento, dificuldades no planeamento e execução de tarefas. O quadro clínico tem um perfil crónico e progressivo (Santana, 2005).

Para o diagnóstico de demência são utilizados, sobretudo, dois critérios de classificação. O ICD-10, International Classification of Diseases, no qual para que

exista uma síndrome demencial deve ocorrer defeito aos níveis da memória, juízo crítico, capacidade executiva e de processamento geral da informação (a sintomatologia deve estar presente há pelo menos seis meses, interferindo no desempenho das atividades quotidianas).

O segundo critério de classificação corresponde ao DSM-IV, Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. Para que se considere síndrome demencial deve ocorrer defeito de memória e de outras funções mentais, suficientemente graves para interferir de forma significativa com o desempenho social ou profissional (Mendonça e Garcia, 2006).

Assim, a síndrome demencial tem como expressão clínica, múltiplas entidades patológicas, sendo a mais frequente a doença de Alzheimer (Santana, 2005).

Fases da síndrome demencial

As fases ou etapas da demência são habitualmente descritas tendo como base a evolução da DA. A primeira fase pauta-se pela presença de défice ao nível da memória, que afeta sobretudo a memória recente. A evocação de factos antigos está relativamente preservada, em detrimento da capacidade para memorizar os acontecimentos quotidianos. A pessoa não reúne nesta fase os critérios de demência, na medida em que se encontra relativamente autónoma (Santana, 2005).

Na segunda fase, o doente começa a demonstrar dificuldade em planear e executar tarefas e nas relações temporais. Uma alteração também muito frequente é a dificuldade de nomeação – de evocar nomes de objetos e pessoas. Neste estágio, a pessoa perde alguma da sua autonomia e os défices são notados pelos familiares. À medida que as limitações se tornam progressivamente mais incapacitantes, começam também a evidenciar-se dificuldades de concentração (a pessoa tem dificuldade em focalizar a atenção na tarefa a executar, dispersando-se); na orientação espacial; o discurso torna-se repetitivo (perseveração).

O indivíduo deixa de reconhecer algumas pessoas (prosopagnosia); confunde os objetos menos habituais (agnosia); fica mais lento, apático; displicência com a sua apresentação pessoal e higiene; e não reconhece os seus próprios défices. São também muito frequentes nesta fase, as alterações do comportamento e outros sintomas psiquiátricos: agitação vs apatia, insónia, desconfiança (delírio paranóide ou de roubo) e agressividade (Santana, 2005).

Na fase mais severa da doença, o défice de memória é muito grave não existindo praticamente retenção de informação, o discurso torna-se fragmentado e vazio, o doente não reconhece os familiares (as pessoas significativas), e é incapaz de assegurar as atividades de vida diária mais simples (como a higiene, alimentação e eliminação). Na reta final, o doente pode ficar acamado, incontinente e incapaz de comunicar verbalmente (Santana, 2005).

O diagnóstico clínico de síndrome demencial envolve quatro etapas: a história clínica que permite conhecer a evolução dos sintomas; a definição do perfil de compromisso cognitivo através da avaliação neuropsicológica; o exame neurológico; e a investigação complementar, incluindo o estudo laboratorial e de imagem. (Santana, 2005).

Causas de demência

A demência é uma síndrome com características gerais comuns em todas as suas formas, mas com características próprias que individualizam cada uma delas. Por esta razão, é utilizado habitualmente o termo demências, no plural. Em seguida desenvolvem-se as entidades que pela sua frequência merecem mais atenção. A doença de Alzheimer, demência com corpos de Lewy e as demências frontotemporais, do grupo das demências degenerativas; e a demência vascular, do grupo das demências secundárias (Mendonça e Garcia, 2006).

Clinicamente a doença de Alzheimer caracteriza-se por uma alteração progressiva e irreversível da memória, deterioração de outras funções cognitivas e alterações do comportamento. Estas manifestações clínicas parecem ser determinadas por alterações em determinados sistemas de neurotransmissão. As alterações neuropatológicas são essenciais ao diagnóstico definitivo: a) a perda neuronal seletiva b) e os marcadores histológicos que incluem as tranças neurofibrilares intraneuronais, e a deposição de amiloide sob a forma de placas senis (Santana, 2005).

A investigação desenvolvida nos últimos anos permitiu identificar um conjunto de alterações do metabolismo ou erros genéticos que de forma direta ou indireta, intervêm na fisiopatologia da doença de Alzheimer (Santana, 2005).

A demência com corpos de Lewy é para alguns autores a segunda forma de demência degenerativa mais prevalente; outros consideram-na uma situação mista de duas patologias – a doença de Alzheimer e de Parkinson. A maioria dos doentes

apresenta flutuação temporal dos sintomas cognitivos associada a défice de atenção, episódios sincopais e quedas, alucinações visuais e grande sensibilidade aos neuroléticos (Santana, 2005).

As manifestações clínicas da demência frontotemporal evidenciam alterações do comportamento precoces (exuberantes) e da conduta social, dificuldades de planeamento e perturbações da linguagem. As funções visuoespaciais encontram-se relativamente preservadas até às fases mais avançadas da doença (Santana, 2005).

Por último, a demência vascular decorre de multienfartes vasculares, que geram o aparecimento de défices cognitivos ou o seu agravamento. Manifesta-se de uma forma relativamente abrupta e apresenta um perfil temporal e gradativo, com flutuações do défice cognitivo (Santana, 2005). Esta demência pode ser prevenida por um controlo adequado dos fatores de risco vasculares (prevenção primária) e por via medicamentosa de cariz anticoagulante - prevenção secundária.

2.4. Intervenção psicológica na alteração da cognição

A necessidade de melhorar a qualidade de vida e bem-estar da pessoa idosa, dos doentes com demência e das suas famílias tem empolado a importância dos programas de reabilitação. Proliferam múltiplas abordagens que devem ser adaptadas a cada situação, a cada indivíduo. Apesar do interesse crescente por esta temática nas últimas décadas, não existem evidências seguras sobre a eficácia das diferentes modalidades de intervenção não farmacológica nos doentes com demência. Com efeito, estas técnicas de reabilitação têm como base a participação ativa da pessoa com incapacidade, no sentido de reduzir o impacto da doença e as dificuldades no quotidiano, independentemente das modalidades que possam ser utilizadas (Guerreiro, 2005).

Existem, essencialmente, duas tipologias de intervenção, uma mais direcionada para os aspetos relacionais/emocionais e outra mais direcionada para a estimulação das funções ou processos mentais. Estas modalidades ou técnicas de intervenção envolvem a estimulação cognitiva, a terapia de reminiscência, de orientação na realidade e de validação, terapia pela música, entre outras (Sequeira, 2010). O autor salienta que qualquer técnica a implementar deverá ter por base uma avaliação cognitiva e/ou neuropsicológica, de modo a identificar os défices e as funções que podem ser estimuladas. Os principais objetivos das referidas modalidades

de intervenção são as seguintes: promover ou manter por um tempo mais lato a autonomia; melhorar a função cognitiva ou evitar o seu agravamento brusco; estimular as capacidades cognitivas; manter a interação com o meio; estimular a identidade pessoal e a autoestima; minimizar os sentimentos de ansiedade e de tristeza.

As principais modalidades de intervenção

Estimulação cognitiva

A estimulação cognitiva dirige-se, essencialmente, à esfera mnésica através de um método individual adaptado a cada pessoa, ao estágio de doença em que se encontra, em função dos défices existentes e da deterioração global. As estratégias visam potenciar as capacidades que ainda se mantêm ativas. O treino da memória obtém melhores resultados se enquadrado no contexto individual e quando dirigido a tarefas ligadas a défices concretos (Zanetti et al., 2001, cit. por Sequeira, 2010). A estimulação cognitiva tem evidenciado efeitos positivos, sobretudo, em doentes com demência leve e moderada (Tárraga, 1994, cit. por Sequeira, 2010).

Terapia pela música

A terapia com música é outro método de intervenção utilizado em pessoas com demência de qualquer gravidade, com o objetivo de diminuir problemas comportamentais e cognitivos e melhorar o funcionamento social e emocional (Guerreiro, 2005).

Gregory (2002, cit. por Guerreiro, 2005) aplicou este método num grupo de idosos com defeito cognitivo mas sem demência, e noutro grupo com diagnóstico de demência de Alzheimer, concluindo que é um tipo de intervenção que dinamiza a interação social entre doentes e cuidadores e que aumenta a produção de respostas afetivas. Brotons e Koger (2000, cit. por Guerreiro, 2005) intercalaram sessões de música com sessões de conversação para melhorar as competências cognitivas, tendo concluído que a técnica da terapia pela música melhora quer o desempenho da fluência do discurso espontâneo quer o próprio conteúdo do discurso.

Técnica de reminiscência

A técnica de reminiscência foi desenvolvida por Woods (1992, cit. por Guerreiro, 2005) e utilizada em pessoas idosas com demência através da estimulação da memória remota, geralmente preservada por mais tempo. Com efeito, os acontecimentos passados são lembrados, e desenvolvidos assuntos à volta da informação que o próprio sujeito recorda (poderão ser usadas fotografias, música, vídeos, livros, revistas ou outros estímulos que possam ser eficazes na evocação das memórias). Alguns trabalhos têm mostrado (Nussbaun, 1997, cit. por Guerreiro, 2005) que as pessoas com alteração da cognição têm mais facilidade em recordar um determinado conteúdo se nele estiverem envolvidos ou se nele tiverem participado.

Um estudo realizado (Kiernat, 1979, cit. por Guerreiro, 2005) com esta técnica envolvendo idosos com demência salientou o aumento da conversação e interesse.

Uma outra investigação revela que os resultados obtidos num grupo de doentes submetidos a esta técnica de reminiscência, não demonstraram diferenças significativas face ao grupo de controlo, notando-se, contudo, uma melhoria muito ligeira (Baines et al., 1987, cit. por Guerreiro, 2005).

Técnica de orientação na realidade

Esta técnica que foi criada por Folsom (1966, cit. por Guerreiro, 2005) visa uma reaprendizagem da informação afeta ao processo de orientação, de modo a melhorar o sentido de controlo e de autoestima. Esta técnica tem como alvo as pessoas com alterações de memória e desorientação pessoal, espacial e temporal, envolvendo temas como a data, espaço, localização, informação pessoal, entre outras possibilidades. Hanley et al. (1981, cit. por Guerreiro, 2005) não encontraram modificações comportamentais relevantes com esta técnica, mas os seus dados sugerem uma tendência para a melhoria nas capacidades cognitivas.

Técnica de validação

A técnica de validação foi desenvolvida por Feil entre 1963 e 1980 (cit. por Guerreiro, 2005) com a finalidade de estimular a comunicação das pessoas com defeito cognitivo, embora seja também usada em casos de demência. Tem como base a escuta ativa, o significado individual da realidade do doente “o aqui e agora”. Para Feil os benefícios desta técnica constituem a diminuição do grau de alheamento em

relação ao exterior; promoção da comunicação/interação com o outro; e a redução da tensão emocional/ansiedade (1967, 1993, cit. por Guerreiro, 2005). Esta técnica possibilita a melhoria da autoestima e a promoção da autonomia (Sequeira, 2010).

Situado o problema e as possíveis respostas ao mesmo tempo, passamos de seguida à apresentação da metodologia e das estratégias para o desenvolvimento das atividades no caso das pessoas idosas com alteração da cognição que usufruem de serviço de apoio domiciliário.

Capítulo 3 - Fases e etapas do processo de investigação

3.1. Fundamentação da investigação

A maior longevidade humana transporta também uma maior vulnerabilidade face ao aparecimento de situações de alteração da cognição. As funções cognitivas como a memória, reconhecimento, pensamento e linguagem poderão ficar afetadas ou evidenciar deterioração. Estas limitações cognitivas vão refletir-se ao nível da autonomia no âmbito das atividades de vida diária. Com efeito, as respostas formais de apoio instituem-se como um suporte importante para a pessoa idosa e família, como, por exemplo, o serviço de apoio domiciliário.

Esta resposta, para além de assegurar a satisfação das necessidades físicas/biológicas da pessoa idosa, deve também desempenhar um papel importante no âmbito da avaliação e estimulação cognitivas. No momento, a linha de orientação da entidade reguladora das instituições não lucrativas (particulares de solidariedade social) com respostas dirigidas à pessoa idosa, centra-se numa atuação mais abrangente atribuindo um peso muito relevante às atividades de estimulação/animação.

Nesse sentido, consideramos pertinente compreender o impacto das atividades de estimulação cognitiva na pessoa idosa com alteração da cognição em resposta de serviço de apoio domiciliário, e na medida em que, não existem também investigações de índole nacional desenvolvidas.

3.2. Pontos de partida e objetivo

Os pontos de partida da presente investigação incidiram nos seguintes aspetos:

- O número significativo de pessoas com idade avançada caminha lado a lado com a vulnerabilidade para a ocorrência ou manifestação de alterações na cognição. Esta realidade ganha vida com o número cada vez mais expressivo destas problemáticas.
- A pessoa idosa com alteração da cognição necessita de apoio no seu dia a dia e de respostas formais de ajuda que complementem a atuação da rede informal, caso exista. Estas respostas têm e deverão ter um papel importante também no que toca à avaliação das competências existentes no plano cognitivo e na estimulação das mesmas para que perdurem por mais tempo.

- As pessoas idosas que integravam a resposta de apoio domiciliário com quadro de alteração da cognição - perfil de seleção da amostra.

Objetivo

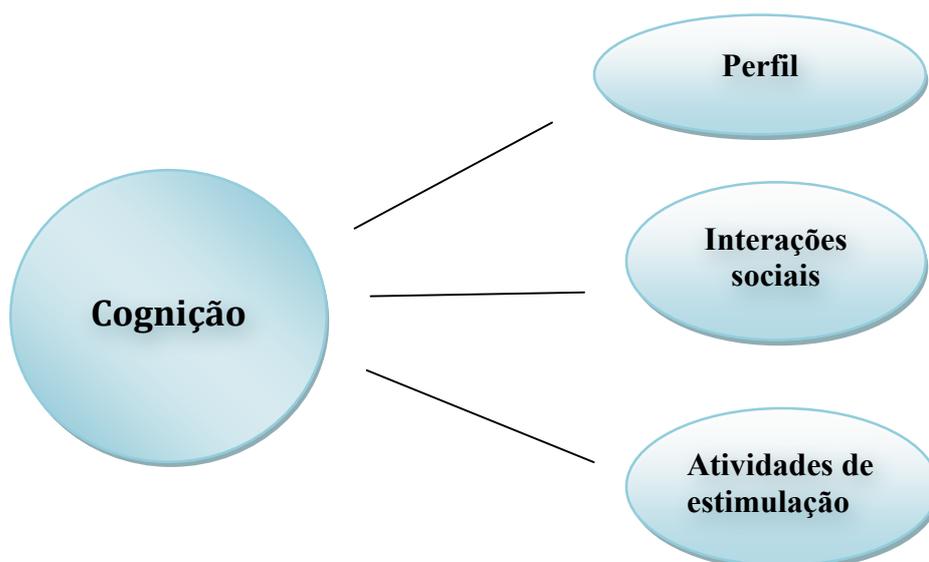
O presente trabalho tem como finalidade compreender a importância das atividades de estimulação cognitiva em resposta de apoio domiciliário com pessoas idosas com quadro de alteração da cognição e aferir o seu impacto.

3.3. Modelo de análise

A cognição constitui o eixo central de análise do presente estudo. Por sua vez, são três as dimensões de análise: 1) o perfil da pessoa idosa em resposta de serviço de apoio domiciliário; 2) as interações sociais; 3) e as atividades de estimulação desenvolvidas nas categorias/funções cognitivas da memória, reconhecimento, pensamento e linguagem.

Em baixo, figura a representação do modelo de análise abarcando o eixo de análise central – a cognição – com as respetivas dimensões em estudo.

Modelo de análise – cognição em pessoas idosas



Em seguida apresentamos as três dimensões em análise, bem como as respetivas categorias e variáveis.

Dimensões de análise: categorias e variáveis

Dimensão	Categoria	Variáveis
Perfil	- Descrição de cada um dos quatro casos e Estado Mental(défice cognitivo) com a aplicação da prova cognitiva(MMS).	- Género sexual; idade; estado civil e existência de descendentes; escolaridade; percurso de vida (profissão; local onde habita; outros locais onde viveu; as atividades ocupacionais do momento); e estado mental (défice cognitivo).
Interações sociais	- A estrutura relacional de cada um dos quatro casos (contactos sociais e rede de suporte/apoio).	- Vive sozinho ou acompanhado; figuras de apoio; presença relacional diária (tempo acompanhado).
Atividades de estimulação	- Funções cognitivas da memória, reconhecimento, pensamento e linguagem.	- Atividades de estimulação desenvolvidas; resultados obtidos; Grau de recetividade/cooperação nas atividades.

3.4. Percurso metodológico

A investigação teve início com a definição do tema, a revisão da literatura, definição da metodologia utilizada e identificação da instituição onde os dados iriam ser recolhidos. O Centro Comunitário de Desenvolvimento Social de Lisboa, Instituição Particular de Solidariedade Social foi selecionado como instituição de suporte formal de apoio domiciliário, na medida em que o investigador exerce funções laborais na entidade em causa, em psicologia.

Em interação com a diretora técnica foi selecionada a amostra pretendida – pessoas idosas com quadro de alteração da cognição (com défice cognitivo). Após esta etapa, o examinador recolheu os dados respetivos e iniciou a fase de contactos

com os utentes e família. Primeiro foram contactados telefonicamente os familiares de referência para os informar acerca da investigação, nomeadamente os objetivos, a metodologia e questões éticas; e para solicitar a autorização.

Foi também pedido que permitissem a realização de uma visita domiciliária à pessoa idosa em causa para que o examinador veiculasse o propósito do estudo e para obter o manifesto de vontade. Salientamos que este processo foi bastante célere, agraciando a disponibilidade dos utentes e da respetiva família.

A recolha de dados começou em novembro de 2012 com a aplicação da prova cognitiva de Avaliação Breve do Estado Mental (MMS), tendo a segunda aplicação decorrido no mês de janeiro de 2013. A realização das sete atividades com cada um dos quatro elementos envolvidos iniciou-se em novembro de 2012 com cadência de uma vez por semana e culminou em janeiro de 2013. Após cada atividade o examinador elaborava o respetivo diário de bordo.

Sequentemente, teve início a fase de análise dos resultados obtidos nas atividades, tendo em conta as respetivas dimensões, categorias e variáveis de análise. Foi um processo bastante denso, pois existia muita informação relativa às atividades que foi sendo organizada e analisada por categorias da cognição (funções cognitivas), em conjunto com o perfil e interações sociais de cada um dos casos.

3.4.1. Métodos e técnicas

A presente investigação apresenta duas metodologias de trabalho. O método qualitativo correspondeu ao estudo de casos. Analisámos os resultados obtidos nos quatro casos selecionados nas sete atividades de estimulação desenvolvidas, procurando os aspetos comuns e as diferenças.

No estudo de caso, examina-se o caso ou um pequeno número de casos em detalhe, em profundidade, no seu contexto natural, reconhecendo-se a sua complexidade e recorrendo-se, para isso, a todos os métodos que se revelem adequados (Gómez et al., 1996; Punch, 1998; Yin, 1994, cit. por Coutinho, 2013). O estudo de caso é uma investigação empírica (Yin, 1994, cit. por Coutinho, 2013); que se baseia no raciocínio indutivo (Gómez et al., 1996, cit. por Coutinho, 2013); e que depende fortemente do trabalho de campo (Punch, 1998, cit. por Coutinho, 2013). Guba e Lincoln (1994, cit. por Coutinho, 2013) consideram que num estudo de caso o investigador pode: a) relatar ou registar os factos tal como sucederam; b)

descrever situações ou factos; c) proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado; d) comprovar ou contrastar efeitos e relações presentes no caso.

O estudo de caso pode assumir duas vertentes, o estudo de caso único e o estudo de casos múltiplos ou comparativo (Bogdan e Biklen, 1994; Punch, 1998; Yin, 1994, cit. por Coutinho, 2013).

Por sua vez, a metodologia quantitativa compreendeu a aplicação da prova cognitiva de Avaliação Breve do Estado Mental (MMS); aplicada em dois momentos - antes e depois da realização das atividades. Esta prova afigura-se como instrumento de avaliação cognitiva de referência, uma vez que possibilita o despiste de défice cognitivo, de acordo com o grau de escolaridade (Sequeira, 2010).

A prova MMS é da autoria de Folstein et al. (1975, cit. por Sequeira, 2010), sendo traduzida e adaptada para a população portuguesa por Guerreiro et al. (1994, cit. por Sequeira, 2010). Permite avaliar a orientação, retenção, atenção e cálculo, evocação, linguagem e habilidade construtiva; cada resposta correta é cotada com um ponto. A sua cotação global varia entre 0 e os 30 pontos; tendo em conta a amostra do presente estudo é considerado defeito cognitivo uma pontuação inferior ou igual a 22 unidades, para um nível de escolaridade entre 1 a 11 anos.

Atividades de estimulação cognitiva desenvolvidas

Seguidamente constam as atividades realizadas com a identificação das respetivas funções cognitivas em análise, em cada uma delas, nomeadamente a memória nas vertentes episódica, semântica e de trabalho; o reconhecimento na esfera visual; o pensamento com base em ações de semelhança e diferença; e por último, a linguagem no pólo expressivo. Foram realizadas, assim, sete atividades com cada um dos quatro casos entre novembro de 2012 e janeiro de 2013.

Atividades desenvolvidas: funções cognitivas

Atividades realizadas	Funções cognitivas	Amostra/casos			
		Caso 1	Caso 2	Caso 3	Caso 4
Atividade n.º 1 reminiscência frases da vida	Memória episódica	✓	✓	✓	✓
Atividade n.º 2 o seu mundo	Memória semântica e reconhecimento (visual)	✓	✓	✓	✓
Atividade n.º 3 palavras qual prefiro e provérbios	Memória de trabalho e memória semântica	✓	✓	✓	✓
Atividade n.º 4 A imagem que não faz parte	Reconhecimento (visual) e pensamento	✓	✓	✓	✓
Atividade n.º 5 música	Memória semântica	✓	✓	✓	✓
Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens)	Memória semântica	✓	✓	✓	✓
Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte	Pensamento (semelhança e diferença)	✓	✓	✓	✓

Descrição das atividades

A primeira atividade desenvolvida de reminiscência, frases da vida, teve como objetivo estimular os aspetos de vida ou memórias. A função cognitiva envolvida foi a memória de cariz episódico. Ressalvamos que neste grupo de atividades cada caso teve um guia de trabalho específico, tendo em conta a sua história de vida e informação conhecida pelo examinador.

A segunda atividade realizada foi o seu mundo. Teve como fim compreender os conhecimentos relativos a um conjunto de conceitos propostos mediante a utilização de imagens - animais, frutos, flores, letras e objetos. Nesse sentido, foram

solicitados nomes ou exemplos de cada um dos conceitos. Os processos de cognição em causa envolveram a memória semântica e o reconhecimento visual.

A terceira atividade efetuada integrou duas parcelas. A primeira, palavras qual prefiro, consistiu na escolha de uma palavra, a partir de um conjunto de duas com teor contrário e temas vários, sendo a memória de trabalho a categoria de análise. A tarefa seguinte envolveu um conjunto de provérbios para completar e a memória semântica constituiu-se como a função em estudo.

A quarta atividade desenvolvida, a imagem que não faz parte, abarcou a apresentação de quatro grupos de imagens com três elementos cada, alusivos a diferentes categorias para potenciar, numa primeira fase, o processo de reconhecimento; numa segunda instância foi solicitada a seleção da imagem que estaria a mais no conjunto de três – que não pertencia à categoria dominante. As funções cognitivas envolvidas foram o reconhecimento visual e o pensamento - semelhança e diferença.

A quinta atividade envolveu música portuguesa com a apresentação de um conjunto de canções, sendo três delas de sonoridade tradicional com o intuito de estimular as funções cognitivas de memória de vertente semântica.

A atividade seguinte foi o seu mundo, sem apresentação de imagens. Foram pedidos nomes pertencentes às categorias animal, localidades, profissões, frutos e letras A, M e P (nomes iniciados pelas mesmas). A categoria ou processo de cognição envolvido foi a memória semântica.

A última atividade desenvolvida foi a palavra que não faz parte. Três grupos foram apresentados com categorias diferenciadas sendo o propósito sinalizar qual das três palavras de cada conjunto estaria a mais, não integrando, assim, a categoria dominante. Nesta atividade, o processo de cognição foi o pensamento - semelhança e diferença.

3.4.2. Amostra/participantes

A amostra envolveu quatro pessoas idosas com alteração da cognição, integradas em resposta social de apoio domiciliário em Lisboa – Centro Comunitário de Desenvolvimento Social de Lisboa com sede na freguesia do Alto do Pina. A referida amostra é de género feminino com idades compreendidas entre os 83 e os 92 anos.

3.4.3. As questões da ética em investigação

O investigador é desafiado a deter um conjunto de princípios que contribuem para um processo de investigação de maior qualidade, instituindo-se como mais relevantes os seguintes aspetos (Sousa e Baptista, 2011):

- O investigador constrói conhecimento;
- Informa os participantes sobre o estudo que se vai desenvolver, em relação ao processo de investigação e à divulgação de resultados;
- Respeita e garante os direitos daqueles que participam no processo de investigação;
- Protege os participantes de quaisquer danos ou prejuízos que possam decorrer do resultado dos dados;
- Solicita autorização para divulgar os dados que são recolhidos;
- Informa os participantes dos resultados finais da investigação;
- Garante a confidencialidade da informação obtida, salvo os que não se opuserem;
- E solicita autorização das instituições a que pertencem os participantes para que estes possam colaborar no estudo.

Para não ocorrerem em situações de plágio devem ser referenciadas todas as fontes utilizadas; com “fidelidade” em relação aos dados recolhidos, não forjando resultados e conclusões (Sousa e Baptista, 2011).

No presente estudo o princípio da confidencialidade face à informação recolhida foi salvaguardado, designadamente, com a atribuição de nomes fictícios a cada um dos quatro casos da amostra em análise.

Assim, e tendo em conta o plano de trabalho e os princípios seguidos, apresentamos de seguida os resultados e o impacto da realização das atividades nos casos estudados.

Capítulo 4 – Apresentação e análise dos resultados - estimulação cognitiva

4.1. Apresentação do estudo de casos

Os resultados obtidos são apresentados de forma individualizada em cada um dos quatro casos com a seguinte organização dos dados: inicialmente constam as dimensões de análise relativas ao perfil, estado mental e interações sociais de cada uma das pessoas idosas envolvidas no estudo; sequentemente, tem lugar a apresentação afeta às atividades de estimulação desenvolvidas, tendo em conta as categorias ou funções cognitivas de análise tais como a memória nas vertentes episódica, semântica e de trabalho, o reconhecimento na esfera visual, o pensamento (semelhança e diferença) e a linguagem no pólo expressivo.

4.1.1. Caso 1: Sra. Helena (nome fictício)

Perfil: A Sra. Helena tem 84 anos, é viúva e tem dois descendentes. Habita em Lisboa na freguesia de S. João de Deus e a sua escolaridade corresponde ao ensino básico/primário (embora não completo). Começou a trabalhar muito cedo com atividade na agricultura e como empregada doméstica. Veio para Lisboa tinha 18/19 anos de idade. Após o casamento foi comerciante de profissão, sendo proprietária durante muitos anos de uma mercearia.

Estado mental

Pontuação prova cognitiva MMS	
Primeira aplicação da prova: novembro 2012 Défice cognitivo \leq 22 pontos	Segunda aplicação da prova: janeiro 2013 Défice cognitivo \leq 22 pontos
21 pontos	18 pontos

Observação: para a corte portuguesa e tendo em conta a escolaridade da amostra do estudo, é considerado défice cognitivo uma pontuação na prova MMS inferior ou igual a 22 pontos para um nível de escolaridade entre 1 a 11 anos (Guerreiro et al., 1994, cit. por Guerreiro, 2005).

Interações sociais: A Sra. Helena vive sozinha, tem como principal figura prestadora de cuidados um dos descendente (de género masculino) que a visita diariamente e um elemento da sua rede de vizinhança que assume um papel de

supervisão e de companhia. Passa muito tempo do seu dia sem acompanhamento e tem como ocupações dominantes a televisão e as tarefas domésticas que ainda consegue realizar.

Atividades de estimulação cognitiva

a. 1. Memória episódica

Atividade de reminiscência n.º 1 frases da vida. Nesta atividade a Sra. Helena lembrou de forma desenvolta, sem ajuda aspetos da sua vida propostos como o local onde nasceu, onde viveu a sua infância, as memórias boas, a cidade de Lisboa. Neste item recordou “foi em Lisboa que conheci o meu marido”. E outros temas como o seu trabalho na mercearia, a casa onde há tantos anos habita. Foi visível que tiveram para si impacto temas como a terra natal e o seu trabalho. Com esta atividade foram conhecidas mais informações acerca da Sra. Helena, da sua história. Não se verificaram perturbações de linguagem (no âmbito da expressão).

a.2. Memória semântica

Atividade n.º 2 o seu mundo. A Sra. Helena quando convidada a referir outros nomes de animais disse “ah existem tantos, agora sei lá”. Enumerou depois exemplos de animais que integraram a sua história de vida como “burra e cão”. E posteriormente outros como lobo, raposa, boi, e vaca. Para a categoria flores/plantas, disse inicialmente “há tantas flores”. Com a ajuda do examinador que disse “rosas” enunciou depois três flores. Na categoria letras (J, V, F e L) verbalizou nomes de pessoas iniciados pelas mesmas, referenciando nomes familiares. Para a categoria frutos disse “existem muitos...”. Respondeu depois um fruto; e nomeou os frutos que constavam nas imagens.

Atividade n.º 3 provérbios. A Sra. Helena fez a tarefa sem dificuldade, completando todos os provérbios. Recordou assim os nove provérbios propostos.

Atividade n.º 5 música. A Sra. Helena conseguiu lembrar as músicas propostas do grupo n.º 1, com maior evidência na última música “Lisboa à noite” (cantou em conjunto com o examinador o refrão respetivo). Perante o segundo grupo de músicas, lembrou e reconheceu com grande rapidez e entusiasmo (cantou parcelas das músicas). Revelou muito agrado pela atividade e iniciativa para participar.

Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens). A Sra. Helena respondeu sem dificuldade e com rapidez. Para a primeira categoria deu quatro respostas (animais); na categoria localidades nomeou “Leiria, Coimbra e Lisboa” (representando aspetos da sua vida, referenciais). Nas profissões conferiu três nomes e para frutos, três respostas também. Para a última categoria, verbalizou dois nomes de pessoas na letra A; três na letra M e dois para a letra P.

a.3. Memória de trabalho

Atividade n.º 3 palavras, qual prefiro. A Sra. Helena mostrou capacidade para reter as duas palavras propostas e dar a sua resposta ou seleção de palavra. Justificou as suas respostas, lembrando outros aspetos de vida (acrescentando assim mais informação pessoal).

b.1. Reconhecimento visual

Atividade n.º 2 o seu mundo. A Sra. Helena perante as imagens dos animais mostrou reconhecimento, excepto da figura vaca. A ajuda do examinador conferiu identificação sequente “ah uma vaca mas que coisa horrível não parece nada”. Identificou as imagens seguintes como referentes a flores/plantas. Na categoria letras decorreu reconhecimento de cada imagem proposta, bem como para o conjunto de imagens seguintes alusivas a frutos. Perante as figuras de objetos vários verificou-se também rápida identificação.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. Nos quatro grupos de figuras verificou-se capacidade de reconhecimento por parte da Sra. Helena (embora sem nomeação para a figura esquilo).

c.1. Pensamento (semelhança e diferença)

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. A Sra. Helena no primeiro grupo de imagens que integrava as letras M, D e a figura cenouras conseguiu selecionar a peça adequada. No segundo grupo decorreu a mesma situação, retirou a imagem do barco das restantes peças de vestuário (meias e camisola). Nas três imagens seguintes selecionou como imagem a mais, a do animal (esquilo) diante das figuras de dois pássaros; e disse “ah sai esta, não é nenhum pássaro”. No último grupo, a imagem incorreta foi selecionada, o martelo face às peças alusivas aos números três (3) e quatro (4) “então o martelo não é nenhum número, claro”.

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte. A Sra. Helena respondeu corretamente no primeiro grupo de três palavras, que malmequer era a resposta que deveria sair. E deu a seguinte explicação “porque o malmequer é amarelo”. No segundo grupo foi necessário precisar de novo o objetivo da tarefa e respondeu “então o chocolate é para comer, Lisboa é

nossa e Porto não gosto”, selecionando também a palavra correta. Antes do último grupo com a necessidade de a lembrar de novo sobre o objetivo da tarefa, referiu o a palavra Júlia como resposta, justificando-a do seguinte modo “porque Júlia começa pela letra J e as outras não”.

d.1. Linguagem (pólo expressivo)

A Sra. Helena não apresentou limitações ao nível da linguagem.

4.1.2. Caso 2: Sra. Francisca (nome fictício)

Perfil: A Sra. Francisca tem 83 anos de idade, é viúva e tem um descendente. Habita em Lisboa na freguesia de S. João de Deus e a sua escolaridade constitui o ensino básico/primário. A sua vinda para Lisboa aconteceu teria cerca de 18/19 anos, após o casamento. Foi costureira de profissão e porteira no prédio onde habita.

Interações sociais: A Sra. Francisca vive sozinha e o filho afigura-se como o principal prestador de cuidados, verificando-se um contacto presencial diário pelo menos duas vezes por dia. Possui também apoio/supervisão diários por parte de duas pessoas da sua rede de relações. O seu dia tem muitas horas “sem companhia”, ocupando-se com a televisão, a leitura e o pequeno leque de atividades domésticas que executa.

Estado mental

Pontuação prova cognitiva MMS	
Primeira aplicação da prova: novembro 2012 Défice cognitivo \leq 22 pontos	Segunda aplicação da prova: janeiro 2013 Défice cognitivo \leq 22 pontos
08 pontos	09 pontos

Atividades de estimulação cognitiva

a.1. Memória episódica

Atividade de reminiscência n.º 1 frases da minha vida. A Sra. Francisca lembrou os aspetos de vida propostos, mas precisou de ajuda, efetivamente, pequenas questões que foram colocadas. Foram apresentados aspetos como o local onde nasceu, as suas memórias de

pequena. Disse a este propósito “lembro-me de brincar na rua, dos bailes...”. E outros pontos da sua vida como a família (descendente, netos/bisneto), o seu trabalho como porteira, na costura e o gosto pelo fado. Os temas que tiveram maior impacto foram a terra natal e o trabalho. Foram conhecidas mais informações acerca da sua história. Verificou-se perturbação ao nível da linguagem, no pólo expressivo e presença alucinação/atividade delirante (por momento/pontual).

a.2. Memória semântica

Atividade n.º 2 o seu mundo. A Sra. Francisca perante o pedido para referir outros nomes de animais do seu tempo de pequena respondeu “não tinha galinhas, nem porcos nem coelhos”. Decorreu novo pedido (para animais) e nomeou dois que integravam as imagens da tarefa “galinha e porco”. Verificou-se uma distorção perceptiva; viu minhocas numa das imagens, no pormenor da relva. Para a categoria flores/plantas disse “há muitas”, mas não conseguiu referir nomes de flores - decorreu outra distorção perceptiva, visualizou cobras. Na categoria letras (J, V, R e L), a Sra. Francisca verbalizou um nome para as letras J (nome descendente), L e V. Na categoria frutos respondeu “há tantos”, tentou nomear um fruto que gostava muito mas não o conseguiu fazer “figo”. Foi necessário motivá-la para responder; e muitas vezes foi preciso orientar para o pedido em causa. A Sra. Francisca evidenciou perturbação ao nível da linguagem expressiva.

Atividade n.º 3 provérbios. A Sra. Francisca conseguiu completar sem ajuda dois provérbios (embora com perturbação ao nível da linguagem com pronúncia incorreta e imprecisa). Em dois dos nove provérbios decorreu apoio para resposta (dificuldade ao nível da expressão linguística). Mostrou não identificar dois dos provérbios apresentados. Completou o último mas não com as palavras efetivas. Em suma, a Sra. Francisca reconheceu sete dos provérbios propostos, mas apenas conseguiu recordar e completar sem ajuda, dois deles.

Atividade n.º 5 música. A Sra. Francisca conseguiu recordar as músicas que integravam o primeiro grupo, com maior evidência na última melodia “Lisboa à noite”, pois acompanhou o examinador no refrão “na, na, na...”. Existência de perturbação ao nível da linguagem, pólo expressivo. No segundo grupo, lembrou e reconheceu as músicas, participando da seguinte forma; batia com as mãos nas pernas e dizia em cada uma delas “esta eu conheço”. E acompanhou, “cantou” sobretudo o refrão, também do seguinte modo “na, na, na...”. Mostrou agrado pela atividade.

Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens). A Sra. Francisca na categoria animal evidenciou tempo de latência - com dádiva de duas respostas, sendo a segunda incorreta “cão e brincadeira”. O examinador colocou de novo a questão, reorientação, mas a Sra. Francisca não conseguiu veicular mais respostas. Para localidades foram dadas três com maior rapidez “Barreiro, Coimbra, Grândola e Porto” (duas delas integrando aspetos da sua vida, referenciais). Nas profissões deu três nomes; com apoio para a nomeação de uma delas, apontou para o seu anel para designar a profissão ourives – perturbação da linguagem expressiva. Para a categoria frutos concedeu uma resposta. Na última categoria, nomes com a letra A, a Sra. Francisca verbalizou uma palavra iniciada pela letra em causa “amor”; deu depois um nome de pessoa correto. O examinador colocou de novo a questão, reorientação, desta vez para outras letras com dádiva sequente de dois nomes: assim para a letra M referiu “Angelina” (dado no item anterior). Nova questão e orientação, mas sem sucesso (não conseguiu conferir mais respostas). E por último, para a letra P deu um nome.

a.3. Memória de trabalho

Atividade n.º 3 palavras, qual prefiro. A Sra. Francisca teve capacidade para reter as duas palavras propostas e dar a sua resposta (escolha de palavra). Justificou as suas respostas mas apenas nos últimos quatro pares de palavras, recordando outros aspetos de vida (veiculando informação pessoal, com aumento deste conteúdo). Esteve presente perturbação no pólo expressivo da linguagem.

b.1. Reconhecimento visual

Atividade n.º 2 o seu mundo. A Sra. Francisca nas imagens relativas a animais reconheceu inicialmente o gato, o porco e a galinha. No cartão do porco decorreu distorção percetiva (visualizou minhocas nos traços verdes que traduziam a relva). Ainda, neste grupo, no cartão da vaca, não mostrou reconhecimento inicial, tendo o examinador feito nomeação “ah, mas estas manchas que tem, é muito feia, não parece nada”, disse. A Sra. Francisca não conseguiu referir verbalmente a categoria flores/plantas, mas verificou-se reconhecimento, pois apontou para as plantas e flores que tinha na sala onde decorria a atividade (perturbação da linguagem expressiva, nomeação). Na categoria seguinte, letras, verificou-se um rápido reconhecimento de cada imagem proposta (L, R, V e j). Não identificou inicialmente as figuras alusivas aos frutos. O examinador nomeou a figura pêra que desencadeou a seguinte resposta “ah uma pêra”. Após pedido de designação da imagem maçã, verificou-se adequado reconhecimento/designação. Todavia, não revelou reconhecimento para as restantes figuras (ananás e uvas). Perante as imagens de objetos vários, a Sra. Francisca fez rápida identificação do lápis, chávena/pires e panela/tacho. Para

a imagem do boneco de neve disse “parece um Picasso” (e reconheceu o chapéu, o cachecol e o nariz cenoura do boneco de neve). Mostrou dificuldade ao nível da linguagem, pólo expressivo (nomeação de palavras); e presença de alucinação visual que não afetou a execução e empenho na tarefa.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. A Sra. Francisca no primeiro grupo de imagens identificou a letra M; mas nomeou de modo errado a letra D, inicialmente (sendo designada como O); a figura cenoura foi reconhecida ou percecionada como cebola e depois como rabanete. Consciência da dificuldade em encontrar o nome dos conceitos “eu sei o que é, mas... é uma cebola, não é, é um rabanete”. A Sra. Francisca conseguiu no grupo dois identificar as imagens respetivas (camisola, meias e barco). No grupo três reconheceu as figuras apresentadas; contudo, o técnico conferiu resposta para o primeiro estímulo, o número 4 (quatro). Depois, conseguiu nomear a figura do número 3, mas não a do martelo, o estímulo seguinte. Não foi apresentado o item seguinte (pela limitação ao nível do pensamento). Verificaram-se limitações da linguagem expressiva (nomeação) e confusão/atividade delirante por tempo limitado.

c.1. Pensamento (semelhança e diferença)

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. No primeiro grupo, a Sra. Francisca não conseguiu selecionar a imagem correta para exclusão - não se conseguiu focar no pedido e corresponder. Para o grupo seguinte de imagens verificou-se um pensamento de semelhança, encontrando um pormenor comum (as “riscas”) entre as imagens meias e barco, nas suas velas. No terceiro grupo, identificou um detalhe como não estando correto na imagem do martelo (o cabo do mesmo, visualmente com cor diferente). Respondeu “esta parte aqui não está bem”. O grupo de imagens das figuras pássaros e esquilo, não foi apresentada.

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte. A Sra. Francisca no primeiro grupo atribuiu como resposta a palavra malmequer, justificando “o malmequer pode ter...” (pretendia transmitir, sem o exprimir efetivamente as cores que a flor poderia ter). Para as três palavras seguintes disse “Lisboa é um sítio para viver, Porto uma cidade e chocolate para comer”. Necessidade de a orientar para o objetivo da tarefa (a palavra que teria de sair) com a resposta correta (chocolate). No último grupo, respondeu “banana é para comer, Deolinda para comer também, e maçã...”. O examinador colocou a questão afeta ao objetivo da tarefa e respondeu “maçã”.

d.1. Linguagem (pólo expressivo)

Atividade de reminiscência n.º 1 frases da vida. A Sra. Francisca mostrou dificuldade e incapacidade em designar determinadas palavras. Por exemplo, pretendia nomear o nome do bisneto mas não o conseguiu fazer sem ajuda. E noutro item, pretendia designar uma rua de Lisboa onde ia levantar peças de roupa para trabalhar em casa “Ai como se chama...”, disse. Dificuldade em expressar o que quer passar ao outro. Discurso pouco fluido, pouco rápido e muitas vezes pouco nítido, por isso. Utilização do gesto como forma de auxílio para a comunicação com a necessidade de que lhe sejam colocadas questões específicas.

Atividade n.º 2 o seu mundo. A Sra. Francisca mostrou incapacidade para designar alguns conceitos e palavras. Por exemplo, não conseguiu nomear as imagens apresentadas como flores. Respondeu “isto são...”. E ao mesmo tempo, olhou e apontou para as flores reais que existiam na sala ou espaço onde nos encontrávamos. Não conseguiu nomear também um fruto que referiu apreciar muito. Ajuda para o efeito, seguindo-se um sorriso “sim, gosto muito de figos, não consigo parar de comer”.

Atividade n.º 3 Provérbios. A Sra. Francisca pronunciou algumas frases de forma incorreta, de forma imprecisa. Por exemplo, no provérbio Águas passadas não movem moinhos, a palavra “movem” é dita de forma incorreta. Decorreu uma situação semelhante na frase seguinte, na parcela que faltava do provérbio Água mole em pedra dura tanto dá até que fura. A letra f de fura foi excluída. Verificou-se necessidade de apoio na resposta para completar dois provérbios, apesar de ter tido capacidade para os lembrar.

Atividade n.º 3 palavras qual prefiro. Nesta atividade, a Sra. Francisca não conseguiu nomear determinadas palavras. Por exemplo, não conseguiu referir o nome da sua terra natal (apoio para o efeito). Algumas palavras foram pronunciadas de forma incorreta, de forma imprecisa –após apoio para resposta, pronunciou de forma incorreta o termo respeitante à sua terra natal. As respostas foram curtas, embora se tenha verificado um discurso mais produtivo em dois itens, na escolha entre os dois pares de palavras “sair ou estar em casa” e “sozinha ou acompanhada”. Algumas das frases apresentaram-se construídas de modo incompleto e demoradas na sua edificação final “banho não, pés na água”, disse no item “praia ou campo”.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. A Sra. Francisca teve dificuldade em “chegar” à palavra pretendida. Por exemplo, para nomear a letra D, disse inicialmente tratar-se da letra O (mas sem ajuda, atribuiu depois a letra correta). Consciência desta limitação/dificuldade

“não é não, é um D”. Situação semelhante para a figura cenouras, mas sem nomeação correta “eu sei o que isto é..., estou mesmo a ver..., é cebola..., não é não, é rabanete”. Utilização da função do objeto, daquilo para que serve o que queria dizer ou designar. Por exemplo, para nomear a figura camisola disse, inicialmente, antes de conferir designação efetiva “isto é para vestir”. E de forma análoga, mas com utilização de gesto, referindo-se à imagem do martelo “isto é aquilo de dar”, disse (fazendo em simultâneo o gesto específico), mas sem conseguir nomear o objeto martelo.

Atividade n.º 5 música. A Sra. Francisca revelou muita dificuldade em verbalizar as palavras do refrão de uma das músicas do primeiro grupo, que visivelmente apreciou. E fê-lo do seguinte modo “na, na, na” (Lisboa à noite foi a música). O mesmo sucedeu nas restantes músicas do grupo dois, sobretudo no refrão, com participação positiva no âmbito das suas capacidades e no ritmo “certo”, o “na, na, na”.

Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens). A Sra. Francisca apesar das limitações no campo da expressão conseguiu nomear uma palavra para a categoria “que animais conhecia”, (dádiva livre) com tempo de cadência evidente. Respondeu “cão”. Para frutos disse “bananas”, dizendo que não se lembrava de mais nada. Nas categorias seguintes foi mais produtiva, profissões e localidades (nesta última, utilização de referenciais de vida, em duas das respostas). Nas profissões, verificou-se dificuldade de nomeação, utilizando o gesto como auxílio. Apontou para o seu anel com o objetivo de designar a profissão de ourives. Para a última categoria “nomes de pessoas iniciadas pelas letras A, M e P”, conseguiu verbalizar, após uma primeira tentativa sem sucesso, o nome de Angelina (disse inicialmente amor); para a letra M não conferiu qualquer nome, apesar de nova orientação/pedido do examinador; e na letra P verbalizou um nome correto.

4.1.3. Caso 3: Sra. Antónia (nome fictício)

Perfil: A Sra. Antónia tem 92 anos de idade, é viúva e tem dois descendentes. Vive em Lisboa, na freguesia de S. João de Deus, e tem como escolaridade o ensino básico/primário. Foi auxiliar de ação educativa numa escola de ensino secundário.

Interações sociais: A Sra. Antónia tem a presença constante de uma figura informal de apoio que consigo coabita; bem como, as frequentes visitas, sobretudo por parte de um dos filhos (género masculino), que se institui como principal

prestador de cuidados. O seu dia é passado “de modo acompanhado” com a presença da referida figura de apoio/supervisão. Gosta de ler e de se deslocar ao exterior.

Estado mental

Pontuação prova cognitiva MMS	
Primeira aplicação da prova: novembro 2012 Défice cognitivo \leq 22 pontos	Segunda aplicação da prova: janeiro 2013 Défice cognitivo \leq 22 pontos
08 pontos	05 pontos

Atividades de estimulação cognitiva

a.1. Memória episódica

Atividade de reminiscência n.º 1 frases da minha vida. A Sra. Antónia lembrou os aspetos de vida propostos, mas necessitou de questões concretas para poder pronunciar-se e veicular um sim ou um não. Mostrou um grau de desenvoltura muito reduzido. Foram referenciados aspetos de vida como a terra onde decorrem as suas férias, a cidade/freguesia onde habita, o seu trabalho na escola. Perante este item sorriu. O último aspeto colocado residiu nas deslocações ao exterior que tanto refere apreciar. Os temas que tiveram maior impacto foram os alusivos à terra onde se desloca para férias e o trabalho. Não foram conhecidas mais informações da Sra. Antónia com a presente atividade. Verificou-se perturbação ao nível da linguagem muito evidente, no pólo expressivo.

a.2. Memória semântica

Atividade n.º 2 o seu mundo. A Sra. Antónia não conseguiu referir nomes de animais, e não conseguiu identificar a categoria no seu todo sem ajuda, inicialmente. Disse “ai que bonitas”. Com efeito, foram colocadas questões específicas e de perfil fechado como estratégias de apoio e de expressão. Nas categoria flores/plantas e frutos, não conseguiu evocar nomes. Mas perante a categoria letras, verbalizou com estímulo direto do examinador, os nomes dos descendentes (nas letras L e N). Em síntese, lembrou sem ajuda, inicialmente, apenas a categoria letras; não se verificou o mesmo para as restantes (animal, flores/plantas e frutos). A necessidade de formular questões muito concretas, de cariz fechado. Verificou-se perturbação da linguagem expressiva.

Atividade n.º 3 provérbios. A Sra. Antónia conseguiu completar três provérbios, mas sempre com ajuda, excepto no primeiro (acompanhou o examinador na resposta). Em suma, reconheceu e recordou apenas três provérbios. Evidenciou perturbação ao nível da linguagem no pólo expressivo.

Atividade n.º 5 música. A Sra. Antónia conseguiu recordar as melodias do grupo um, excepto uma das músicas. Na última música, participou de modo espontâneo “Lisboa à noite” (acompanhou um pouco o examinador no refrão). Relativamente ao segundo grupo, lembrou e reconheceu com rapidez (acompanhou, “cantou” o refrão das músicas em paralelo com o examinador). Apesar da perturbação da linguagem expressiva, nesta tarefa, e sobretudo no segundo grupo de músicas, verificou-se um discurso mais fluido e participação/iniciativa. Foi perceptível o agrado pela atividade.

Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens). A Sra. Antónia respondeu apenas na categoria nomes de pessoas, na letra M, após segunda insistência (dando a resposta Maria). E também referiu um nome iniciado pela letra L “Luís”, apesar desta não integrar a tarefa (aspeto de vida, referencial). O examinador concedeu algumas respostas nas categorias animal, frutos e nomes, com a resposta sequente “ah pois”. E curiosamente na categoria animal, apontou para uma peça em loiça de um cão, depois do técnico designar um gato em loiça na sala onde decorria a atividade.

a.3. Memória de trabalho

Atividade n.º 3 palavras, qual prefiro. A Sra. Antónia mostrou capacidade para reter as duas palavras propostas. Justificou a sua resposta apenas num dos pares “dia ou noite”, dizendo que “dia, há mais luz”(não se verificou transmissão de conteúdo pessoal). Mostrou perturbação da linguagem evidente, no pólo expressivo.

b.1. Reconhecimento visual

Atividade n.º 2 o seu mundo. Nas imagens/figuras relativas a animais não se verificou inicialmente reconhecimento, por parte da Sra. Antónia. O técnico referiu que as peças eram animais. Seguidamente, decorreu um questionamento de identificação para cada imagem, por parte do examinador. Pareceu reconhecer depois, as figuras gato, galinha e porco (apesar de não conseguir concretizar designação oral; perturbação da linguagem expressiva, nomeação). Apontou para um gato de loiça que estava no espaço onde nos encontrávamos. Perante a imagem da vaca referiu “não sei o que isto é”. Perante a nova categoria flores/plantas sucedeu o mesmo, não se verificou identificação inicial das peças respetivas. O

examinador referiu que as figuras em causa eram flores/plantas. E nessa altura, direcionou o olhar para as plantas e flores que estavam no espaço. Não decorreu reconhecimento das peças alusivas a frutos, inicialmente. O técnico referiu que se tratavam de frutos. Seguiu-se um questionamento de identificação para cada figura, por parte do examinador, sem capacidade de reconhecimento e de nomeação das figuras pêra, ananás e maçã. Respondeu “ah pêra”; “ah maçã”. Na imagem uva não conseguiu veicular o nome respetivo mas apontou para a peça de uva em loiça que tinha. Nas imagens das letras (D, L, N e R) decorreu, inicialmente, e pela primeira vez, ao longo da tarefa, reconhecimento da categoria em causa e de cada letra em particular, excepto da letra N “são letras”, disse. Identificou os objetos vários apresentados sob a forma de imagens, excepto o boneco de neve que achou engraçado, mas não conseguiu realizar verbalização efetiva face a nenhuma das peças. Neste grupo, perante a figura do lápis respondeu “este é...”, e olhou para a sua mala. Na imagem da chávena/pires, disse “então é aquilo... aquilo assim” (com evidente perturbação ao nível da linguagem, pólo expressivo e de nomeação das palavras).

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. A Sra. Antónia nas primeiras imagens propostas, identificou as letras M e D, mas não a figura cenouras. O examinador fez a designação e a participante soltou “ah pois é”. Perante o segundo grupo de imagens, reconheceu a peça meias, mas não a figura alusiva a camisola e barco. Com a nomeação do examinador das duas últimas imagens surgiu “ah pode ser, pois é”. O conjunto de imagens seguintes envolveu as imagens dos números três (3) e quatro (4). Não reconheceu e nomeou a figura do esquilo, mas com a resposta do examinador disse “pois é”. No último grupo, reconheceu as duas imagens de pássaros (aves) e o martelo (embora sem capacidade de nomeação, para este último).

c.1. Pensamento (semelhança e diferença)

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. No primeiro grupo de imagens, a Sra. Antónia conseguiu selecionar a imagem correta (cenouras), apontando para a mesma, porém, sem capacidade de justificar a sua opção. Nos grupos seguintes de imagens sucedeu o mesmo, conseguiu selecionar as imagens que não estariam corretas no conjunto (o barco e o esquilo, respetivamente), mas sem explicar a sua escolha. Porém, no último grupo de imagens não selecionou a figura para “saída” ou exclusão (duas imagens de pássaros e um martelo).

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte. Não decorreu capacidade de selecionar a palavra que deveria sair, de alcançar o objetivo da tarefa. A Sra. Antónia selecionou,

especificamente, as palavras Porto e Azul (como se constituíssem as palavras da sua preferência, parecendo entender a tarefa nesse sentido).

d.1. Linguagem (pólo expressivo)

Atividade de reminiscência n.º 1 frases da vida. A Sra. Antónia mostrou muita dificuldade em veicular um discurso espontâneo acerca de um tema aberto - colocação de questões ou aspetos muito concretos que exigissem apenas um sim ou não ou pequenas devoluções. Por exemplo, perante a pergunta gosta de ir a Lourinhã (nome fictício), respondeu “gosto muito de lá ir”. Presença de frases pequenas na sua dimensão e deficientemente construídas “homens, sim” (face à questão da simpatia das pessoas dessa localidade).

Atividade n.º 2 o seu mundo. Nesta atividade, a Sra. Antónia revelou incapacidade em nomear os conceitos em causa. Por exemplo, perante a imagem visual da chávena/pires, disse “então é aquilo... aquilo assim”. A utilização do gesto como auxílio de linguagem, de expressão. O apontar para as uvas de loiça como forma de designação “está ali”. Perante o objeto lápis apontou para a sua mala e disse “este é”. Outro exemplo, foi, após apoio para reconhecimento da figura gato apresentada, apontou para um gato de loiça que tinha na divisão onde decorria a atividade (mas sem o nomear). Discurso muito pobre, com ausência evidente das ferramentas linguísticas (grande dificuldade de expressão). Verificou-se necessidade de colocar questões muito concretas para que decorresse participação ou devolução linguística. Por exemplo face à questão gosta de ananás, respondeu “sim”.

Atividade n.º 3 provérbios. Nesta atividade, decorreu a pronúncia incorreta, de forma imprecisa de uma das palavras, por parte da Sra. Antónia. Por exemplo, no provérbio Águas passadas não movem moinhos, a palavra “movem” é dita de forma incorreta. Necessidade de apoio linguístico para respostas que sabia efetivamente (para o completar de dois provérbios em particular).

Atividade n.º 3 palavras, qual prefiro. Muita dificuldade, por parte da Sra. Antónia, em desenvolver conversação/processo de linguagem com respostas muito curtas, apesar do apoio ao nível das duas palavras nesta tarefa. Perante a escolha entre frio ou calor, respondeu calor, e face ao pedido sequente de justificação devolveu “agora não sei dizer”. Frases pequenas na sua dimensão, deficientemente construídas e demoradas na sua construção “televisão não”, respondeu no item televisão ou ler. Contudo, perante o item dia ou noite conferiu uma resposta um pouco mais fluida e desenvolvida “dia, há mais luz”.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. A Sra. Antónia revelou dificuldade ou incapacidade em designar determinados estímulos. Nomeou as letras M e D mas não o fez para a imagem cenouras. No item seguinte de imagens, conseguiu designar a figura meias mas não o fez para a figura da camisola e do barco. Outro exemplo, constituiu as imagens dos números três (3) e quatro (4), nas quais conferiu nomeação/designação, mas sem capacidade para o fazer face ao estímulo visual do esquilo.

Atividade n.º 5 música. A Sra. Antónia apesar das evidentes limitações ao nível da linguagem expressiva, conseguiu veicular algumas palavras do refrão da última música, do primeiro grupo “Lisboa à noite”, com o apoio do examinador (ou seja, acompanhando-o no refrão, cantando ou entoando algumas palavras). O mesmo sucedeu para as outras músicas (segundo grupo, tradicionais), sobretudo no “Bailinho da Madeira” e “A caminho de Viseu”.

Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens). A Sra. Antónia revelou muita dificuldade e incapacidade em nomear nomes para as categorias solicitadas. Conseguiu apenas na última categoria apresentada - “nomes de pessoas iniciadas por letras”. Fê-lo para a letra M, após novo pedido do técnico (motivação ou insistência) e disse “Maria”. Foram introduzidas neste caso e especificamente outras letras – L e D. Para a letra L nomeou o nome de um dos descendentes (referencial pessoal) e para a letra D deu o seu próprio nome como resposta.

4.1.4. Caso 4: Sra. Laura (nome fictício)

Perfil: A Sra. Laura tem 92 anos de idade, é viúva e tem dois descendentes. Habita em Lisboa, na freguesia de S. João de Deus, e a sua escolaridade corresponde ao ensino básico/primário. Trabalhou num loja de roupas na localidade natal; após o casamento, foi doméstica e desenvolveu a atividade de catequista.

Interações sociais: A Sra. Laura vive sozinha e a sua rede de suporte é composta pelos filhos (género masculino), que se afiguram como principais prestadores de cuidados. O seu dia marca muitas horas sem acompanhamento; a televisão e as pequenas atividades domésticas que executa, constituem a sua ocupação.

Estado mental

Pontuação prova cognitiva MMS	
Primeira aplicação da prova: novembro 2012 Défice cognitivo \leq 22 pontos	Segunda aplicação da prova: janeiro 2013 Défice cognitivo \leq 22 pontos
21 pontos	21 pontos

Atividades de estimulação cognitiva

a.1. Memória episódica

Atividade de reminiscência n.º 1 frases da minha vida. A Sra. Laura lembrou de forma desenvolvida, sem ajuda aspetos da sua vida tais como a cidade natal, o seu labor como vendedora e catequista. Neste último item, decorreu confabulação (falsa memória). Nomeou uma igreja de Lisboa, perto da sua habitação, com o nome de uma outra da sua terra natal. Outros temas foram abordados como família/amigos, rua/freguesia onde habita e atividades que gostou/gosta de desenvolver. Neste tema, verbalizou “gostei de dar catequese e de trabalhar na loja”. Os temas com maior impacto foram a terra natal e o trabalho. Foram conhecidas mais informações acerca da sua história. Não se verificaram perturbações de linguagem (no âmbito da expressão).

a.2. Memória semântica

Atividade n.º 2 o seu mundo. Face ao pedido do examinador a Sra. Laura respondeu que havia tido os seguintes animais “a gata favorita e o gato topitó”; bem como, “pássaros e galinhas”. Perante novo estímulo, mas para evocação livre, verbalizou o “cão” e o nome de dois animais que constavam das imagens propostas. Na categoria flores/plantas, respondeu que se lembrava de outras flores, mas não referenciou qualquer nome. Verificou-se apoio na resposta - o examinador disse “rosas” e a Sra. Laura disse, que era a sua preferida. Perante a categoria letras deu uma resposta muito rápida, dizendo nomes de pessoas (um respetivamente) iniciados pelas letras R, V, E, L (com atribuição de nomes familiares). Para a categoria frutos atribuiu um nome “bananas”. A este propósito disse “eu gostava muito”.

Atividade n.º 3 provérbios. A Sra. Laura fez a tarefa de forma célere, embora tenha preenchido de modo incorreto um deles. Reconheceu e lembrou os nove provérbios propostos.

Atividade n.º 5 música. A Sra. Laura conseguiu recordar as melodias, excepto uma das músicas do primeiro grupo. Na última música, participou espontaneamente “Lisboa à noite” (cantou de forma fluida, sem ajuda, o refrão). No segundo grupo, recordou e reconheceu com rapidez as músicas, decorrendo participação ativa (cantou o refrão e parcelas das melodias). Verificou-se agrado pela atividade.

Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens). A Sra. Laura na categoria animais veiculou uma resposta “gato” (aspeto de vida, referencial), apesar do tempo de latência. Sequentemente, maior rapidez e produção para localidades “Faro, Lisboa e Porto” (as duas primeiras, aspetos de vida, referenciais). Em profissões deu três respostas. Na categoria frutos referiu “pêro, maçã e banana” (aspetos de vida, referencial, preferência). E por último, três nomes para cada letra apresentada (A, M e P).

a.3. Memória de trabalho

Atividade n.º 3 palavras, qual prefiro. A Sra. Laura mostrou capacidade para reter as duas palavras propostas e dar a sua resposta ou seleção de palavra. Justificou as suas respostas, lembrando outros aspetos de vida (acrescentando mais informação pessoal). Presença de confabulação (falsa memória/verbalização que é transmitida como se ainda decorresse). Referenciou que às vezes sai para comprar café para beber em casa e que se desloca a casa da irmã em Setúbal (a Sra. Laura não sai sem acompanhamento há já algum tempo). Presença por tempo limitado de atividade delirante e alucinatória (não comprometendo a execução e empenho na tarefa).

b.1. Reconhecimento visual

Atividade n.º 2 o seu mundo. A Sra. Laura perante as imagens de animais mostrou reconhecimento célere, excepto da figura da vaca. A ajuda do examinador conferiu identificação “ah isto é uma vaca mas muito esquisita”. Identificou as imagens seguintes como referentes a flores/plantas. Na categoria letras decorreu reconhecimento de cada imagem proposta (E, L, R e V). Nas categorias frutos e objetos vários, decorreu também identificação das peças envolvidas, excepto do boneco de neve “isto aqui um boneco muito mal feito”.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. Nos quatro grupos de figuras verificou-se capacidade de reconhecimento inicial, excepto para duas situações: na imagem alusiva ao número quatro (4), o examinador designou a categoria “parece ser um número”, e a participante disse “ah pois é”. E o reconhecimento do número três (3) deu-se de seguida. A

outra situação decorreu com a imagem do esquilo, não tendo decorrido efetivo reconhecimento (não recordou o nome, nem fez nomeação). Disse “tem um grande rabo”. Com a resposta do examinador respondeu “ah pois sim”.

c.1. Pensamento (semelhança e diferença)

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. A Sra. Laura no primeiro e segundo grupos selecionou a peça “a mais”, respetivamente, as figuras cenoura e barco. Disse para o primeiro grupo “então não é nenhuma letra” e para o seguinte “porque não era para vestir”. O mesmo decorreu para os restantes grupos de imagens, com a seleção do esquilo e do martelo, dizendo acerca deste último “então vê-se que não é nenhum número”.

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte. No primeiro grupo de palavras, a Sra. Laura partilhou em voz alta o seu pensar e disse “então Lisboa e Porto são sítios, e chocolate é para comer”. O examinador colocou a questão, qual das palavras deveria sair, com a seguinte resposta “Chocolate porque é para se comer”. Para o segundo grupo de palavras respondeu banana, após o técnico ter reavivado o pedido. Decorreu nova tentativa de resposta (incitada pelo examinador) com a seguinte devolução “banana é um fruto, Deolinda é um nome e maçã é também um fruto”. Necessidade de nova orientação de apoio para lembrar o objetivo, surgindo depois a resposta correta “Deolinda porque é um nome”. No último grupo (necessidade de nova orientação para o objetivo) decorreu apoio para processo de pensamento ou de análise, pois a Sra. Laura nada dizia. O examinador suscitou a designação de conceito das palavras amarelo, azul e malmequer - correspondeu de forma correta. Apoio para lembrar o objetivo da tarefa com dádiva seguinte da resposta certa.

d.1. Linguagem (pólo expressivo)

A Sra. Laura não mostrou défice no domínio da linguagem.

4.2. Comparação dos resultados obtidos nas atividades

a. Memória

a.1 Memória Episódica

Atividade de reminiscência n.º 1 frases da vida. Apresentação de aspetos de vida para cada caso - a terra natal, as memórias de infância, o trabalho ou atividades desenvolvidas, pessoas representativas, o local onde habitam.

Nos quatro casos em estudo verificou-se capacidade para recordar os aspetos ou temas de vida propostos, mas a capacidade para os desenvolver sem ajuda apresentou-se diferenciada.

Os casos 1 (Sra. Helena) e 4 (Sra. Laura) conseguiram recuperar a informação dos aspetos de vida apresentados com facilidade e fluidez, narrando ou contando esses pedaços da sua história.

Pelo contrário, nos casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) foi necessário apoio do examinador para recuperar a informação pretendida e assim facilitar a expressão. Nesse sentido, foram colocadas questões específicas acerca de cada tema ou aspeto de vida. Este cenário foi muito evidente no caso 3 com a necessidade de lhe colocar perguntas muito concretas para que pudesse depois validar ou não a informação a seu respeito. As respostas foram muito curtas, com informação muito reduzida.

Torna-se importante ressaltar que os casos 2 e 3 mostraram perturbação ao nível da expressão linguística. O caso 2, Sra. Francisca, mostrou maior capacidade para desenvolver as suas respostas, ao contrário do caso 3, a Sra. Antónia, que mostrou um maior vazio de palavras, menos capaz de se lembrar de si mesma sem ajuda.

Foi perceptível o impacto positivo desencadeado pela atividade, pelo “puxar” das memória e em particular das relativas à terra onde nasceram e à ocupação laboral desenvolvida e/ou outra atividade. Por exemplo, o caso 2 (Sra. Francisca) disse “lembro-me de brincar na rua, lembro-me dos bailes”. E a Sra. Laura (caso 4) referiu “gostei muito de dar catequese e de trabalhar na loja”.

O caso 2 (Sra. Francisca) apresentou um episódio de atividade delirante e alucinação visual e auditiva no decurso da atividade (por um tempo muito curto), que não afetou a sua capacidade de atenção e empenho.

a.2 Memória Semântica

Atividade n.º 2 o seu mundo. Pedido de nomes pertencentes às categorias animal, flores/plantas, frutos e letras com uso de imagens também relativas a objetos vários.

Nos quatro casos, o número de respostas para cada categoria foi reduzido, embora com expressão diferente.

A Sra. Helena (caso 1) obteve um resultado mais positivo em contraponto com o obtido pela Sra. Antónia (caso 3) – número de respostas muito limitado.

Na categoria que animais conheciam, para além dos apresentados nas figuras, os casos 1 (Sra. Helena), 2 (Sra. Francisca) e 4 (Sra. Laura) referiram os animais que fizeram parte da sua história de vida, os animais que tiveram. Foi também utilizada a preferência, o afeto positivo sobre um determinado conceito como recurso para recordar e responder (nos casos 2 e 4).

A categoria das letras constituiu-se como o conceito que todos os casos conseguiram lembrar, designar e atribuir respostas. E da mesma forma que no conceito anterior utilizaram como referenciais de apoio para recordar, os aspetos da sua vida - referiram nomes de pessoas representativas. O caso 3 (Sra. Antónia) conseguiu lembrar e designar somente nesta categoria. Com o estímulo direto do examinador referiu os nomes dos descendentes com as letras L e N. Este caso com maior severidade e o caso 2, apresentaram dificuldades ao nível da expressão, da designação (nomeação).

Os casos 1 (Sra. Helena), 2 (Sra. Francisca) e 4 (Sra. Laura) usaram também como auxiliar de resposta as próprias figuras que tinham à sua frente. Por exemplo, na categoria animais, o caso 4 quando motivado a recordar outros exemplos de animais conseguiu dar uma resposta, mas de seguida enunciou o nome de dois dos animais que constavam nas figuras.

Em todos os casos foi importante e necessário o estímulo ou incentivo para a busca de nomes respeitantes a cada categoria, pois a frase “ah, há tantos”, vingava inicialmente.

Na categoria flores/plantas, o marcador ditou zero nos casos 2 (Sra. Francisca) e 4 (Sra. Laura), e como foi dito, anteriormente, também no caso 3 (Sra. Antónia).

No caso 2 verificaram-se duas distorções perceptivas, pormenores que não figuravam nas imagens ou cartões apresentados.

a.2 Memória Semântica

Atividade n.º 3 provérbios. Apresentação de um conjunto de nove provérbios para completar.

A Sra. Helena (caso 1) e a Sra. Laura (caso 4) conseguiram lembrar com facilidade e de modo correto os provérbios propostos, apesar do caso 4 ter completado de modo incorreto uma das frases.

Os casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) não conseguiram recordar a totalidade dos provérbios com expressão menos positiva no caso 3 – conseguiu completar três frases. Foi conferido apoio para resposta em dois dos provérbios - acompanharam o examinador na resposta efetiva. Nestes dois casos, a perturbação ao nível da linguagem expressiva marcou presença, condicionando a capacidade de resposta, a capacidade de completar os provérbios em causa sem ajuda. Salientamos que o provérbio “águas passadas não movem moinhos” foi completado sem apoio para resposta, apesar de ter existido um erro fonético/pronúncia incorreta da palavra “movem”.

a.2 Memória Semântica

Atividade n.º 5 música. Apresentação/escuta de um conjunto de sete músicas portuguesas. O primeiro grupo foi formado por quatro sonoridades ligeiras e o segundo grupo por três músicas tradicionais.

Os quatro casos mostraram capacidade para lembrar/recordar as músicas que lhes foram apresentadas. Foi visível o impacto positivo da atividade nos quatro casos, refletido ao nível da participação, na medida em que cantaram acompanhando o examinador no refrão, sobretudo, nas três músicas tradicionais.

Nos casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) verificaram-se défices ao nível da expressão linguística. Contudo, o caso 3 conseguiu verbalizar algumas palavras no refrão, sobretudo, nas três músicas tradicionais, acompanhando o examinador. Pelo contrário, o caso 2, apesar de acompanhar também o examinador no refrão das canções referidas, não mostrou capacidade de verbalização efetiva, fazendo-o do seguinte modo “na, na, na”. O ritmo das músicas acelerado não foi compatível com as limitações de linguagem que possuía mas “cantou à sua maneira”.

a.2 Memória Semântica

Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens). Foram pedidos nomes pertencentes às categorias animal, localidades, profissões, frutos e nomes de pessoas iniciados pelas letras A, M e P.

Numa perspetiva geral, verificou-se um desempenho positivo, por parte de todos os casos, com exceção do caso 3 (Sra. Antónia) que deu somente uma resposta ao longo da tarefa, na categoria letras/nomes (letra M).

A Sra. Helena (caso 1) foi a mais “produtiva”, respondendo a todas as categorias solicitadas e sempre com mais do que uma resposta.

Os casos 2 (Sra. Francisca) e 4 (Sra. Laura) demoraram um pouco mais a responder na primeira categoria apresentada (animais) com uma resposta dada em cada caso. Contudo, nas categorias seguintes localidades, profissões e letras/nomes a resposta foi mais rápida e produtiva. Porém, o caso 2 revelou menor celeridade e produção na última categoria referenciada (não conseguiu atribuir um nome para a letra M).

Verificou-se que nos casos 1, 2 e 4, o número de respostas e a rapidez foi mais expressiva nas categorias localidades e profissões. E para os casos 1 e 4 também nas letras/nomes. Torna-se importante salientar que na categoria das localidades, os casos 1, 2 e 4 utilizaram os seus próprios referenciais de vida como respostas. A terra natal e localidades próximas, as zonas relacionadas com figuras representativas ou conhecidas e o local onde cada pessoa idosa vivia.

A Sra. Antónia (caso 3) revelou deter um nível muito pobre de conteúdos semânticos.

Para os casos 1 (Sra. Helena), 2 (Sra. Francisca) e 4 (Sra. Laura), o resultado obtido nesta atividade foi superior ao alcançado na atividade n.º 2 (com imagens). Parece ter sido mais fácil referir os exemplos das categorias propostas de forma livre, sem a presença de estímulos visuais. Por exemplo, o caso 4 verbalizou três nomes de frutos (e na atividade n.º 2 deu apenas uma resposta).

a.3 Memória Trabalho

Atividade n.º 3 palavras, qual prefiro. Foi solicitada a escolha de uma palavra, a partir de um conjunto de duas, com características antagónicas.

Os quatro casos analisados apresentaram capacidade para reter as duas palavras propostas de forma a realizar a escolha de uma delas, durante esse período de tempo.

A Sra. Helena (caso 1), a Sra. Francisca (caso 2) e a Sra. Laura (caso 4) conseguiram desencadear respostas mais desenvolvidas, justificando, assim, as palavras que selecionaram, apesar do caso 2 não o ter feito em todos os pares de palavras, nem ter apresentado a mesma fluidez de linguagem presente nos casos 1 e 4.

Neste sentido, acrescentaram implicitamente mais informação ou conteúdo de natureza pessoal.

Os casos 2 e 3 (Sra. Antónia) apresentaram dificuldades de expressão linguística, com maior evidência por parte do caso 3. A Sra. Antónia selecionou apenas a palavra que constituía a sua escolha não conseguindo “dar mais” à sua resposta, com exceção de um dos pares. O caso 2, apesar das limitações no campo da linguagem expressiva, formulou respostas mais desenvolvidas em quatro dos pares apresentados.

Na Sra. Laura (caso 4) verificou-se um episódio de confabulação (falsa memória que preencheu o vazio, o esquecimento). Referenciou que saía algumas vezes para comprar café ou visitar uma irmã, mas na realidade a Sra. Laura não se desloca ao exterior há já algum tempo a não ser para fins muito específicos e não o faz sem acompanhamento. Manifestou também por um tempo muito limitado atividade delirante e alucinação visual, previamente e no início da tarefa, mas sem comprometimento da capacidade de atenção e desempenho.

b. Reconhecimento

b.1 Reconhecimento visual

Atividade n.º 2 o seu mundo. Apresentação de um conjunto de quatro peças/imagens alusivas às categorias animal, flores/plantas, frutos, letras e objetos vários (identificação dos estímulos visuais).

Nos casos 1 (Sra. Helena) e 4 (Sra. Laura) verificou-se capacidade de reconhecimento das várias categorias e imagens apresentadas com exceção da imagem do animal vaca. Por exemplo, o caso 1 disse “ah uma vaca, mas que coisa horrível, não parece nada”, após apoio para chegar à resposta, da parte do examinador. O perceto relativo ao boneco de neve foi identificado como um mero boneco (bem como, para os casos 2 e 3).

Porém, nos casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) surgiram limitações no campo do reconhecimento visual das imagens e categorias, com maior dificuldade por parte do caso 3. Nas quatro imagens de animais, o caso 2 conseguiu identificar os percetos gato, porco e galinha. Por sua vez, a Sra. Antónia (caso 3) não conseguiu realizar o reconhecimento inicial dessas figuras. Foi conferida ajuda de identificação, com o examinador a referir que as figuras se tratavam de animais. Após “esta

etiquetagem” dos percetos e de nova tentativa de identificação desencadeada pelo examinador, a Sra. Antónia (caso 3) conseguiu reconhecer as imagens gato, galinha e porco, apesar de não emanar qualquer verbalização. Para a imagem gato apontou para a figura em loiça que tinha na divisão onde nos encontrávamos. Presença de perturbação ao nível da linguagem expressiva, nomeação.

Na categoria seguinte, imagens de flores/plantas, o caso 2 (Sra. Francisca) mostrou que as “conheceu” como sendo flores/plantas, embora sem capacidade verbal para as designar (apontou para as flores e plantas que estavam no espaço onde decorria a atividade). À semelhança do que decorreu no item anterior, a Sra. Antónia (caso 3) não conseguiu conhecer as imagens das flores e plantas, inicialmente, como se aqueles estímulos não lhe dissessem nada. Mas após a designação da categoria ou batismo das imagens vigentes como sendo flores, estas ganharam sentido; e dirigiu o olhar para as flores/plantas que estavam no compartimento.

Todavia, na categoria seguinte, frutos, a prestação do caso 2 (Sra. Francisca) foi diferente – não identificou inicialmente as quatro figuras de frutos (pêra, maçã, ananás e uvas). O examinador desencadeou a nomeação do perceto pêra que gerou a seguinte resposta “ah pêra”. Conseguiu depois reconhecer e designar a imagem da maçã (mas sem sucesso para as restantes imagens). O caso 3 (Sra. Antónia) não identificou também os percetos alusivos aos frutos, inicialmente. Decorreu ação de apoio para o processo reconhecimento, com a resposta de que seriam frutos, mas sem qualquer reação visível de sentido, em contraste com as situações anteriores. O examinador fez a nomeação dos frutos pêra, ananás e maçã (após estímulo de identificação sem sucesso), que gerou a resposta “ah pêra” e “ah maçã”, respetivamente. Contudo, no perceto da uva mostrou “já o conseguir reconhecer”, pois apontou para as uvas em loiça que tinha na sala da atividade, mas sem verbalizar o seu nome.

O desempenho da Sra. Francisca (caso 2) e Sra. Antónia (caso 3) na categoria letras foi diferente, foi muito positivo. Conseguiram identificar com facilidade e rapidez a categoria em causa e as letras respetivas (para o caso 2 estiveram envolvidas as letras L, R, V e J); apesar do caso 3 não ter reconhecido uma das letras apresentadas, a letra N (sucesso para as letras D, L e R).

Para a categoria dos objetos, o resultado foi também muito satisfatório. Executaram rápida identificação das figuras do lápis, chávena/pires, panela ou tacho e

do boneco (mas não como boneco de neve, especificamente). O caso 2 (Sra. Francisca) identificou ainda o chapéu, o cachecol e o nariz cenoura do referido boneco. O caso 3 (Sra. Antónia) não conseguiu designar/nomear (verbalizar o nome) dos objetos deste item da tarefa.

É importante salientar a perturbação ao nível da linguagem expressiva, no campo da designação/nomeação de alguns estímulos envolvidos na tarefa, por parte dos casos 2 e 3 (com maior impacto deste último caso).

b.1 Reconhecimento visual

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. Apresentação de quatro grupos de imagens com três elementos cada, de diferentes categorias. As figuras envolvidas: a) Letras M e D, cenouras; b) meias e camisola, barco; c) dois pássaros e esquilo; d) números três (3) e quatro (4), martelo.

Os casos 1 (Sra. Helena) e 4 (Sra. Laura) identificaram todas as figuras apresentadas. Contudo, o caso 4, na imagem relativa ao número quatro (4), não conseguiu “conhecê-lo” inicialmente. Com o apoio sequente do examinador para a designação da categoria em causa (números), disse “ah pois é”, tendo feito depois a identificação do número três (3). A imagem do esquilo não foi efetivamente designada nos casos 1 e 4.

Nos casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) verificaram-se défices ao nível do processo de reconhecimento dos estímulos visuais. No primeiro grupo de imagens ambos os casos identificaram as letra M e D, apesar da confusão inicial do caso 2 face à última letra. A figura das cenouras não foi reconhecida pelo caso 3; e no caso 2 decorreu troca/distorção perceptiva ou dificuldade de nomeação correta, respondeu “eu sei o que é... é uma cebola, não é cebola, é um rabanete”. Nos dois casos existiu dificuldades ao nível da expressão e da nomeação (designação dos perçetos).

Relativamente ao segundo grupo de imagens, a Sra. Francisca (caso 2) mostrou capacidade de reconhecimento. Por sua vez, o caso 3 identificou a figura das meias, mas não o conseguiu fazer para os outros dois estímulos visuais (as imagens camisola e barco).

A Sra. Francisca (caso 2) e a Sra. Antónia (caso 3) na categoria números, identificaram as figuras do número três (3) e quatro (4), apesar de não decorrido designação do número quatro (4), por parte do caso 2. O estímulo visual do martelo

foi também reconhecido pelos dois casos embora sem capacidade de nomeação, de referir o nome do perceto em causa. Ressalvamos a seguinte nota, no caso 2 (Sra. Francisca) não foi apresentado o grupo de imagens formado por dois pássaros e um esquilo. No caso 3 (Sra. Antónia) as figuras dos números três (3) e quatro (4) surgiram em paralelo com o estímulo esquilo que não foi identificado inicialmente; as imagens alusivas aos dois pássaros foram reconhecidas, surgindo em conjunto com a figura do martelo.

A Sra. Francisca (caso 2) apresentou episódio de confusão curto, anterior ao início da atividade, que não comprometeu a sua capacidade de atenção e empenho.

c. Pensamento

c.1 Semelhança e diferença

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte. Apresentação de quatro grupos de imagens com três elementos cada - qual das imagens estaria a mais em cada item.

Os casos 1 (Sra. Helena) e 4 (Sra. Laura) não tiveram dificuldade em chegar à imagem que estaria a mais em cada grupo, formulando a justificação adequada.

Pelo contrário, os casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) não mostraram essa mesma competência, embora com resultados diferentes. No primeiro grupo de imagens, o caso 2 não se conseguiu focar no pedido “qual das peças não fazia parte do conjunto das três”.

Por seu lado, a Sra. Antónia (caso 3) selecionou a primeira figura correta – a imagem cenouras, sem conseguir contudo explicar a escolha que fez (as outras peças eram constituídas por duas letras). Para os dois grupos seguintes escolheu também as imagens corretas que estariam a mais, nomeadamente o barco e o esquilo (salvaguardamos que não conseguiu reconhecer inicialmente as duas imagens). Referimos que do grupo do estímulo barco, faziam parte duas figuras alusivas a roupa (meias e camisola); e que da imagem do esquilo faziam parte os números três (3) e quatro (4). Mas no grupo seguinte de figuras, ainda no caso 3 (Sra. Antónia), não conseguiu selecionar a imagem que não “estaria correta”. As figuras eram constituídas por dois pássaros, seguindo-se a imagem do martelo.

Quanto à Sra. Francisca (caso 2), verificou-se um facto curioso, no modo de execução da tarefa - “fugiu” ao objetivo da mesma. No segundo grupo de imagens, não fez a exclusão de uma das figuras, mas sim uma ação de semelhança (integravam

como figuras as meias, camisola e o barco). Deu como resposta ou identificou um elemento comum entre duas das imagens - as “riscas” ou pequenos traços que estavam presentes nos estímulos visuais meias e barco (nas velas do mesmo). Por outro lado, executou um procedimento divergente no grupo seguinte de imagens. Centrou-se num pormenor específico de uma das imagens (o martelo) - identificando-o como a parcela que não estaria bem. Informamos que as outras imagens que incluíam o grupo, correspondiam aos números três (3) e quatro (4). Não foi executado o grupo seguinte de imagens (pela dificuldade em apreender o pedido, o objetivo da tarefa; que era formado pelos estímulos visuais esquilo e por dois pássaros).

c. Pensamento

c.1 Semelhança e diferença

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte. Apresentação de três grupos de palavras com três elementos cada, de diferentes categorias, para identificar qual das palavras estaria a mais em cada item. Observação: grupo um (as palavras azul, amarelo e malmequer); grupo dois (Lisboa, Porto e chocolate) e grupo três (banana, Júlia e maçã). Nos casos 2, 3, 4 (o nome que vigorou foi Deolinda).

Numa perspetiva geral todos os casos apresentaram dificuldades na tarefa, apesar destas se manifestarem de forma diferente. Os casos 1 (Sra. Helena) e 4 (Sra. Laura) mostraram um desempenho mais positivo em relação aos casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia). Porém, o caso 3, não apreendeu o objetivo subjacente, não conseguindo concretizar a tarefa.

Em todos os casos foi necessário repetir o objetivo da tarefa na apresentação de cada grupo de palavras - lembrar o que tinham de fazer; e muitas vezes foi preciso orientar de novo para o pedido, mesmo no âmbito de cada grupo.

A análise dos casos 1, 2 e 4 será executada individualmente pela especificidade e “riqueza” de cada caso.

A Sra. Helena (caso 1) respondeu no primeiro grupo que a palavra que deveria sair correspondia ao malmequer, corretamente (as outras palavras em causa foram amarelo e azul). Mas a explicação que concedeu foi interessante “porque o malmequer é amarelo”, disse. Ao contrário da atividade com imagens, não conseguiu com sucesso executar a referida análise conjunta. No segundo grupo de palavras, e lembrando o que teria de executar, deu a resposta “certa”. Disse “então o chocolate é

para comer, Lisboa é nossa e Porto não gosto”. Fez um procedimento de análise, de identidade para cada palavra; para a primeira com base na sua categoria e função; e nas palavras seguintes tendo em conta critérios mais subjetivos de afinidade e preferência. Para as últimas três palavras (e depois de nova orientação para o pedido) respondeu também corretamente, mas de um modo original e menos evidente, pois não fez alusão à categoria de nenhum dos estímulos. Disse “porque Júlia começa pela letra J e as outras não” (as outras duas palavras foram frutos, banana e maçã).

A Sra. Francisca (caso 2), no primeiro grupo, respondeu a palavra malmequer (certa) como sendo a parasita; escolheu-a por considerar que a flor poderia ter a cor amarela. Identificou as categorias ou conceitos implicados, mas a afinidade entre os estímulos constituiu-se como a dimensão de base para a sua resposta. Nas três palavras seguintes começou por categorizá-las e conseguiu chegar à resposta válida. Disse “Lisboa é um sítio para viver, Porto uma cidade e chocolate para comer”. Curioso, que para a palavra Lisboa foi utilizada uma categoria pessoal, subjetiva (o sítio onde mora). Após este pensar em “alta voz” ficou perdida face ao objetivo, com necessidade de orientação. No último grupo, tentou categorizar as três palavras mas com evidente dificuldade: confusão na identificação do conceito nome de pessoa; e diante das duas palavras alusivas a frutos mostrou não saber o que seria uma delas. Respondeu “banana é para comer, Deolinda é para comer também, e maçã...”. O objetivo da tarefa foi enunciado de novo, mas decorreu insucesso na resposta.

No caso 3 (Sra. Antónia) o marcador sinalizou zero respostas, zero na capacidade, mas na atividade n.º 2 com imagens conseguiu selecionar três respostas corretas (as figuras que não faziam parte de cada conjunto).

O caso 4 (Sra. Laura) teve um resultado mais satisfatório em comparação com os casos 1 (Sra. Helena) e 2 (Sra. Francisca), conseguindo apresentar o porquê das suas escolhas ou decisões. A ordem de apresentação de cada grupo de palavras foi alterada. Foi necessário lembrar o que tinha de realizar perante cada grupo de palavras apresentado e ao longo de cada um deles.

Nas primeiras palavras propostas disse “então Lisboa e Porto são sítios e chocolate é para comer”. No grupo seguinte respondeu erradamente. Perante estímulo para nova tentativa “acertou” e respondeu “banana é um fruto, Deolinda um nome e maçã também é um fruto”. E justificou também “Deolinda porque é um nome”. Para as últimas palavras verificou-se um tempo de cadência, em que nada dizia com

necessidade de apoio para a leitura ou processo de análise das palavras envolvidas. O examinador perguntou o que seriam azul e amarelo, e o que seria o malmequer. Disse depois corretamente o bilhete de identidade de cada palavra, a sua categorização e após o avivar daquilo que teria de fazer, veiculou a resposta certa, o malmequer. Neste último item, parece ter ficado mais perdida, sem conseguir decifrar o que via, o que significavam as palavras, e sem saber como começar, precisando de orientação para o seu processo de análise e pensamento.

d. Função Superior da Linguagem

d.1 Pólo expressivo

A Sra. Helena (caso 1) e a Sra. Laura (caso 4) não mostraram limitações ao nível da linguagem expressiva, ao contrário da Sra. Francisca (caso 2) e da Sra. Antónia (caso 3), e sobretudo por parte deste último caso. Nesse sentido, será feita seguidamente uma súmula das dificuldades verificadas nos casos 2 e 3, com base em quatro domínios de observação, nas atividades desenvolvidas.

Assim, no âmbito da designação de palavras ou nomeação/denominação (i) verificaram-se dificuldades ou mesmo incapacidade em ambos os casos, com maior severidade no caso 3. Como forma de colmatar este défice, foram utilizados pelo dois casos, auxiliares de comunicação como o gesto, o apontar sobretudo, e a definição da função do objeto ou palavra que pretendiam designar. Por exemplo, o caso 2 (Sra. Francisca) mostrou dificuldade em nomear a imagem cenouras, disse “estou mesmo a ver, é cebola, não é cebola, é rabanete” (atividade n.º 4). O caso 3 (Sra. Antónia) perante o estímulo visual das uvas e para as designar, apontou para as uvas em loiça que tinha no espaço onde decorria a atividade (atividade n.º 2). Outro exemplo, o caso 2, referindo-se ao objeto martelo disse “isto é para aquilo de dar”, utilizando em simultâneo o gesto (atividade n.º 4). A capacidade de nomeação materializou-se também oscilante ou variável num dos casos. Por exemplo, o caso 2, referiu sem dificuldade a palavra alusiva à sua terra natal (atividade n.º 1) mas em atividade seguinte não a conseguiu nomear, sem ajuda (atividade n.º 3).

Um outro domínio em que os casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) evidenciaram dificuldades consistiu na fluidez da verbalização (ii), com maior expressão no caso 3. O discurso surgiu tendencialmente reduzido nas suas parcelas e demorado em cada “débito” verbal (e por isso, nem sempre foi nítido, nem sempre foi

fácil entender o que pretendiam transmitir). Esta dificuldade na verbalização foi mais evidente, perante a colocação de questões mais abrangentes e “abertas”. Nesse sentido, a expressão, a capacidade de comunicar foi facilitada com a introdução de “eixos de conversa estruturais” – questões mais concretas/específicas ou alternativas de resposta (como decorreu na atividade n.º 3, palavras qual prefiro).

O caso 3 (Sra. Antónia) revelou maior pobreza linguística mas na atividade n.º 5 com música portuguesa, conseguiu verbalizar algumas palavras no refrão das três canções tradicionais apresentadas (com o apoio do examinador, acompanhando-o).

Nos casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) verificou-se que a verbalização foi mais fácil em determinadas categorias de palavras. Por exemplo, o caso 2 obteve um resultado positivo quando lhe foi solicitado que dissesse nomes de localidades e profissões (atividade n.º 6). O caso 3 revelou grande limitação nesta atividade, mas conseguiu nomear com a letra L o nome de um descendente; e outro nome iniciado pela letra M.

Foram identificadas também, nestes dois casos, dificuldades ao nível da construção frásica (iii). Com efeito, as frases surgiram muitas vezes incompletas gramaticalmente, como o exemplo de resposta do caso 3 (Sra. Antónia) na atividade n.º 1 - “homens, sim”, disse (relativamente à questão da simpatia das pessoas do local onde passava férias). E na atividade n.º 3 respondeu “televisão não”, face à sua preferência entre “televisão ou ler”. Outro exemplo decorreu no caso 2 (Sra. Francisca) também na atividade n.º 3 perante a escolha entre as palavras praia ou campo. Disse “banho não, pés na água”; pretendia dizer que na praia só molhava os pés.

O último aspeto detetado no âmbito da perturbação da linguagem expressiva consistiu na presença de erros fonéticos ou inadequada pronúncia e omissões (iiii). Por exemplo, a Sra. Francisca (caso 2) não referiu na palavra fura, a respetiva letra f, na sequência do provérbio “água mole em pedra dura tanto dá até que fura” (atividade n.º 3). Para culminar, nos dois casos em análise decorreu pronúncia inadequada da palavra movem, no âmbito de uma outra frase popular apresentada “águas passadas não movem moinhos”.

4.3. Discussão dos resultados

A amostra do estudo foi constituída por quatro mulheres com idades superiores a 80 anos integradas em resposta de apoio domiciliário, com quadro de alteração da cognição (com défice cognitivo). Estas pessoas idosas habitam em Lisboa, têm como escolaridade o ensino básico/primário, são viúvas e moram sozinhas (excepto a Sra. Antónia, caso 3). Passam muitas horas do seu dia sem acompanhamento presencial (com exceção também do caso 3), apesar de existir boa rede de suporte, que curiosamente é formada por prestadores de cuidados, descendentes de género masculino.

No âmbito da prova cognitiva de Avaliação Breve do Estado Mental (MMS) verificou-se a manutenção, embora discreta, do valor ou défice obtido no teste, na primeira aplicação. Apenas a Sra. Laura (caso 4) manteve a mesma pontuação na segunda aplicação; a Sra. Francisca (caso 2) registou um acréscimo (embora pouco simbólico); e constatou-se uma diminuição das pontuações obtidas nos casos 1 (Sra. Helena) e 3 (Sra. Antónia) com maior impacto no último caso. Salvaguardamos que este resultado deverá ser contextualizado tendo em linha de conta dois aspetos: o facto das quatro mulheres da amostra passarem muitas horas do seu dia sem estimulação ou acompanhamento; e o facto das atividades terem tido uma cadência apenas de 1 vez por semana num período de dois meses.

Salientamos um aspeto unânime nos quatro casos, a recetividade e cooperação para a realização das atividades de estimulação propostas.

Seguidamente, decorrerá a análise de discussão relativa a cada função cognitiva nas atividades desenvolvidas.

a. Memória

a.1. Memória episódica

Os quatro casos lembraram com facilidade os seus aspetos de vida apresentados – atividade de reminiscência n.º 1 frases da vida.

Alguns trabalhos têm mostrado (Nussbaun, 1997, cit. por Guerreiro, 2005) que as pessoas com alteração da cognição têm mais facilidade em recordar um determinado conteúdo se nele tiverem participado.

Lembrar e partilhar as suas memórias em particular as relativas à terra natal e atividade laboral desenvolvida geraram muito agrado e bem-estar. Esta atividade

propiciou mais informação pessoal acerca de cada caso e a identificação das memórias agradáveis ou açucaradas.

Um estudo realizado (Kiernat, 1979, cit. por Guerreiro, 2005) com esta técnica envolvendo idosos com demência salientou o aumento da conversação e interesse.

Porém os casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) necessitaram de apoio para poder recuperar e expressar ou validar as suas memórias - foram colocadas questões muito concretas que se estabeleceram como etiquetas, tornando mais fácil o acesso aos conteúdos guardados.

Vários autores (Vreese, Neri e Fioravanti, 2001, cit. por Pais, 2008) reforçam a importância das ações de apoio de codificação como forma de facilitar a recuperação da informação pretendida.

b.2. Memória semântica

A capacidade para referir nomes pertencentes a um conjunto de categorias ou conceitos foi diminuta, sobretudo por parte da Sra. Antónia (caso 3) – atividade n.º 2, o seu mundo, com imagens ou estímulos visuais. Pelo contrário, na atividade n.º 6, sem suporte de imagens constatou-se um número mais elevado de respostas, excepto do caso 3. Parece ter sido mais fácil referir os exemplos das categorias propostas sem a presença de estímulos visuais ou figuras. Fez lembrar o provérbio “quem não tem cão caça com gato”. Ou seja, a perceção das figuras alusivas aos exemplos solicitados parecem boicotar/viciar a dádiva de outras respostas.

Verificou-se que utilizaram como auxiliar de resposta o “seu concreto”, a sua memória de vida. Por exemplo, na categoria animal deram como resposta os animais que tiveram. Do mesmo modo nas categorias nomes e localidades referiram os nomes das pessoas da sua vida e as localidades às quais tiveram ou têm ligação. Estes referenciais parecem constituir-se como indutores de memória de conteúdo, edificando-se como ajudas para chegar a essas informações.

Estudos demonstraram (Nussbaun, 1997, cit. por Guerreiro, 2005) que se verifica uma maior facilidade em recordar se os conteúdos constituírem parte integrante da experiência individual em situações de alteração da cognição. Os casos envolvidos utilizaram de forma espontânea uma estratégia de associação (Miotto, 2002, cit. por Guerreiro, 2005) usada também como técnica de intervenção, no âmbito destas problemáticas. No fundo, constituem-se como estratégias internas

compensatórias que auxiliam o sujeito a recordar informação armazenada (Gonzaga e Nunes, 2008).

Música

Escutaras músicas apresentadas, sobretudo as tradicionais, provocaram um visível agrado patente no nível de participação, na medida em que cantaram, acompanhando o examinador. A Sra. Antónia (caso 3), apesar da evidente dificuldade ao nível da expressão linguística conseguiu verbalizar algumas palavras no refrão das músicas populares. A música parece ser um bom indutor da expressão verbal, facilitando-a. E sobretudo, um bom veículo de bem-estar, de afetos positivos.

Investigações realizadas (Gregory, 2002, cit. por Guerreiro, 2005) corroboram estes aspetos, referindo que a intervenção com música aumenta o número de respostas afetivas; e que melhoram tanto o desempenho da fluência do discurso espontâneo como o próprio conteúdo do discurso (Brotons e Koger, 2000, cit. Guerreiro, 2005).

a.3. Memória de trabalho

Os quatro casos conseguiram reter as duas palavras propostas de forma a realizar a escolha de uma delas (preferência), durante esse período de tempo. Os casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia) conseguiram participar e expressar-se, embora com respostas mais curtas (sobretudo no caso 3), apesar das limitações no campo da verbalização. Esta tipologia de tarefa parece facilitar a possibilidade de expressão e de validação nas situações de perturbação da linguagem expressiva.

c. Reconhecimento

c.1. Reconhecimento visual

A Sra. Helena (caso 1) e a Sra. Laura (caso 4) identificaram com facilidade as figuras propostas alusivas às categorias animal, flores, frutos, letras e objetos (atividades n.º 2 e n.º 4), exceptuando o estímulo visual vaca. Este aspeto esteve também patente nos casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia). Este insucesso global foi curioso, pois apesar da imagem se apresentar visualmente mais dilatada, detinha os pormenores característicos que possibilitariam a sua fácil identificação.

Porém, os casos 2 e 3 apresentaram limitações. Necessidade de apoio para recuperar a informação armazenada e para a etiquetar, clarificando o processo de

identificação dos estímulos visuais percebidos. O caso 3 (atividade n.º 2) precisou que o examinador fizesse uma apresentação da categoria a que pertenciam as imagens nas tipologias animal, flores e frutos. No que respeita ao caso 2, este apoio verificou-se somente nesta última categoria.

Vários autores (Vreese, Neri e Fioravanti, 2001, cit. por Pais, 2008) reforçam a importância das ações de apoio de codificação como forma de facilitar a recuperação da informação pretendida. A recuperação pode ser feita espontaneamente, ou com ajudas e dicas, ou ainda por reconhecimento após confrontação (Gabrieli, 2000, in Kingstone, Johnstone e Stonnington, 2002, cit. por Pais et al., 2008).

Pelo contrário decorreu capacidade de reconhecimento sem ajuda para as figuras letras, objetos e números apresentados. Constatou-se que a capacidade de reconhecer ou identificar as várias imagens foi seletiva. Mas que no âmbito de uma mesma categoria se podia também verificar seletividade.

Nestes dois casos existiu fragilidade ao nível da representação armazenada sobre determinados estímulos ou imagens - perturbação central do reconhecimento ou agnosia visual seletiva (Marr, 1982, cit. por Manning, 2005). O processo de recuperação consiste em “alcançar” a informação armazenada e pode ser danificado seletivamente nos casos de lesão, sugerindo mais um fenómeno de inacessibilidade às recordações do que o desaparecimento dos traços mnésicos (Manning, 2005).

d. Pensamento

d.1. Semelhanças e diferenças

Os casos 1 (Sra. Helena), 3 (Sra. Antónia) e 4 (Sra. Laura) conseguiram selecionar a imagem que não fazia parte diante de um conjunto de três (atividade n.º 4), a imagem que não integrava a categoria dominante. Os casos 1 e 4 explicaram o porquê das suas escolhas, mas o caso 3 não revelou essa capacidade, não sendo possível olhar por dentro a sua decisão/pensamento. Este resultado foi curioso (pelas limitações ao nível do reconhecimento); um dado objetivo que o poderá explicar consistiu no facto das imagens que não faziam parte de cada grupo estarem situadas na última/terceira posição de alinhamento – indiciando uma possível escolha aleatória. Um outro aspeto que poderá explicitar este resultado será a capacidade para destrinçar os pormenores visuais mais evidentes, e conseguir, assim, realizar ações de

semelhança e diferença, embora sem capacidade de as partilhar pela dificuldade de expressão linguística.

Pelo contrário, a Sra. Francisca (caso 2) não conseguiu selecionar a imagem a mais nos três grupos apresentados; não conseguiu apreender o objetivo da tarefa proposta (atividade n.º 4), tendo desenvolvido um procedimento de resolução muito particular. Nesse sentido, no segundo grupo de imagens não desencadeou ação de exclusão mas sim de semelhança. Identificou um detalhe comum entre duas das figuras (meias e barco), nomeadamente os pequenos traços que as imagens possuíam. Procurou no fundo um elemento comum. Por outro lado, no grupo seguinte chegou à resposta correta, embora sem a justificar de modo “válido”. Executou um procedimento divergente no grupo seguinte de imagens mas sempre com base numa análise pormenorizada. Centrou-se num detalhe específico de uma das figuras (martelo) identificando-o como a parcela que não estaria bem. Foi curioso que centrou a sua atenção na figura martelo, talvez por ser aquela que mais vergava a sua diferença (os outros dois estímulos eram figuras de números).

E se for com palavras...

Nesta atividade os casos 1 (Sra. Helena) e 4 (Sra. Laura) não foram tão céleres na resposta como na tarefa anterior, tendo o caso 4 feito uma leitura mais precisa das categorias dos vários estímulos. Selecionar a variável a mais num conjunto de três era agora o objetivo, mas com a utilização de palavras (atividade n.º 7). O caso 2 (Sra. Francisca) mostrou nesta atividade um melhor entendimento e capacidade; pelo contrário o caso 3 (Sra. Antónia) não conseguiu concretizar esta tarefa. Sem a presença da figura alusiva ao conceito não conseguiu fazer a leitura da semelhança e diferença.

No primeiro grupo de palavras quer o caso 1 (Sra. Helena) quer o caso 2 (Sra. Francisca) conseguiram selecionar a palavra correta mas utilizaram uma forma muito particular de resolução. Enunciaram a palavra malmequer por considerarem que a flor poderia ter a cor amarela (azul, amarelo e malmequer eram as palavras que integravam este conjunto). O critério que esteve na base da resposta foi a afinidade, o sentido de pertença entre os estímulos. Ou seja, como se fosse um puzzle e neste caso o malmequer encaixaria na peça/palavra amarelo.

No segundo grupo e nos seguintes executaram inicialmente um processo de categorização partilhado de cada vocábulo. Neste processo, ambos os casos referiram categorias de natureza mais subjetiva – em relação com o seu concreto, com a realidade que conhecem e têm afinidade. Por exemplo, a Sra. Francisca (caso 2) disse a propósito “Lisboa é um sítio para viver, Porto uma cidade e chocolate para comer”. Curioso, que Lisboa não é para si uma cidade, é sim o local onde vive (aspeto referencial/concreto). A Sra. Helena (caso 1) disse “Lisboa é nossa e Porto não gosto”.

A Sra. Laura (caso 4) apresentou dificuldade no grupo de palavras azul, amarelo e malmequer. Parece ter ficado mais perdida sem conseguir decifrar o que via e sem saber como começar, precisando de apoio para o processo de análise/categorização das palavras e pensamento.

Parece que as ações de pensamento/comparação entre vários conceitos são mais facilitadas se os estímulos envolvidos puderem ser percecionados (figuras ou imagens). Na sua ausência, a leitura dos conceitos/categorias é mais morosa e muitas vezes assente no concreto; ou seja, no pormenor concreto do estímulo em causa; em relações de proximidade entre os estímulos; ou com base na própria realidade individual.

Estudos realizados sinalizam a utilização de estratégias internas compensatórias como forma de melhor processar e interpretar a informação (Gonzaga e Nunes, 2008).

Investigações em matéria de resolução de problemas permitiram verificar que quanto mais complexo era o problema, mais significativos eram os efeitos negativos do envelhecimento (Lemaire e Bherer, 2012).

e. Linguagem

e.1. Pólo expressivo (verbalização)

Somente os casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia), esta com maior severidade, mostraram perturbação da linguagem expressiva, ao longo das atividades desenvolvidas com maior expressão em dois domínios: i) a dificuldade em nomear/designar um determinado conceito ou objeto; ii) e a dificuldade ao nível da expressão efetiva patente num discurso curto, pobre e moroso em cada produção ou débito linguístico.

Estas características indiciam a presença de Afasia de Broca. Aspectos como a redução da eficiência linguística patente na ausência da palavra exata muitas vezes compensada pelo gesto. A linguagem é difícil, laboriosa e mais vagarosa por causa da perturbação de seleção das palavras exatas e da dificuldade de encadeamento dos fonemas. O défice de construção das frases ou agramatismo patente nesta afasia gera um discurso qualificado de telegráfico, na medida em que o sujeito omite as palavras sem conteúdo semântico. No paciente afásico de Broca a compreensão está relativamente preservada (Manning, 2005).

Estes dois casos mostraram também limitações aos níveis do reconhecimento visual e recuperação da informação, sobretudo.

Conclusão

O aumento da longevidade, o envelhecimento pode acarretar alterações nas funções cognitivas e situações de alteração ou deterioração da cognição. As funções cognitivas como a memória, reconhecimento, pensamento e linguagem podem ficar afetadas ou apresentar défices.

Esta circunstância constitui-se como uma das grandes problemáticas da atualidade no envelhecimento.

É por isso dada, cada vez maior importância às investigações no âmbito do envelhecimento e em particular no campo na intervenção específica nas situações de alteração da cognição.

Nesse sentido, é importante poder compreender o impacto das atividades de estimulação cognitiva e o seu efeito nas pessoas idosas com quadro de alteração da cognição (défice cognitivo).

Assim, o presente estudo teve como objetivo compreender o impacto das atividades de estimulação cognitiva em quatro mulheres com idade superior a 80 anos, viúvas e com a escolaridade correspondente ao ensino básico/primário; com quadro de alteração da cognição e integradas em resposta de apoio domiciliário, em Lisboa. Foram realizadas sete atividades com cada um dos casos e analisados os resultados obtidos, tendo em conta as dimensões do estudo, nomeadamente o perfil, estado mental, interações sociais e atividades desenvolvidas na categoria da cognição ou funções cognitivas – estudo de casos.

Na investigação foi aplicada a prova cognitiva de Avaliação Breve do Estado Mental (MMS) que permitiu conhecer o valor do défice cognitivo - prévia e sequentemente à execução das atividades. O resultado obtido na prova parece indicar um impacto discreto, mas positivo, das atividades desenvolvidas com reflexo ao nível da manutenção das capacidades cognitivas, na medida em que o défice cognitivo inicial foi relativamente mantido em três dos casos (a Sra. Antónia, caso 3, apresentou um decréscimo significativo na segunda aplicação). Na origem deste resultado podem “pesar” duas variáveis; as atividades foram aplicadas no decurso do estudo somente um dia por semana; e o facto das pessoas idosas envolvidas no estudo viverem sozinhas e passarem muito tempo do seu dia sem acompanhamento/estimulação (com exceção do caso 3), apesar de se verificar “boa” rede de suporte.

Especificamente na dimensão das atividades realizadas foi constatado que os casos que obtiveram um resultado mais baixo na prova cognitiva manifestaram também mais limitações/dificuldades nas atividades, nomeadamente os casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia). Estes casos evidenciaram limitações ao nível da linguagem expressiva – afasia de Broca - com dificuldades ao nível da produção do discurso e denominação de palavras. Mostraram também limitações no campo do reconhecimento visual e recuperação da informação armazenada, com maior expressão do caso 3.

Numa perspetiva geral, foi mais facilitador recordar informação episódica afeta ao percurso de vida, do que semântica “o saber enciclopédico acumulado com o passar do tempo” (com vazio evidente no caso 3, Sra. Antónia). Verificou-se que era mais fácil recordar determinados conteúdos guardados ou aprendidos se estes tivessem feito parte da própria experiência individual e do concreto de cada uma das histórias de vida. No fundo, as quatro pessoas idosas utilizaram estratégias internas (compensatórias) como “cana de pesca” para poderem chegar às recordações e informações pretendidas.

Contudo, nos casos 2 (Sra. Francisca) e 3 (Sra. Antónia), e sobretudo por parte deste último caso, decorreu muitas vezes ajuda externa por parte do examinador para que uma determinada informação pudesse ser recuperada e ganhar luz. Estas ajudas consistiram na colocação de questões mais concretas/específicas ou alternativas de resposta e na codificação do material em causa (atribuição de etiquetas), como forma de recuperar a informação pretendida e assim facilitar a expressão/validação. Apesar destes aspetos/limitações foi detetada seletividade na capacidade de reconhecimento, na medida em que, sem ajuda conseguiram identificar um conjunto específico de estímulos - as figuras alusivas às letras, números e objetos.

Nos quatro casos foi perceptível o agrado de poder recordar aspetos de vida como a terra natal e a atividade laboral ou ocupacional desenvolvida “as memórias açucaradas”; bem como, lembrar as músicas de cariz tradicional apresentadas que geraram afetos positivos e vontade de participar (de cantar). Foi percecionado que a Sra. Antónia (caso 3), apesar das limitações significativas no campo da linguagem expressiva, conseguiu verbalizar algumas palavras, emanando um discurso mais solto e produtivo (acompanhando o técnico nas três canções apresentadas).

Um outro aspeto comum, patente nas ações de pensamento/comparação, e sobretudo, na atividade com palavras/vocábulos, foi a tendência para olhar/analisar a informação, tendo em conta os aspetos concretos dos estímulos, as relações de proximidade entre os mesmos; ou utilizando categorias/critérios subjetivos de análise associados à realidade individual e à afinidade/afeto para com o estímulo. Parece que perante a dificuldade da tarefa ou perante um maior desconhecimento para a sua resolução entrou em funcionamento um mecanismo de segurança que consistiu em olhar e utilizar o que se conhece, em centrar a análise na objetividade e nas relações de afinidade verificadas e sentidas face ao estímulo.

A atividade que envolveu encontrar a palavra que não fazia parte de um conjunto de três vocábulos foi mais complexa para os casos envolvidos, do que a mesma atividade com imagens. O processo de categorização das parcelas envolvidas e a ação de pensamento (de despejo da palavra que estaria a mais) foi menos eficiente e morosa. Foi necessário repetir muitas vezes o objetivo da tarefa – parece que a instrução não teve espaço para permanecer perante uma atividade ou ação mental mais complexa/abstrata.

Salientamos um aspeto importante que se instituiu no facto dos quatro casos terem mostrado sempre uma conduta de grande receptividade, de prontidão face à execução das atividades e cooperante.

Para culminar reforçamos o papel positivo da realização das atividades como espaço ou arena de relação, de afetos, participação e de estimulação das funções cognitivas. As atividades desenvolvidas constituíram-se, também, como uma metodologia de avaliação cognitiva “per si”. Permitiu conhecer o Bilhete de Identidade das quatro pessoas idosas envolvidas no estudo, no âmbito das competências e défices existentes, bem como, o impacto das atividades desenvolvidas, abrindo assim, a possibilidade de uma intervenção focal com planos específicos de atuação para cada caso.

Bibliografia

Almeida, L. B. (2010). *Introdução à Neurociência: Arquitetura, função, interações e doença no Sistema Nervoso*. Lisboa: Climepsi Editores.

Bandeira, A. (2009). Estudo de avaliação das necessidades dos seniores em Portugal. In *O Tempo da Vida - Fórum Gulbenkian de Saúde sobre o Envelhecimento 2008/2009* (pp. 137-149). Cascais: Príncípia.

Canineu, P. R., Stella, F. e Samara, A. B. (2006). Transtorno Cognitivo Leve. In E. V. Freitas et al. (eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (2.ed.) (pp. 252-259). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Carvalho, M. (2009). A política de cuidados domiciliários em instituições de solidariedade social: risco ou protecção efetiva?. *Locus Social*, 2, pp. 67-80.

Coutinho, C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática* (2.ed.). Coimbra: Almedina.

Dias, I. e Rodrigues, E. (2012). Demografia e Sociologia do envelhecimento. In C. Paúl e O. Ribeiro (eds.), *Manual de Gerontologia: aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento* (pp. 179-201). Lisboa: Lidel.

Fernandes, A. A. (2004). Quando a vida é mais longa: os impactos sociais do aumento da longevidade. In M. L. Quaresma et al. (eds.), *O sentido das idades da vida: interrogar a solidão e a dependência* (pp. 13-36). Lisboa: CESDET Edições.

Figueiredo, D. (2007). *Cuidados familiares ao idoso dependente*. Lisboa: Climepsi Editores.

Freire, S. A. (2006). A personalidade na velhice: estabilidade e mudança. In E. V. Freitas et al. (eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (2.ed.) (pp. 1260-1266). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Guerreiro, M. (2005). Terapêutica não farmacológica da Demência. In A. Castro-Caldas e A. Mendonça (eds.), *A doença de Alzheimer e outras demências em Portugal*(pp. 121-148). Lisboa: Lidel.

Gonzaga, L. e Nunes, B. (2008). Reabilitação da memória após lesão cerebral. In B. Nunes (ed.), *Memória: funcionamento, perturbações e treino* (pp. 289-308). Lisboa: Lidel.

Hesbeen, W. (2010). *Criar novos caminhos: a reabilitação*. Lisboa. Lusociência.

Instituto de Segurança Social, I.P. (2009). Manual de processos-chave serviço de apoio domiciliário. Lisboa.

Lemaire, P. E Bherer, L. (2012). *Psicologia do Envelhecimento: uma perspetiva cognitiva*. Lisboa. Instituto Piaget.

Machado, M. (2009). Envelhecimento e políticas de saúde. In *O Tempo da Vida - Fórum Gulbenkian de Saúde sobre o Envelhecimento 2008/2009* (pp. 125-133). Cascais: Príncipeia.

Manning, L. (2005). *A Neuropsicologia Clínica: Uma Abordagem Cognitiva*. Lisboa: Instituto Piaget.

Martins, I. P. (2006). Funções cognitivas. In J. Ferro e J. Pimentel (eds.), *Neurologia: Princípios, Diagnóstico e Tratamento* (pp. 01-24). Lisboa: Lidel.

Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade: Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos*. Lisboa: Relógio D' Água Editores.

Mendonça, A e Garcia, C. (2006). Demência. In J. Ferro e J. Pimentel (eds.), *Neurologia: Princípios, Diagnóstico e Tratamento* (pp. 185-199). Lisboa: Lidel.

Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e Gabinete de Estratégia e Planeamento (2009). *Carta Social Rede de Serviços e Equipamentos. A dependência: o apoio informal, a rede de serviços e equipamentos e os cuidados continuados integrados*. Lisboa, MTSS/GEP.

Neri, A. L. (2006). Envelhecimento Cognitivo. In E. V. Freitas et al. (eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (2.ed.) (pp. 1236-1244). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Netto, M. P. (2006). O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In E. V. Freitas et al. (eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (2.ed.) (pp. 9-12). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Pais, J., Cruz V. T. e Nunes, B. (2008). Como funciona a memória. In B. Nunes (ed.), *Memória: funcionamento, perturbações e treino* (pp. 3-16). Lisboa: Lidel.

Pais, J. (2008). Intervenção cognitiva na demência. In B. Nunes (ed.), *Memória: funcionamento, perturbações e treino* (pp. 309-318). Lisboa: Lidel.

Quaresma, M. L. (2004). Interrogar a dependência. In M. L. Quaresma, et al. (eds.), *O sentido das idades da vida: interrogar a solidão e a dependência* (pp. 37-50). Lisboa: CESDET Edições.

Rosa, M. J. V. (2012). *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa: Ensaio* da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa: Relógio D' Água Editores.

Santana, I. (2005). A doença de Alzheimer e outras demências: diagnóstico diferencial. In A. Castro-Caldas e A. Mendonça (eds.), *A doença de Alzheimer e outras demências em Portugal*(pp. 61-82). Lisboa: Lidel.

Sequeira, C. (2010). *Cuidar de idosos com dependência física e mental*. Lisboa: Lidel.

Sousa, M. e Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios* (4.ed.). Lisboa: Pactor, Lidel.

Yassuda, M. S. e Abreu, V. P. S. (2006). Avaliação cognitiva. In E. V. Freitas et al. (eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (2.ed.) (pp. 1252-1259). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Apêndices

Índice de apêndices

Apêndice I - Atividades realizadas

Apêndice II - Diário de bordo - atividades realizadas (quatro casos)

Atividades realizadas

Índice 1

Atividade de reminiscência n.º 1 Frases da vida

- **Descrição:** foram introduzidos de forma sequencial temas respeitantes a cada história de vida.
- **Observação:** Os caso 2 e 3 apresentavam dificuldades ao nível da expressão linguística, tendo sido apresentadas frases com um teor muito específico, suscitando a validação ou não das mesmas.

Atividade n.º 2 o seu mundo

- **Descrição:** Cada tarefa envolveu quatro cartões das categorias Animal (as figuras gato, galinha, porco e vaca); Frutos (as imagens da pêra, maçã, uva e ananás; Flores; Letras (D, L, N e R); e Objetos vários (lápis, panela, chávena e um boneco de neve).

Atividade n.º 3 palavras qual prefiro e provérbios

- **Itens da primeira parcela** a) frio ou calor; b) verde ou vermelho; c) televisão ou ler; d) arroz doce ou salada de fruta; e) sair ou ficar em casa; f) sozinha ou acompanhada; g) chá ou café; h) bolo ou pão; i) vinho ou sumo de laranja; j) praia ou campo; k) banho de mar ou nem por isso; l) dia ou noite.
Observação: a ordem dos itens propostos não foi igual para todas as participantes, bem como, a sua plenitude, ou seja, nem todos os itens foram também apresentados.
- **Itens da segunda parcela** a) águas passadas não movem moinhos; b) água mole em pedra dura tanto bate até que fura; c) mais vale um pássaro na mão do que dois a voar; d) apanha-se mais depressa um mentiroso do que um coxo; e) candeia que vai à frente alumia duas vezes; f) cada terra com seu uso cada roca com seu fuso; g) laranja de manhã é ouro, de tarde prata e à noite mata; h) mais vale tarde que nunca; i) devagar se vai ao longe.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte

- **Descrição:** a) letras M, D e imagem cenoura; b) figuras meias, camisola e barco; c) imagens de dois pássaros e esquilo; d) números quatro (4), três (3) e figura de um martelo.

Atividade n.º 5 Música

- **Descrição:** 1. A minha cidade Ó Elvas; 2. Malhão de Águeda; 3. Cha Cha em Lisboa; 4. Lisboa à noite; 5. Todos me querem; 6. Bailinho da Madeira; 7. A caminho de Viseu.

Atividade n.º 6 o seu mundo (sem imagens)

- **Descrição:** Foram pedidos nomes pertencentes às categorias animal, localidades, profissões, frutos e letras A, M e P (nomes iniciados pelas mesmas). A categoria ou processo mental envolvido foi a memória semântica.

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte

- **Descrição:** a) As palavras azul, amarelo e malmequer; b) Lisboa, Porto e chocolate; c) banana, Júlia e maçã.

Diário de bordo - atividades realizadas (quatro casos) Índice 2

Atividade reminiscência n.º 1 frases de vida (caso 1)

Data realização: 19 novembro 2012

Detalhe atividade n.º 1

A primeira frase apresentada foi “*O sítio onde nasci, que me viu crescer*” (o examinador fez a leitura de todos os itens propostos). Sugestionámos que relembresse esse local, o seu nome, as casas, as pessoas significativas, sobretudo as boas memórias. Respondeu prontamente o nome da sua terra, e de seguida disse “ó se me lembro da minha avó, da minha querida avó”. Referenciou também um tio. E face à questão, o que fazia no seu tempo livre verbalizou que tinha pouco, que começou a trabalhar cedo, mas que se lembrava de ir na sua burra buscar as “coisas” necessárias. Irrompeu a segunda frase ou item colocado na relação e atividade – “*As minhas memórias boas*”. Como habitual respondeu de forma célere, que gostava precisamente de ir buscar madeira na sua burra, para a avó se aquecer. Surgiu o terceiro item “*Lisboa que linda és*”, perguntando à cliente o que tal lhe dizia. E mais uma vez a resposta pronta compreendeu um aspeto muito importante da sua vida. Referiu que foi em Lisboa que conheceu o seu marido, acrescentando que fora amor à primeira vista e que até tinha um namorado “mais ou menos isso”, mas que tudo mudou quando conheceu o seu marido (ficou visivelmente emocionada, o marido faleceu há cerca de 15 anos). Verbalizou com espontaneidade que casou numa igreja perto da sua casa, apenas com os padrinhos. “Sabe estas pessoas eram os meus patrões, que foram muito bons para mim e para o meu marido”. E disse também que a sogra não simpatizou inicialmente muito consigo, nem com o casamento, acrescentando com orgulho que o marido lhe disse para não se preocupar porque quem sabia era ele e que o seu coração era dela. A quarta frase foi “*Trabalho a dois, diga Sr. freguês*”. A cliente sorriu, lembrando que abriram essa mercearia passado pouco tempo de se casarem, que conheceu muitas pessoas e que muitas vezes a vieram visitar ou a reconheciam na rua (com evidente orgulho, vaidade, contentamento). Designou que neste local de trabalho muita coisa decorreu, os seus filhos “andavam por lá”, cresceram por lá. Até tinha um parque onde ficavam a brincar e diz rindo “e quando olhava estavam já mais crianças a brincar deixadas pelas mães enquanto faziam as suas compras”. E lembrou-se também que o marido não tinha muita paciência para atender os clientes, e que habitualmente estes a preferiam a si, mas que ao mesmo tempo sentia o seu desconforto face a essa preferência. O último indutor colocado na conversa foi “*A casa das histórias, do amor*” (sabemos da importância da casa onde habita como se as coisas boas, as memórias estivessem assim mais perto). A identificação não foi imediata, tendo o examinador conferido naturalmente ajuda, pois a referida frase foi menos concreta. Acrescentámos Rua Desidério Bessa, Freguesia São João de Deus, e de forma

imediate respondeu, então é a minha casa dizendo. A cliente verbalizou, seguidamente, que esta não foi a sua primeira casa, após o casamento. E contou a história que levou à aquisição da sua querida segunda casa. Explicou que conheceram um casal que fazia as compras no seu estabelecimento comercial, tendo sido encetada uma forte ligação com o passar do tempo “e foi esse senhor que nos vendeu a casa, nem queria que lhe pagássemos nada pelo apreço que nos tinha, gostava mesmo muito de nós. Terminou dizendo que o marido ficou contente com a mudança, a outra era muito pequena, e ele gostava muito desta zona de Lisboa, a Praça de Londres, disse.

Atividade reminiscência n.º 1 frases da vida (caso 2)

Data realização: 23 novembro 2012

Detalhe atividade n.º 1

Perante a primeira frase “*Eu não nasci em Mafra (nome fictício)*” (leu a frase, sem dificuldades, mas não de forma muito célere; o mesmo para as frases que se seguiram), a cliente sorriu e disse, isso não é verdade. O psicólogo perguntou que memórias tinha de pequena. Respondeu que foi a filha mais velha, num todo de cinco filhos. Disse que se lembrava de brincar na rua, sobretudo dos bailes que decorriam na sociedade da terra natal. Que foi para a escola e que depois cerca dos 16, 17 anos aprendeu costura (decorreu aqui ajuda, para a palavra). A segunda frase introduzida foi “*Mafra não tem nada de bonito para se ver*”. Sorriu e disse que não era verdade. Questionámos que coisas eram essas, a cliente falou no campo da bola, numa estátua que existia no início da cidade, de um jardim grande, de ruas que não conseguiu dizer o nome. Falou que é digno de se ver, não só a sua cidade natal mas também o que está à volta, referindo-se a outras localidades. Enumerou uma praia e não conseguia dizer o nome de uma outra (o examinador ajudou). Perante o item “No meu coração moram as minhas netas, o meu bisneto e o meu filho”. Leu uma segunda vez e começou a apontar para o nome do bisneto, apesar de não conseguir fazer verbalização. O examinador ajudou dizendo percebo esse dedo, o seu bisneto não se chama assim, não é. Sorriu, disse “sim” e apontou para uma fotografia deste, que se encontrava no móvel em frente. Perguntámos como era o seu filho quando pequeno, se era uma criança fácil ou não. Parou um pouco, não fez uma verbalização específica, mas “subentendendo-se” que não fora uma criança difícil. Acrescentou que sempre que era necessário havia..., fazendo o gesto e sorrindo, indiciando que decorria a devida punição. Olhe mas tive sim, com o meu marido, sabe ele tinha um problema, um problema com o vinho, disse. A quarta frase foi “*Fui porteira no prédio onde moro, gostava muito do que fazia, e as pessoas também gostavam de mim*”. Ficou presa à última parte dizendo que sim, nessa altura gostavam dela, mas que agora os vizinhos já não eram os mesmos, que eram pessoas novas. Perguntámos que funções tinha

como porteira, referiu que limpava as escadas, agora é que não; não conseguindo enumerar mais nenhuma tarefa. Acrescentou que os seus patrões (proprietários da casa) gostam muito de si, que lhe deram a camisola e as calças que tinha agora vestidos. Questionámos “há quanto tempo vivia na sua casa?”. Respondeu rapidamente que há cerca de 43 anos. Perante o item “*Trabalhei muito, vesti muitas pessoas, fazendo fatos para homens e outras peças*”. Disse é verdade, sim senhora, não verbalizou de forma muito explícita, mas enumerou que numa primeira fase ia buscar as peças e fazia em casa. Demorou algum tempo a enumerar a zona onde ia buscar as referidas peças “ai como se chama”. É a Avenida, a Avenida da Liberdade. Cheguei até a fazer, ai como se diz, aquele tecido para a chuva, tendo o examinador conferido apoio. Depois trabalhei muito em casa, aprendi e fazia de tudo, calças até aqui (apontando com o dedo) e um pouco mais... (que não se tornou claro para o técnico). Acrescentou que tinha tanto trabalho que no Natal chegou a vir uma prima para ajudar. A última frase foi “*Não gosto nada de música, não gosto nada de fado*” (informação transmitida por uma auxiliar de ação direta). Disse logo, isso não é verdade, gosto de música e gosto de fado, apontando para os discos que guarda com muito carinho. Neste tempo, parou algumas vezes, olhando ora para a televisão ora “para o lado”, referindo que “elas estavam a provocar” ou que as pessoas estavam a ouvir a conversa (referindo-se às pessoas que estavam na televisão, estava ligada aquando da realização da atividade). *Presença de alucinações visuais*. A cliente foi puxada de novo para a relação e para o tema de conversa, reforçando que gosta muito de música, de fado principalmente. “Gosto de ouvir assim de olhos fechados, com atenção...”. Referiu também a sua pena perante o desaparecimento de alguns discos (possíveis crenças de desaparecimento, atividade delirante com esse teor). Apontou depois para um rádio antigo, dizendo que estava estragado.

Atividade reminiscência n.º 1 frases da vida (caso 3)

Data realização: 19 novembro 2012

Detalhe atividade n.º 1

A cliente apresentou o seu grande sorriso. Nesse sentido, “saltou” a primeira palavra, “*Lourinhã*” (*nome fictício*). Informamos que a cliente gosta muito de se deslocar até este local, onde tem também casa ou habitação. Foi-lhe pedido que lê-se a palavra apresentada. A cliente assim o fez (de forma correta). Perguntámos se essa palavra lhe dizia alguma coisa. A cliente sorriu, mas não desenvolveu qualquer palavra ou conversação, a partir da mesma. O examinador (que detinha determinadas informações) colocou na relação algumas frases, solicitando o seu sim ou o não face às mesmas. Com efeito, a primeira foi, “*Lourinhã é um sítio onde não gosta nada de ir, não é?*”. A cliente sorriu de novo e disse que “gosta muito de lá ir”, não se estendendo na resposta. O segundo item introduzido foi também sob a forma de

questão, “*Lourinhã é bonita ou feia?*”. Não respondeu de forma muito evidente (mas parece ter exprimido um afeto positivo, como sendo um sítio que lhe agrada). O examinador questionou a seguir, “*e Lourinhã é sossegada, ou barulhenta como Lisboa, que tem muita gente, carros, movimento*”. Respondeu com alguma dificuldade “que tem muitas pessoas também”. Perguntámos se lá tinha pessoas conhecidas, amigos ou família. Respondeu de forma pouco clara, verbalizando um não, que nada disso. Por brincadeira procurámos aferir se as pessoas nessa localidade eram simpáticas, disse com dificuldade de expressão que existem “homens, sim...” – mas não com verbalização específica. A segunda palavra apresentada foi “*Lisboa: São João de Deus*”. Perante esta palavra a cliente não manifestou qualquer eco ou identificação. Por conseguinte, o examinador conferiu ajuda e disse “*deve ser porque já aqui vive há muito tempo*”. Assentiu apenas, movimentando a cabeça e acrescentou, apontando para uma igreja, que fica realmente muito perto da sua casa. Verbalizámos, depois, que sabíamos que gostava muito de ir à missa todos os domingos, tendo esta dito que também ia durante a semana. Perguntámos, “*e nesta casa foi onde estamos cresceram os seus filhos, não é?, casa importante*”. Assentiu como há pouco, acenando que sim, e referenciou os nomes dos seus dois filhos (apontando para a fotografia de ambos localizadas frontalmente numa mesa). A terceira palavra introduzida foi “*Filipa de Lencastre*”. Perguntámos se este vocábulo lhe dizia alguma coisa. Sorriu, como que dizendo sim, mas não veiculou nada mais. O examinador colocou “*pois a escola onde trabalhou, não foi?*”. A cliente respondeu com grande contentamento “foi” e começou a tentar explicar como se chegava até lá. Disse, adicionando gestos, “vai-se por ali para baixo” e depois simula um virar à esquerda. Acrescentámos “*gostou de trabalhar na referida escola?*”, respondeu que sim, que gostou muito. E *durante algum tempo havia divisão, meninas para um lado, rapazes para outro, não era?*”. Respondeu que sim, apenas, dizendo em continuação, só meninas (percebemos que queria dizer que durante um tempo foi escola apenas de meninas). A última frase apresentada foi “*Sair para café*”. A cliente começou por se identificar, sim vou, vou todos os dias, fica ali e começa a tentar explicar a sua localização com gestos, mas não o consegue fazer. Mas ao mesmo tempo, retoma ao item anterior, quando referia/pensava o caminho até à escola onde trabalhou. Perguntámos se gostava de café, a cliente disse que sim. Seguidamente, o examinador colocou outra questão “tem nesse café pessoas conhecidas, amigas?”. Respondeu que não, que não tinha amigas lá.

Atividade reminiscência n.º 1 frases da vida (caso 4)

Data realização: 22 novembro 2012

Detalhe atividade n.º 1

A primeira palavra apresentada foi “*Tavira*” (*nome fictício*), se tal lhe fazia alguma lembrança. Respondeu de forma pronta ah claro foi onde eu nasci. E do que se lembra, perguntou o examinador. Olhe lembro-me de ir à escola e das vezes que o meu pai nos levava a mim e aos meus irmãos a ver o mar, a passear (disse “cheia” de contentamento). Ia eu e os meus irmãos que estão agora a viver em Setúbal, é verdade a passear com o meu pai, e ver o mar, os barcos. O examinador perguntou o que fazia o seu pai, qual era a sua profissão. Trabalhava na Câmara disse a resolver assuntos, respondeu. O examinador introduz o segundo tema da atividade, a palavra “Catequese” (foi uma atividade que muito gostou de fazer). Sabe eu dei catequese em Tavira. Ia buscar as crianças para as levar para a catequese e muitas vezes, no fim, dávamos um passeio e íamos ver o mar (não sabemos se esta memória decorreu, ou será algum contágio face ao facto/lembrança narrado anteriormente). O examinador perguntou “lembra-se com que idade começou a dar catequese”. Respondeu que teria cerca de 12 anos, referindo uma pessoa amiga que a acompanhava e ensinou. O examinador disse “mas sei que também deu catequese em Lisboa”. Respondeu que sim, referindo a igreja de Tavira que havia enumerado. Sequentemente, o examinador reorientou, corrigindo. Foi apresentado o terceiro tema para conversação “*Família e Amigos*”. Invocou os filhos, os netos e as irmãs. Referir ir visitar algumas vezes uma das irmãs, “apanhava aqui o autocarro para Setúbal” (aponta para um local perto de casa). Mas agora já não vou, não posso, e também dava lá catequese (esta informação deixa dúvidas). Acrescentou depois que “sabe estávamos em Tavira mas o meu pai veio para Lisboa, viemos todos”. O examinador perguntou se não foi difícil deixar Tavira e vir para Lisboa, e verbalizou que vinha muitas vezes a Lisboa para visitar as tias “eu tinha cá muita família”. A quarta frase foi “*Rua Vítor Tomás, Freguesia de São João de Deus*”. Disse “então é aqui, é a minha casa”. O examinador perguntou se aqui habitava há muitos anos, e respondeu que “sim”. Retomou o seu tempo em Tavira dizendo que trabalhou numa loja de roupas. Acrescentou também que já não deveria existir. Disse ainda que “fui à escola, acabei e não gostava de estar sem fazer nada, mas também gostava de estar em casa”. E um senhor conhecido do meu pai, viu que eu tinha jeito e disse-me se eu não queria ir trabalhar para a loja. Referiu que este falou com o seu pai e que apesar de ser pouco o que ganhava aceitou. Ficou muito empolgada ao falar nisto. O último tema foi que “*Coisas gostava ou gosta de fazer*”. Ficou presa ao passado da frase e referiu que gostou de dar catequese e de trabalhar na loja de roupas, reforçando que era pouco o que recebia mas que gostava de sair de casa, que gostou de lá estar.

Atividade n.º 2 o seu mundo (caso 1)

Data de realização: 28 novembro 2012

Detalhe atividade n.º 2

As primeiras imagens integraram 4 animais. Perante a questão “o que é isto?”. Muito rapidamente referenciou “então isto é um gato, uma galinha, um porco e esta não sei. O examinador dá um tempo e depois confere ajuda “então aqui ao lado um recipiente para colocar o leite, não é, e estas manchas pretas”. Disse “ah uma vaca, mas que coisa horrível, não parece nada”. Sequentemente, o examinador perguntou que outros animais conhecia, respondendo “ah existem tantos, agora sei lá”. Então diga alguns motivou o examinador. Olhe lembro-me da minha burra, nunca me esqueço dela, lá me levava até parece que me entendia. Também tive um cão, mas morreu pouco depois do meu marido começou a ficar doente, foi assim que o dono partiu (verbalizou emocionada). E que outros animais conhecia por exemplo de maior porte, aferiu o investigador. Olhe o lobo, a raposa, o boi, a vaca, referiu. A segunda categoria de imagens envolveu 4 peças afetas a flores/plantas. O examinador interagiu com a cliente dizendo se considerava estas imagens bonitas. Respondeu que sim, que gosta muito de flores, que sempre teve plantas. Perante a questão “qual a imagem mais bonita das quatro?”, verbalizou que para si era a planta com a flor vermelha. E sobre flores, quais as que conhece? Diz que tinha habitualmente flores em casa, mas que agora apenas tem artificiais. O investigador reorientou para a questão inicial e esta repetiu mais uma vez “há tantas flores”, não nomeando qualquer tipologia. O examinador dá o mote dizendo se gostava de rosas, respondendo que sim, que no jardim da sua avó havia muitas. De seguida com motivação do examinador enunciou o cravo, o malmequer, o jarro. Seguiram-se as 4 letras, e de forma fugaz designou “aqui a letra J, a letra V, a letra F, a letra L”. O investigador lançou a frase “e estas letras dizem-lhe alguma coisa?”. Pensou um pouco e respondeu, só se for o J e o F, o nome do meu marido, e V de Vitória e aqui L de Luísa, o nome da minha avó. O último grupo de peças foi relativo a 4 frutos. Referiu sem dificuldade “ah aqui uma pêra, maçã, uvas e aqui, o que é isto, parece um ananás” (disse). A questão que se seguiu abarcou outros frutos que conhecesse. Mais uma vez respondeu prontamente que “existem muitos, que agora é difícil”. Perante a insistência, verbalizou o pêsego, repetindo os que tinha à sua frente como imagem (uvas, pêra, maçã, ananás). O examinador procurou aferir “caso tivesse que escolher uma destas frutas para o almoço qual escolheria?”. Franziu um pouco um rosto, dando a entender que nenhum lhe agradava muito, mas respondeu as uvas.

Atividade n.º 2 o seu mundo (caso 2)

Data de realização: 30 novembro 2012

Detalhe atividade n.º 2

A cliente sorriu como é “tão seu”. A atividade teve início com a colocação sobre a mesa das quatro imagens de animais. Prontamente a cliente verbalizou “isto é um gato” (imagem do gato), aqui um porco. Quando se referiu de novo a esta última imagem acrescentou que “aqui

estão minhocas, ui que coisa” (apontando para uns riscos verdes que sobressaíam, representando relva de forma mais evidente; presença de distorção perceptiva). Todavia, volta a pegar no cartão afeto ao gato e diz desta vez “rato” (o técnico ficou com dúvidas, pois na imagem existe um pequeno rato ao fundo desta, mas a cliente referia-se mesmo à imagem mais proeminente, relativa ao gato; novamente uma distorção perceptiva, reconhecimento errado). Faz depois a nomeação da galinha, mas prende o olhar sobre o cartão afeto à vaca, agarrando-o “este não sei o que é”. O examinador disse este animal está de facto um pouco “gordinho”, precisava de emagrecer, mas é uma vaca. “Ah, mas estas manchas que tem, é muito feia, não sei não parece nada” (refere com alguma dificuldade de expressão). Esta imagem tem uma forma muito dilatada (o que pode dificultar a nomeação). O investigador perguntou se no seu tempo de infância, teve animais? Referiu que não tinha galinhas, nem porcos, nem coelhos, mas que havia partilha, quem tinha dava à família, explica (de forma pouco clara, mas subentendendo-se a sua intenção, o conteúdo). Foi colocada a questão que outros animais conhecia e a pessoa entrou em registo de perseverança, referindo o que havia dito acerca da partilha de produtos, de alimentos. Perante nova insistência, faz referência de novo a alguns animais dos cartões que visualizava (enumera assim a galinha, o porco). O segundo grupo imagens entra, com a questão “o que é isto?”. Respondeu “isto são”... e olha para as plantas/flores que tem sob o móvel à frente (não conseguiu verbalizar o nome da categoria, mas reconheceu o conceito, o objeto). Surgiu a pergunta do examinador “que flores conhece?”. Disse que conhecia muitas, que havia muitas flores. Não conseguiu referir nomes de flores mas designou, apontou o vaso sob a sua mesa como sendo de uma flor que gostava. Acrescentou que lhe fora oferecido. O investigador perguntou qual das imagens considerava a mais bonita? Respondeu, apontando para uma imagem de várias flores, com um conjunto vasto de cores. Verbalizou “esta é bonita, tem muita cor, mas tem aqui umas coisas feias”, visualizando cobras (que não incorporavam a imagem; nova distorção perceptiva, inclusão de pormenor não afeto à imagem; confusão perceptiva). O grupo da categoria letras foi introduzido e rapidamente identificado, a letra L, a letra R, a letra V e a letra J. O examinador questionou “por acaso alguma das letras lhe é familiar”. Não conseguiu responder mas com ajuda reconheceu a palavra do seu nome com a letra J, verbalizando depois um nome com a letra J (do seu filho). E uma palavra com a letra L, a cliente respondeu Luís e para a letra V, enumera a palavra Vitória. Seguem-se as quatro imagens afetas a frutos. Não reconheceu de imediato, numa fase inicial, qualquer dos estímulos apresentados. O examinador perguntou “o que lhe parece isto?” (agarrando a pêra). A participante nada diz, “não sei”. O investigador respondeu pêra, e parece fazer sentido depois “ah uma pêra”, referiu. E esta imagem (afere de novo o técnico), a participante diz que é uma maçã (respondendo de forma correta). Não conseguiu reconhecer os frutos ananás, nem as uvas (à medida que o investigador fez este

processo de reconhecimento, parece identificar, ganhando luz este conceito, ganhando luz cada imagem). Colocou-se depois a questão, qual das imagens gostaria mais de saborear? Sorriu, dizendo que daria uma dentada, escolhe de forma indecisa, algo perdida as uvas, o ananás depois, e de forma sequente os restantes frutos (não escolhe nenhum, escolhe todos, talvez se tenha perdido um pouco na instrução). O examinador brincou referindo que a cliente faria uma boa salada de frutas, com todos os frutos (aproveitando para repetir de novo o nome dos frutos apresentados). Uma última questão é colocada de que outros frutos se lembrava? Referiu mais uma vez que “há tantos”. Muda um pouco a direção e diz que gostava muito de um fruto mas não consegue nomeá-lo. Por acaso e com muita sorte, o técnico diz será o figo? A cliente sorriu, assentiu, e disse gostar muito de figos. Acrescentou que a companheira do filho lhe traz por vezes pequenas caixas de figos que não consegue depois parar de comer, explicitando que não é a mulher deste, mas que é como se fosse. As últimas imagens corresponderam a objetos vários. O primeiro foi alusivo a um lápis e a participante referenciou-o claramente, bem como a sua cor (vermelha). O mesmo sucedeu para as imagens da panela e chávena/pires. Perante a imagem “boneco de neve” não se verificou identificação (talvez por não ser uma imagem, conceito conhecido). Designou-o de Picasso. O examinador questionou a sua resposta, a cliente esclareceu identificando o nariz cenoura, o chapéu, e o cachecol. **Observação:** distração, alucinação “elas estão aí”.

Atividade n.º 2 o seu mundo (caso 3)

Data de realização: 26 novembro 2012

Detalhe atividade n.º 2

A atividade teve início com a apresentação de quatro imagens de animais dispostas seguidamente. Um gato, uma galinha, um porco e uma vaca. O examinador perguntou o que seriam, o que representariam estas imagens. Olhou mas não conseguiu responder “parecendo não lhe criar eco ou identificação”, dizendo “ai que bonitas”. O investigador referiu “são todos animais”, suscitando a sua designação individual. Não conseguiu nomear o primeiro cartão (gato), mas identificou-o apontando para a imagem de loiça que estava na sua mesa de apoio de sala. Teve algum gato, perguntou depois. Respondeu, rindo, que não, que nunca teve. A segunda imagem correspondeu à da galinha - respondeu “é bonita”, mas não conseguiu designar. A imagem seguinte foi a do porco - mais uma vez não conseguiu nomear mas parecia que lhe “estava a sair”, e à partida um maior eco. O examinador referiu porco, parecendo suscitar identificação imediata. Este procurou desenvolver um pouco de conversação “para que serve o porco, o que nos dá para comer”. Riu, mas não respondeu, dizendo “não sei”. O último cartão foi alusivo a uma vaca. A cliente não conseguiu identificar “não sei o que isto é”, e após a resposta, a identificação não foi muito sentida ou evidente –

“pois, pois”. E Sra. Deolinda gosta de leite?. Respondeu “nem por isso”. A segunda parcela da atividade foi constituída por quatro peças de flores e plantas. Perguntámos o que seriam estas peças, a participante olhou e disse que não sabia, direcionando o seu olhar para a primeira em particular (uma peça aglomerando várias flores). Mas quando o investigador disse que eram flores, eram plantas, parece que decorreu entendimento, olhando para as plantas que estavam também na pequena sala, onde decorria a atividade, identificando. Acrescentou depois “pois ali estão plantas, são bastantes e flores”, referindo-se a flores de cariz artificial colocadas sobre a mesa, numa jarra. O examinador nomeou a primeira peça como sendo um conjunto de flores coloridas, depois uma planta, seguindo-se uma flor (hortênsia) e duas plantas floridas em vaso. A participante ia acompanhando atenta. O examinador perguntou-lhe qual era para si a planta ou flor mais bonita das quatro apresentadas - escolheu rapidamente a planta florida (em tom vermelho). O terceiro momento envolveu as imagens de frutos (pêra, a maçã, a uva e por fim o ananás). O que será isto, estes elementos? respondeu que não sabia. Agarrou a pêra sem a reconhecer, de forma surpresa. São frutos, refere o investigador, e este primeiro como se chama. Não sei respondeu. O examinador nomeou a pêra, “ah a pêra” (disse). Gosta deste fruto, aferiu o examinador (com resposta afirmativa). Seguiu-se o ananás, e este como se chama?. Não conseguiu responder (resposta do examinador). Gosta de ananás aferiu o investigador. Respondeu que “sim”. O terceiro fruto foi a maçã, o que será isto tão vermelhinho? Diz que não sabe também (foi dada a resposta) – “ah a maçã”, respondeu. E gosta deste fruto (aferiu o técnico), e diz que “nem por isso”. Por último, é a vez da uva “e isto o que é?”. Pega na peça, olha-a com atenção e parece reconhecê-la, embora não a consiga batizar. Diz “está ali” (referindo-se a uma peça em vidro que representa um cacho de uvas, colocada sobre a mesa). E de uvas gosta? “gosto, gosto”, referiu com entusiasmo. E qual a sua fruta preferida, seleciona a maçã (embora tivesse dito que não gostava muito de maçã). Seguiram-se as letras (D, L, N e R). Pela primeira vez, e de forma célere refere que são letras e começa de modo espontâneo, a referenciá-las uma a uma. Esta é a letra D. Identificou depois a letra L, R, mas não o consegue fazer para a letra N. O examinador agarrou no cubo afeto à letra D, e diz “isto não lhe é familiar”, olhou o investigador sem nada dizer. Ora o seu nome começa com esta letra. A participante assentiu e sorriu. O investigador continuou dizendo e estas letras não lhe são familiares (fazendo alusão às letras L e N). Nada disse. Este acrescentou, e como se chamam os seus filhos, que estão a olhar para nós nestas fotografias. Respondeu depois, agarrando as letras respetivas, de forma correta. As últimas quatro peças constituíam vários objetos. O primeiro representava uma panela, um boneco de neve, um lápis vermelho e uma chávena/pires. O examinador perguntou e isto o que é (primeira peça, a panela). Respondeu “isto é”, como se identificasse, mas a resposta não chegasse. “É aquilo que serve para fazer as nossas comidinhas”, verbalizou o

examinador. “Sim” respondeu sem conseguir dizer o nome. Mas foi explícita a sua identificação. Para o segundo objeto, o lápis, a participante diz “este é... e olha para a sua mala”. O terceiro foi o boneco de neve, achando-o engraçado. O investigador disse tratar-se de um boneco de neve, com um nariz em forma de cenoura, um cachecol, e um chapéu, acrescentou. Quanto à chávena/pires também não conseguiu verbalizar o nome, mas foi evidente o seu reconhecimento “então é aquilo... aquilo assim”, disse a participante.

Atividade n.º 2 o seu mundo (caso 4)

Data de realização: 30 novembro 2012

Detalhe atividade n.º 2

A tarefa teve início com os quatro cartões alusivos a animais. De forma muito pronta referiu “ah isto é um gato, isto um porco, aqui uma galinha e aqui que animal tão gordo, não sei o que isto é” (a imagem é afeta a uma vaca que tem uma imagem grande, uma grande barriga dilatada que pode boicotar a identificação). O examinador ajudou, dizendo, aqui parece umas “tetinhas” e “isto um acessório para retirar leite”. Disse seguidamente “ah isto é uma vaca, mas muito esquisita”. O investigador procurou desenvolver conversaçoão aferindo se a participante havia tido algum animal, por exemplo algum gato. Verbalizou que sim, nomeando a gata de nome “favorita” e o gato “topitó”. Acrescentou que sempre teve animais, referenciando os pássaros, as galinhas. O examinador questionou acerca de outra tipologia de animais, tendo respondido que conhecia outros, enumerando o cão, a galinha, o porco. O segundo grupo de cartões começou com a pergunta “o que é isto?” (imagens relativas a quatro flores/plantas). Respondeu prontamente que eram flores, são plantas. O examinador perguntou se gostava de flores – a resposta foi positiva. Sequentemente, questionou-a de novo “destas imagens qual é para si a mais bonita”. Escolheu uma planta colocada num vaso com uma flor vermelha. Olhou uma outra imagem de forma muito compenetrada, tendo o investigador aproveitado para aferir o nome que teria essa flor. “Eu sei, mas não estou a ver...”. O examinador ajudou dizendo que parecia ser uma hortênsia – “ah sim parece, esta é roxa, mas também existe na cor rosa, amarela e branca” – respondeu. Seguiu-se uma outra questão “lembra-se de outras flores?”. Sim lembro (mas a resposta tardou). O investigador ajudou será que gosta de rosas, respondeu assim “ah sim é a minha preferida, e é o nome da minha irmã que já faleceu”. Contudo, um pouco à frente decorreu uma incongruência factual, assumindo, num outro contexto de conversaçoão, que estaria ainda viva. As imagens seguintes consistiram em letras - muito rapidamente as nomeou “a letra E, letra L, letra R e letra V. O investigador introduziu e palavras começadas por estas letras? Disse R de Rosa, V de Vitória, E de Eduardo e L de Luís (de forma muito rápida). A última categoria de imagens foi afeta a frutos. Identificou sem dificuldade de forma muito pronta “ah isto são uvas, ananás, maçã e

pêra”. E o examinador brincou um pouco então e se pudessemos escolher uma destas para o nosso almoço escolhia que imagem. Escolheu as uvas e o ananás, dizendo também que não poderia comer maçãs. E outras frutas que conheça? Olhe “bananas”, disse, acrescentando que gostava muito.

Atividade n.º 3 palavras qual prefiro e provérbios (caso 1)

Data de realização: 14 fevereiro 2013

Detalhe atividade n.º 3

Como sempre foi muito cooperante. *Frio ou calor*: “tanto faz se tiver frio agasalhamo-nos; se tiver calor abrimos a janela ou um copo de três”, brincou. Contou um episódio que explica a sua aversão ao vinho. Quando era pequena foi buscar vinho/água pé e como não conseguiu fechar a torneira da “pipa” ou equipamento (e ficou muito líquido no recipiente), para que a avó não o visse bebeu tudo e ficou muito tocada, passando mal; *Verde ou vermelho*: “gosto das duas”, disse. *Televisão ou Ler*: “ver televisão, ler pouco, nunca andei na escola”, respondeu. *Arroz doce ou salada de fruta*: disse que “antes arroz doce, fazia muito, eu tinha mão para a cozinha, comecei cedo, já de pequena antes de começar a servir dizia à minha avó, hoje eu faço o almoço; aprendi sozinha, ninguém me ensinou, saí à minha mãe”. *Sair ou estar em casa*: “minha senhora eu gostava e gosto de estar em casa, fazer as minhas coisinhas; sempre trabalhei também muito”, verbalizou neste item. *Chá ou café*: diz que gosta mais de café. *Bolo ou pão*: “antes quero pão”, disse. *Vinho ou sumo de laranja*: referiu que sumo de laranja, que vinho nem vê-lo. *Praia ou campo*: gosto mais de campo, disse. *Dia ou noite*: disse que gostava das duas, de dia para trabalhar quando podia, e de noite para dormir. A segunda tarefa envolveu um conjunto de provérbios. Completou de forma muito rápida e correta (de forma entusiasta). A segunda componente foi o significado de três deles. Perante o primeiro “quer dizer se a gente tem uma coisa é agarrá-la e não deixá-la ir”. No segundo “a gente fala uma coisa que se passou não vale a pena falar mais nisso”. E no último, “a pessoa não deve estar sempre a falar no mesmo e não passar daquilo”.

Atividade n.º 3 Palavras qual prefiro e provérbios (caso 2)

Data de realização: 07 dezembro 2012

Detalhe da atividade n.º 3

A atividade teve início com as questões, duas alternativas, opostas. O objetivo era que a participante escolhesse uma delas, justificar a sua opção e gerar conversação. A primeira diáde constituía Frio ou Calor. Entendeu perfeitamente a questão, um tempo de cadência (não muito grande), e respondeu que no “entremeio”, acrescentando que nem muito quente nem muito frio. Perante a questão Verde ou Vermelho, disse a resposta vermelho. O examinador

pediu que dissesse o porquê da sua escolha, e a cliente respondeu “o meu Alentejo e a sua cidade natal (faz nomeação)” (não pronunciada de forma totalmente certa). O vermelho fez-lhe lembrar o Alentejo é isso (alteração de rumo, de tema). Possivelmente esqueceu o que estaríamos a abordar e daí surge o que está mais presente. A terceira díade foi televisão ou ler, o que preferia a participante. Respondeu as duas coisas. Passámos para um conteúdo alimentar, se preferia Arroz Doce ou Salada de Frutas. Não nomeou uma opção efetivamente, demorando um pouco a responder – “eu gosto de tudo um pouco”, disse. “Sair ou Estar em Casa” foi a questão seguinte. Verbalizou de forma pronta, expressando uma resposta mais longa e de teor mais rico – “Gosto muito de estar em casa, também fui habituada, os meus pais queriam que ficasse mais em casa”. Foi curioso que acrescentou um sentir muito elaborado (de forma espontânea). Disse que quando se casou sentiu um grande alívio, pois sentiu a liberdade, embora depois também tivesse outras coisas, e fui alfaiate” – expressou-se de forma clara, mais solta do que o habitual. E perante a díade “Sozinha ou Acompanhada”, respondeu que gosta de estar sozinha, que não se importa – “eu estou mais habituada a estar sozinha”. Fala também que o filho hoje já lá tinha ido, à sua casa, perto da hora do almoço. Agora no natal acrescentou a cliente (demora algum tempo a concretizar a sua ideia) também me vêm buscar e o Afonsinho lá está. A frase não surgiu totalmente bem construída. Segue-se a questão “Chá ou Café”. Respondeu que só café e de forma espontânea acrescentou que dantes e quando os dias estão melhores sai, e sai também para tomar um café. Esta frase não surge de forma veloz, não é totalmente bem construída, mas percebe-se bem o seu conteúdo, o que quer dizer (hoje parecia mais solta ao nível da linguagem). Perante a questão “Praia ou campo”. Referiu a praia e explicou que gosta de ir mas que banho não – “gosto de estar lá, gosto de ter os pés na água, mas banho não” (mais uma vez espontaneidade no acrescentando, percebeu-se o que queria transmitir, não foi uma verbalização muito fluida e completa, mas resultou). Por último, a temática foi flores – “Rosa ou Cravo”. A participante não escolheu de forma pronta, respondeu sim foi 25 Abril, fazendo a associação com esta data, a partir do cravo. Perante nova orientação optou pela rosa, lembrando que oferecia, quando saía mais, esta flor à sua patroa, como lhe chama (proprietária da sua casa). Estava bem-disposta (na passagem para a etapa seguinte, outra tarefa, olhou a televisão que estava acesa e centrou-se no apresentador, riu-se, dizendo “ele está a falar comigo, nós costumamos os dois comunicar). Depois descentrou-se deste aspeto. A segunda tarefa compreendeu completar um conjunto de provérbios. Reconheceu alguns mas muita dificuldade em completá-los, a pronúncia também não esteve correta, não foi totalmente bem pronunciada). O examinador iniciava o provérbio, solicitando que a participante colocasse a parte em falta. Perante o primeiro provérbio, parece ter decorrido reconhecimento, embora não o completasse (Águas passadas não movem moinhos). O investigador enumera de novo o provérbio, da mesma

forma solicitando que complete a sua segunda parte. Aqui parece conseguir completá-lo mas a palavra “movem” não é dita corretamente. O segundo foi “Água mole e pedra dura tanto dá até que fura”. Também reconheceu este provérbio, conseguiu completá-lo mas não de forma clara (sons não foram ditos corretamente, omissão de letras, pronúncia não de forma correta). Não fez eco o “Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar”. O terceiro foi “Apanha-se mais depressa um mentiroso do que um coxo”. Reconheceu foi visível no seu rosto mas não conseguiu completá-lo sem ajuda, o examinador ajudou exemplificando (simulando o gesto afeto ao coxo, levantou-se e realizou esse movimento). Disse depois rapidamente coxo. O provérbio seguinte também não foi reconhecido (Candeia que vai à frente alumia duas vezes). Reconheceu o provérbio “Cada terra com seu uso cada roca com seu fuso”, mas também não o conseguiu completar, como se fosse dizer, mas depois nada saía. O investigador completou-o, e de seguida repetiu de novo até metade, incentivando que verbalizasse a parte em falta. O examinador faz nova verbalização do referido provérbio e a participante acompanha, assentindo (mas não conseguindo verbalizar a palavra roca, e o fuso de forma correta). O seguinte instituíu-se como “Laranja de manhã é ouro, de tarde prata e à noite mata”. Não o reconheceu em pleno e completou apenas a última parte do seguinte modo “... à noite não dá”. Os restantes provérbios apresentados não foram reconhecidos ou lembrados “dando a entender que não os conhecia”. **Conduta:** mostrou-se muito disponível para a realização da atividade, para a relação. Cooperante e atenta às tarefas propostas.

Atividade n.º 3 palavras qual prefiro” e provérbios (caso 3)

Data de realização: 05 dezembro 2012

Detalhe da atividade n.º 3

A atividade teve início com as questões de preferências. Compreendeu todas as questões, mas muita dificuldade no âmbito da linguagem, expressão linguística (discurso muito pouco fluido). A primeira díade foi “Frio ou calor”. Riu e respondeu calor. Perante o incentivo para a justificação, demorou tempo, respondendo “agora não sei dizer”. Verbalizou “pois, pois”. Seguiu-se a questão “Vermelho ou verde”. Algum tempo de cadência, sorriu e disse “nem uma coisa nem outra”. Depois foi “Televisão ou Ler”. Disse “televisão não” (agramatical). A pergunta seguinte foi “Arroz doce ou salada de fruta”. Referiu aqui que “mais fruta”. O investigador colocou na relação, a participante gostava mais de “Sair ou de estar em casa”. Agarrou a última parte e respondeu que “gosto de estar em casa”. Perante a preferência, “Vinho ou sumo de laranja”. Algum tempo de latência, sorrindo, mexendo-se no seu banco – o examinador reorientou, dizendo se gostava de vinho. Respondeu que Vinho não. Então vai para o sumo de laranja, é?. Sai então um sumo de laranja, brinca o investigador. Sumo de laranja, pois, diz a participante. A questão seguinte foi “Primavera ou Inverno”. Responde

Primavera, e perante pedido de esclarecimento diz por ser mais quente. Na diáde sequente de “Rosa ou cravo” – responde rosa, apontando para a flor artificial que integra a jarra na mesa que se posiciona frontalmente. Por último, foi colocada a questão “Dia ou noite”. Verbalizou como escolha “Dia”, justificando há mais luz como força motriz da sua opção. A segunda tarefa envolveu um conjunto de provérbios que teriam de ser completados (o investigador referiu metade, solicitando que preenchesse a parcela em falta). A participante reconheceu apenas 3 deles (expressão facial e verbalização efetiva), embora não os tenha conseguido completar sem ajuda. No primeiro conseguiu completá-lo embora a palavra “movem” tenha surgido deformada, alterada. Nos outros repetiu com sentido mas acompanhando o examinador. 1º Águas passadas, não movem moinhos; 2º Apanha-se mais depressa um mentiroso do que um coxo; 3º Cada terra com seu uso cada roca com seu fuso.

Conduta: mostrou-se muito disponível para a realização da atividade, para a relação. Cooperante e atenta às tarefas propostas.

Atividade n.º 3 palavras qual prefiro e provérbios (caso 4)

Data de realização: janeiro 2013

Detalhe atividade n.º 3

Não sei se os meus filhos estão a dormir espere aí, diz (vai ver, desloca-se ao quarto). Só um está a dormir (atividade alucinatória). E os meus filhos vieram, vieram todos de Inglaterra, não há trabalho (já viu isto está difícil). Frio ou calor: Gosto de tudo, dou-me bem com tudo diz; também estamos habituados a ter Verão e Inverno. E quando está calor vestimos roupa mais fresca, é assim. Tiveram todos de vir de Inglaterra, não há trabalho. E o meu neto veio também (descentração); verde ou vermelho: gosto das duas, verde é esperança e vermelho é guerra e ninguém gosta de guerras; televisão ou ler: eu gosto de televisão, eu gosto de ler, nem muita televisão, nem só ler, acrescenta; Praia ou campo: gosto de tudo; no Inverno ia para o campo, na Primavera ia para o campo; e no Verão ia para a praia. Morava em Tavira e tinha muita praia; Café ou chá: gosto muito de chá, mas também tomo café, tomo em casa, nunca vou tomar fora; o meu café é mais saboroso; às vezes compro café na baixa, no Macário, na Rua Augusta; E vinho ou sumo de laranja: não posso comer laranjas, e sou de Tavira terra da laranja, e doce; Arroz doce ou salada de fruta: tanto um como outro, depende da vontade, mas é mais económico fazer em casa; Dia ou noite: gosto mais de dia, a noite é para dormir; não gosto de sair de noite, nem quando era mais nova; Sair ou estar em casa: gosto muito de estar em casa, arranjo sempre que fazer; gosto muito de estar em casa, mas também gosto de sair, de vez em quando vou a Setúbal, tenho lá 3 irmãs e assim fico com mais saudades de casa; Bolo ou pão: pão para as refeições e o bolo para o lanche; antigamente fazia mais bolos, tinha os filhos em casa, mas estão já casados, tinha forno, as coisas para

fazer o bolo; agora são eles que compram e trazem às vezes. A segunda parte foi completar os provérbios. Completou-os todos bem (com respostas rápidas). No primeiro disse Águas passadas não moem moinhos. No quarto disse apanha-se mais depressa um mentiroso do que o verdadeiro (mas mostrou reconhecimento). O examinador corrigiu. Disse sim, do que um coxo. No sétimo cortou a parte do meio, a laranja de manhã é ouro e à noite mata. O investigador iniciava sempre.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte (caso 1)

Data de realização: 13 dezembro 2012

Detalhe atividade n.º 4

Mostrou-se muito colaborante e rápida nas respostas que concedeu (eficácia). O primeiro conjunto de imagens foi claramente identificado (as letras M, D e a imagem cenouras). Esta última foi por si escolhida como a peça que nada tem a ver com as restantes. Na tríade seguinte sucedeu o mesmo – rapidez de resposta e adequação. As peças de roupa (camisola e meias), bem como o barco foram nomeadas – selecionou esta última como a imagem que não fazia parte. Seguiram-se os 2 pássaros que identificou sem dificuldade, uma galinha e um pombo, mas não foi capaz de referenciar o esquilo – nomeação. “Ora o que é isto, tem um grande rabo”. O examinador entra e diz “será um esquilo, o que lhe parece”. Ah sim, aqui a bolota e o rabo, sim, é mesmo. Retirou esta última imagem, “ah sai esta, o esquilo, não é nenhum pássaro”. O último conjunto de imagens foi da mesma forma adequadamente percecionado, e selecionado o martelo como a peça “estranha, que não fazia parte” – “então o martelo não é nenhum número, claro”.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte (caso 2)

Data de realização: 14 dezembro 2012

Detalhe da atividade n.º 4

A participante estava menos disponível, decorreu uma queda na segunda-feira. Ficou um pouco confusa e com um discurso menos lógico, associando a queda a pessoas, que explica serem “russas”, romenos que lhe pediram dinheiro. Parece dizer que saiu com a irmã, que vieram ter consigo essas pessoas, não a deixavam. O examinador para a descentrar um pouco, introduziu a atividade. O investigador explicou que a atividade que seria feita teria imagens, com o objetivo de puxar pelo raciocínio, pensamento. O examinador começou por mostrar as 3 primeiras imagens, incentivando a identificação (2 letras, M e N e um fruto, cenoura, apresentação destas 3 peças) - o que é isto ?. Responde então isto é um M, um O, não, não é um D e isto, eu sei o que é, mas é isto, estou a ver (consciência da afasia); cebola, não é rabanete, compõe. O examinador diz serão cenouras (mas não lhe parece ter feito grande eco).

Perguntámos de seguida, qual das 3 imagens não faz parte, não tem a ver com as restantes. Não conseguiu apreender a questão, nem dar a resposta adequada. A segunda tríade foi constituída por 2 peças de roupa (1 par de meias, camisola) e um barco. Identificou os estímulos sem dificuldade, isto é para vestir diz primeiro, referindo-se à camisola, mas depois fez a nomeação, bem como das meias. Mas não entendeu o segundo pedido, ou seja, percebeu a tarefa mas não conseguiu desenvolver a resposta com eficácia. Ficou presa ao pormenor, centrando-se na semelhança entre a imagem do barco e das meias (referindo-se às riscas) que cada imagem tinha. Passou-se para o terceiro estímulo que integrava os números 3 e 4, com o objeto martelo. A participante olhou o 4, mas não teve resposta imediata (mas foi perceptível que lhe era familiar). O examinador deu uma ajuda, “parece um número, não é”. É, é um 4, disse. A identificação do 3, foi já célere e pronta. Quanto ao martelo (a afasia tomou conta); isto é aquilo de dar e faz o gesto (mais uma vez ficou patente que identificou claramente o objeto). Quanto à imagem que não fazia parte, mais uma vez se colou a detalhes, mas não à busca de semelhança. Então diz, esta parte aqui não está bem, referindo-se a uma parcela do cabo do martelo (um pequeno pedaço de outra cor, que simboliza a pega). Não apresentámos a outra tríade de estímulos.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte (caso 3)

Data de realização: 12 dezembro 2012

Detalhe da atividade n.º 4

Mostra-se colaborante, atenta (embora a campainha a tenha distraído, correu à janela mas voltou). Explicámos a atividade, que envolvia diferentes imagens, perguntas, treinando o pensamento, raciocínio. A atividade teve início com a apresentação de quatro subgrupos com três imagens cada (o objetivo foi a identificação, reconhecimento e detetar qual a imagem que não pertencia à categoria maioritária). A primeira tríade envolveu duas letras (M e D, e uma imagem de duas cenouras). Identificou com alguma facilidade as letras, nomeando-as. Quanto à última imagem não o conseguiu fazer “ah isto não sei”. Perante a resposta do examinador, assente “ah pois é”. Seleciona, ou melhor aponta para a imagem cenoura, mas não diz o porquê (como sendo a peça que não faria parte, mas pareceu não existir grande entendimento, talvez por ser a última palavra a ser dita na identificação ou pela forma). O conjunto seguinte de estímulos compreendeu 2 peças de roupa e a imagem de um pequeno barco à vela. Conseguiu nomear as meias – “isto são pezinhos, meias”. Face à imagem da camisola, respondeu não saber e após ajuda disse “ah pode ser, pois é”. No barco, sucedeu a mesma situação ou ocorrência. Foi curioso que após a questão do investigador “qual a peça ou imagem que nada tem a ver com as outras duas”, optou pelo barco (mas não conseguiu justificar a sua escolha). Talvez estejam assentes as mesmas hipóteses em cima apresentadas.

Na tríade seguinte identificou os números 3 e 4 (com facilidade) mas não conseguiu nomear o esquilo “isto não sei.”. O examinador identificou o esquilo e a participante assentiu “pois é”. Escolheu o esquilo como sendo a peça que não fazia parte das 3 imagens (hipóteses apresentadas, não decorreu também justificação). O último trio de imagens envolveu 2 pássaros e a imagem de um martelo. Identificou um pássaro a andar, uma galinha; o outro como um passarinho e não conseguiu nomear o outro objeto “isto não sei, numa casa...”. Nesta etapa não definiu a peça que estaria a mais, que não estaria certa.

Atividade n.º 4 a imagem que não faz parte (caso 4)

Data de realização: 13 dezembro 2012

Detalhe da atividade n.º 4

A participante estava hoje muito tranquila, bem humorada. Mostrou-se disponível e colaborante. Não mostrou dificuldades ao nível da identificação dos objetos, capacidade de raciocínio e associação. Verificou-se eficácia e rapidez de resposta. Foi explicada a atividade, que envolvia várias imagens e a função de raciocínio/pensamento. O primeiro conjunto de imagens compreendia as Letras M e D e o legume (cenoura). Identificou claramente e de forma célere cada imagem, e excluiu sem dificuldade a imagem da cenoura, com o raciocínio correto, então não é nenhuma letra, referiu. A segunda tríade de conceitos foi vestuário (com camisola e meias) e um meio de transporte (barco). Sucedeu a mesma situação – correta identificação e retirada do barco, porque não era para vestir como disse. Seguiu-se os números 3 e 4, com o objeto martelo. Aqui a resposta não foi tão imediata, talvez por não ter óculos e o número 4 ter um coloração viva repleta de bolas coloridas. O examinador diz “parece ser um número”. Ah pois é, responde prontamente. E aqui um três, diz de seguida. Excluiu sem hesitar o martelo, então vê-se que não é nenhum número. O último conjunto de objetos envolveu 2 pássaros coloridos e um esquilo. Identificou uma galinha com uma flor na boca (pássaro amarelo), o pássaro azul define-o como uma pomba e hesita na imagem afeta ao esquilo. Respondeu, tem um grande “rabo” (e tem de facto), mas não nomeia o seu nome. O investigador fez a efetiva nomeação – parece ser um esquilo, aqui parece ser uma bolota, e a participante assentiu “ah pois, sim”. Mais uma vez é rápida na imagem a retirar, na imagem que não faz parte (raciocínio adequado).

Atividade n.º 5 música (caso 1)

Data de realização: 22 janeiro 2013

Detalhe atividade n.º 5

Mostrou-se muito recetiva para a realização da atividade, dizendo que o marido ouvia muita música. Perante a primeira melodia a cliente respondeu que conhecia muito bem que não

sabia era quem estava a cantar. O examinador conferiu duas alternativas “Paco Bandeira ou Carlos do Carmo”. Rapidamente respondeu que era o primeiro, cheia de certeza. Disse, sabe eu tinha muita música dessa, o meu marido gostava muito, repetiu. O examinador questionou-a acerca da sua apreciação, se a música era bonita, feia ou assim-assim. Reagiu prontamente dizendo, claro que é bonita. Antes de irromper a segunda melodia, o investigador verbalizou em tom de questão, se a participante iria conhecer a voz feminina que se seguia. Ouviu-a e disse sem hesitar, é a Amália. Sabe eu conhecia-a, cheguei a ir a casa dela, um amigo do meu marido conhecia-a. Era simpática e cantava tão bem. Claro que a música é bonita, reage à questão do avaliador. Este introduz a terceira melodia (Artur Ribeiro, com o título Cha Cha Cha em Lisboa), aferindo se a cliente a conhece. Responde que sim, e que era bonita. Refere de novo que tinha muitos discos, que tem ainda o gira discos, que já não sabe se os tem e que ouvia muita música, pois o marido gostava. Mais uma vez, o examinador apresentou o cantor da música seguinte (Milú, referindo que era uma atriz dos filmes portugueses de António Silva, Vasco Santana, de nome Lisboa à noite). A cliente conheceu-a claramente cantarolando o refrão, acompanhando o investigador. Avalia a música como muito bonita, que estas músicas são lindas, e que não passam de moda. As músicas seguintes são apresentadas como mais “mexidas”, integrando o grupo de músicas populares portuguesas. Reconheceu com muita facilidade e sabia-a bem, pois cantou o refrão e outras partes da música (Todos me querem). A música seguinte teve a mesma reação, reconhecimento imediato e direito a canto no refrão e noutras partes (Bailinho da Madeira). A terceira música também foi reconhecida de forma muito imediata (Indo eu a caminho de Viseu), sorrindo e dizendo que as músicas são todas bonitas, e que dispõem bem, que não conseguia escolher, pois eram todas bonitas. Sabe eu tinha essas músicas em disco, o meu marido ouvia e comprava muito, agora já nem sei se tenho, os meus filhos levaram alguns discos. Eu agora também não ouço.

Atividade n.º 5 música (caso 2)

Data de realização: 18 janeiro 2013

Detalhe da atividade n.º 5

A participante ficou curiosa com o que escondia a caixa. O examinador explicou dizendo que hoje trazia música, canções portuguesas, que iria constatar se as conhecia ou não. A primeira foi (Oh Elvas, Oh Elvas) e esta sorriu. O examinador perguntou se conhecia a música e a participante assentiu, conheço. E considera bonita, feia ou assim-assim, afere depois. Respondeu que era bonita. Que tinha muita música mas que agora desapareceu. Agora tenho ali, apontando para o rádio portátil que tem. O examinador perguntou quem estava a cantar. Respondeu que sabia mas o nome é que não saía. O investigador ajudou dando duas alternativas, e a participante rapidamente selecionou o Paco Bandeira. Para a segunda o

examinador lançou que “vamos ver se sabe quem é a senhora dona da música que se segue”. Ouviu atenta, e o examinador disse acha que é a Amália, disse que não, mas após pequenos segundos disse, é sim senhora a Amália, vi agora por este jeito na voz. Perante a pergunta face à sua apreciação respondeu que “claro que é bonita”. Eu tinha também muita música, agora é que não, só tenho estes, apontando. Na terceira o técnico referiu o nome do cantor e o título. Disse que conhecia o cantor, a música também. Batia com as mãos nas pernas, ao ritmo (Artur Ribeiro, Cha Cha Cha em Lisboa). Na última foi feito o mesmo, com reconhecimento - foi visível mais do que na anterior (Milú, Lisboa à noite) acompanhando o examinador no refrão (mas não conseguindo dizer as palavras, estando no ritmo, trauteando na, na). As próximas 3, são mais mexidas, são músicas tradicionais, diz o investigador. Vamos ver se conhece. Na primeira decorreu reconhecimento, bem como na segunda, fazendo o mesmo (não dizendo as palavras, acompanhando da sua forma). Verbalizou em cada uma esta conheço, batendo as mãos nas pernas, reagindo muito bem. O mesmo para a última (Indo eu a caminho de Viseu), sobretudo no refrão. Participação positiva, contentamento. As outras (Todos me querem e Bailinho da Madeira). Colocámos outra música, O Tiro Liro. Reconheceu claramente, o mesmo envolvimento, o cantar sem as palavras à sua maneira no refrão, mas disse uma vez no início, a palavra Liro, a única que pronunciou, nas músicas apresentadas.

Atividade n.º 5 música (caso 3)

Data de realização: 16 janeiro 2013

Detalhe atividade n.º 5

Como sempre estava muito sorridente e recetiva para a relação e para a atividade. O examinador explicou que esta tarefa envolvia música, com o objetivo de lembrar, puxar memórias, o reconhecimento das músicas. A participante olhou atentamente enquanto o investigador colocava o rádio, enquanto preparava a atividade. Perante a primeira música, abre ainda mais o seu sorriso em sinal de gosto/prazer. Esta música fala do Alentejo, não é?. Responde “pois, é muito bonita, é muito bonita”. O examinador pergunta se sabe qual a pessoa que está a cantar; mostra um rosto pensativo, como que dizendo conheço a voz mas não o nome. O examinador vem em seu auxílio e diz vou dar dois nomes, um deles é a resposta correta. E disse “Paço Bandeira ou Carlos do Carmo”. E a cliente responde o primeiro (resposta correta). Perguntou ainda se a música é verde bonita, vermelha não quero ouvir mais ou amarelo, assim-assim (utilizando para o efeito cartões, o que criou alguma confusão. Nesse sentido, foi colocada uma diretiva mais simples, bonita, feia ou assim-assim. A cliente respondeu que era bonita. Para introduzir a segunda música, o examinador referencia que quem canta é uma mulher, com uma voz única, muito bonita (malhão de

Águeda, é a canção). Quando ouve a palavra malhão, e percebe o ritmo, diz, “é o malhão”. Diz, mais uma vez e é perceptível que aprecia a música, é bonita. O examinador ajuda a cliente “será Amália Rodrigues ou Simone de Oliveira a cantar?”. Responde Amália (opção correta). Na terceira música, o examinador introduz o cantor e o título (Artur Ribeiro, Cha Cha Cha em Lisboa). A cliente mais uma vez parece gostar, mas não reconhece a música, diz não a conhecer. Na quarta música o examinador faz o mesmo, apresenta o cantor e o título (Milú, Lisboa à noite), falando um pouco da cantora (que entrou nos filmes de António Costa e Vasco Santana, filmes antigos portugueses). Denotou de novo gosto, reconheceu a canção e acompanhou um pouco o investigador no refrão. Este perguntou a sua apreciação acerca da música, tendo respondido que era bonita, que aliás eram todas bonitas. O segundo grupo de canções foi constituído por três faixas, sendo explicado que eram um pouco mais “mexidas”, abarcando a música tradicional portuguesa. A primeira foi “todos me querem”, e a cliente gostou muito, reagindo muito bem, sorrindo e acompanhando o examinador no refrão. Disse que era muito bonita, que a conhecia. A segunda foi “o bailinho da madeira”. Mostrou também reconhecimento, expressando que esta também era muito bonita e acompanhando também o técnico no refrão (aliás foi o refrão que promoveu maior identidade). Na última, a participante verbalizou “ai esta conheço bem, é bem bonita”, reagindo ainda de forma mas efusiva. Sorriu bastante enquanto a escutava e acompanhou o examinador no refrão. Foi muito positivo ver o impacto da música, o prazer, o puxar de memórias que traz, a cantar consegue ser mais fluida (é curioso).

Atividade n.º 5 música (caso 4)

Data de realização: 17 janeiro 2013

Detalhe atividade n.º 5

A participante estava ótima neste dia, abriu a porta com facilidade, estava com humor positivo, muito disponível e colaborante. Aceitou com muita facilidade a execução da atividade, e toda a sua preparação “então trouxe isso, veio carregada, coitada”. A primeira música começou, foi passando e a participante sorriu “pois óh Elvas óh Elvas Badajoz à vista”. O examinador referiu vejo que a conhece, “pois é claro que sim, eu tinha isto a tocar”. Ouvi a semana passada um programa de cantares alentejanos aqui na televisão, e gostei muito. E quem canta, perguntou o técnico? Isso agora. Foram dadas duas ajudas, será Paço Bandeira ou Carlos do Carmo. Respondeu o último (resposta incorreta). A última questão foi se a música merecia cartão verde, aplausos, cartão vermelho, não quero ouvir mais ou amarelo assim-assim. Respondeu que verde, era bonita. O investigador ao introduzir a segunda canção disse vamos ver se conhece a voz da senhora que se segue. Sorriu, foi escutando a música, tendo o examinador dito que tinha como título “o malhão de Águeda”.

Ah sim, respondeu. E quem canta tentou aferir depois o técnico?, dando ao mesmo tempo duas hipóteses de resposta (Amália Rodrigues ou Simone de Oliveira). Respondeu a última (resposta incorreta). O seu voto foi verde, dizendo que gostava da música. O técnico introduz o cantor da terceira melodia (Artur Ribeiro, o Cha Cha Cha em Lisboa). A participante sorri, escuta a música, dizendo que tinha estas músicas a tocar, que dantes sim as letras das músicas eram interessantes. O investigador responde tem toda a razão, nunca passam de moda. Face ao seu voto, surge um amarelo assim-assim. A quarta música também é apresentada (Lisboa à noite, Milú). Mostrou reconhecimento e cantou de forma fluida e correta o refrão, dizendo que a música é bonita. É sobre a nossa Lisboa, brinca o examinador, tinha de ser linda. Este referenciou que as próximas 3 músicas seriam mais “mexidas”, integrando o espólio das músicas tradicionais portuguesas. Perante a primeira, emanou um sorriso, o que denotou o seu gosto e conhecimento, cantarolando o refrão com divertimento (todos me querem), bem como, outras partes da canção. Diz que a música é bonita, e divertida. Na segunda sucede o mesmo, participou cantando e acompanhando o examinador (no bailinho da madeira), acontecendo o mesmo na terceira melodia (Indo eu, Indo eu a caminho de Viseu). Então, claro que conheço estas músicas, quem não conhece, são bonitas. Participação muito positiva, reconhecimento, cantou de forma espontânea (sorriu bastante).

Atividade n.º 6 o seu mundo; sem imagens (caso 1)

Data de realização: 24 janeiro 2013

Detalhe da atividade n.º 6

Resposta rápida. Para animais respondeu cão, gato, macaco, leão; nas cidades portuguesas disse Leiria, Coimbra e Lisboa (referências suas); também teve animal (cão); Profissões, Mecânico, Eletricista e Massagista; e Frutos (Pêra, Maça, Kiwi). Fruta que deve costumar ter. E para nomes/letras A (Alda, Alzira); M (Maria, Mariano e Mendonça); e P (Pedro e Pereira).

Atividade n.º 6 o seu mundo; sem imagens (caso 2)

Data de realização: 25 janeiro 2013

Detalhe atividade n.º 6

Como sempre recebeu muito bem o examinador, respondendo prontamente à atividade. A tarefa envolvia referir palavras afetas a categorias específicas. Nos animais respondeu com algum tempo de cadência cão e brincadeira. O examinador teve que reorientar a participante (dizendo que a categoria se tratava de animais). Pois, é isto que também me acontece, esqueço-me, não sei (consciência do esquecimento). Nos frutos disse apenas bananas. Não me lembro de mais nada, verbalizou. Na categoria profissões, deu a resposta médico, motorista, anel de ouro (querendo dizer ourives, o examinador ajudou). Para localidades foi mais rápida

e produtiva. Foram as suas respostas Barreiro, Coimbra, Grândola e Porto. A última proposta foi referir nomes de pessoas iniciada por 3 letras. Na letra A, disse amor. O investigador reorientou a participante (nomes de pessoas, fazendo isso algumas vezes também, nos momentos seguintes). Referiu depois Amélia e Angelina. Na letra M, verbalizou Angelina (nova reorientação). Não conseguiu dizer nomes com esta letra. Passou-se para a letra P e disse o nome Pedro.

Atividade n.º 6 o seu mundo; sem imagens (caso 3)

Data de realização: 29 janeiro 2013

Detalhe atividade n.º 6

Como sempre mostrou-se muito disponível, cooperante, tranquila, sorridente. Dificuldade em referir palavras afetas às categorias solicitadas. Animais, aqui não (como se percebesse se tinha animais). O examinador perguntou de novo, nomes de animais, animais que existam que se lembre. Não soube responder (no final da atividade o investigador brincou, afinal existem muitos animais aqui, fazendo alusão às peças de decoração em loiça que tem na divisão sala e casa, está a ver olhe aqui um gato, a participante aponta e ali também, para um cão de loiça em cima da mesa da frente). Para frutos foi a mesma situação. O examinador diz, temos as laranjas, as maçãs, e disse, pois laranjas. O mesmo se passou para as profissões. Não conseguiu dar resposta, bem como para a categoria localidades. Por último, os nomes começados por determinadas letras. Assim, para a letra A, não conseguiu. Nomes de pessoas de família começadas pela letra A, afere o examinador. A participante pensou e disse não saber. O mesmo para a letra M (o mesmo procedimento do examinador, mas perante a segunda reformulação, deu a resposta, Maria de modo “chofre”). No L, disse Luís (nome do familiar). O D foi acrescentado pela técnica, e a cliente respondeu com alguma rapidez o seu nome. O examinador ainda tenta C. E o próprio diz Carlos, por exemplo. Diz, pois Carlos (repetindo). O mesmo para a letra P, pois, Paulo.

Atividade n.º 6 o seu mundo; sem imagens (caso 4)

Data de realização: 25 janeiro 2013

Detalhe atividade n.º 6

Demorou um pouco a abrir a porta, referiu que o marido e os filhos estavam a dormir (crença falsa, atividade delirante). Pede-nos que falemos baixo, recusa abrir os estores, para que não os acordemos. A tarefa envolveu categorias de conceitos, tendo a participante que referir palavras pertencentes às mesmas. Para animais disse apenas gato, algum tempo de cadência e pouca produtividade. Na categoria seguinte, foi mais rica, nomeando pêro, maçã e banana. Para profissões, respondeu, carpinteiro, pedreiro e estucador (com grande rapidez). E na

categoria localidades diz prontamente Faro, Lisboa e Porto. Quanto à tarefa seguinte, nomeação de nomes começados pelas letras A, M e P. Para a primeira disse, António, Armindo e Artur. Para a letra M, Mariano, Mateus Mendonça (apelido). E por fim, para a letra P, verbalizou Pedro, Pinto e Penedo (com evidente facilidade e correção).

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte (caso 1)

Data de realização: 21 fevereiro 2013

Detalhe atividade n.º 7

A tarefa foi explicada, são 3 palavras, duas delas têm uma coisa em comum, pertencem à mesma categoria e a outra não (o examinador leu as 3 primeiras). A participante disse malmequer bem-me-quer, a resposta certa. E porquê? malmequer é amarelo. Sim e pode ser de outras cores (diz o examinador). O malmequer é uma flor não é? e azul e amarelo? (afere o investigador); não sei, respondeu. O examinador definiu as categorias em causa. O segundo trio foi Lisboa, Porto, chocolate. Então é para dizer?, disse (nova explicação). Demora um pouco, então o chocolate é para comer. E Lisboa e Porto o que são (afere o examinador); a participante diz Lisboa é nossa e Porto não gosto. A última foi banana, Júlia e maçã. Olha para o examinador, é para? (nova explicação). O investigador repete as 3 palavras. Diz é Júlia e porquê? Porque começa pela letra J e as outras não.

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte(caso 2)

Data de realização: 08 fevereiro 2013

Detalhe da atividade n.º 7

O examinador explica que da atividade constam três grupos com 3 palavras cada um; a participante lê com facilidade Lisboa, Porto e Chocolate. Então qual a palavra que está mal aí, há duas que são parecidas, com a mesma categoria. Então vamos lá ver, de forma imediata diz Lisboa é um sítio para viver; e Porto pergunta o examinador, responde ser uma cidade; e chocolate para comer. Então, que palavra vai embora? diz chocolate (não sei se terá percebido o raciocínio). Na segunda lê com facilidade todas as palavras banana, Deolinda, maçã. E então puxa o investigador? banana é para comer, Deolinda para comer também e maçã para... (não concretizando); então o que não está aí bem, e disse maçã. E Deolinda é nome de pessoa não é? pois é diz. A última foi amarelo, azul e malmequer. Lê como sempre sem dificuldade, tudo de uma vez. Fala em voz alta amarelo é (...); malmequer é (...). Será um flor, afere o investigador? não, responde. Volta a ler amarelo e azul; e o que não está bem? (pergunta o examinador). Malmequer diz (mas não no sentido de excluir), malmequer pode ter... (como se estivesse a referir as cores que o malmequer pode ter e que pode ser amarelo, a cor apresentada). Mas malmequer é uma flor? Sim, respondeu.

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte (caso 3)

Data de realização: 05 fevereiro 2013

Detalhe atividade n.º 7

Sorriso aberto e disponibilidade para a relação, atividade. Não conseguiu efetuar o raciocínio, de retirar a palavra incorreta de um conjunto de três. Sabe uma delas nada tem a ver com as restantes? Vamos ler encaminha o investigador (a participante leu as três primeiras e acaba por selecionar a palavra Porto; nas outras três lê maçã de forma incorreta; nas outras 3 lê bem, e diz talvez Azul.

Atividade n.º 7 a palavra que não faz parte(caso 4)

Data de realização: 07 fevereiro 2013

Detalhe atividade n.º 7

Estava com delírio de que os filhos estavam a dormir no quarto, que tinham chegado há pouco, que teríamos de fazer pouco barulho. Conseguimos que abrisse mais um pouco o estore da sala, fechou a porta que isola o espaço dos quartos. A tarefa envolveu localizar a palavra que não fazia parte, algum tempo de cadência mas conseguiu raciocinar e responder de forma correta. Então diz, Lisboa, Porto e chocolate (lê as palavras, e pensa alto). Então Lisboa e Porto são sítios, e chocolate é para comer. Então qual a palavra que não está bem, diz chocolate, é porque é para se comer. Lê as outras 3, o examinador explica de novo; algum tempo de cadência e diz banana. Então pense de novo, estimulou o examinador; diz depois banana é um fruto, Deolinda é um nome e maçã é também fruto. E qual a palavra então que não está bem? diz é Deolinda e porquê? (afere o investigador); porque é um nome, disse. E então e agora, perguntou. Vamos fazer a mesma coisa na seguinte, começa a ler a anterior, e o técnica tapa, ficando a nu as últimas 3 palavras. Lê amarelo, azul e malmequer. Nova reorientação face ao objetivo; apoio para fazer a leitura das palavras; então amarelo é (...); diz é cor; e malmequer é (..) pergunta o examinador; responde que é planta, é uma flor; e azul afere por último o examinador; responde que é também cor. Então qual palavra que sai é? Diz malmequer.

Anexos

Índice de anexos

Anexo I - Prova cognitiva de Avaliação Breve do Estado Mental (MMS)

Fonte: Guerreiro et al. (1994, cit. por Sequeira, 2010)

MINIMENTAL STATE (MMS)

Instruções de preenchimento

1. Orientação (1 ponto por cada resposta correta) – (0 a 10 Pontos).

Em que ano estamos?

Em que mês estamos?

Em que dia do mês estamos?

Em que dia da semana estamos?

Em que estação estamos?

Em que país estamos?

Em que distrito é que vive?

Em que casa estamos?

Em que andar estamos?

Total orientação:

2. Retenção (1 ponto por cada palavra corretamente repetida) – (0 a 3 pontos).

Este item é avaliado com o seguinte exercício:

Vou dizer três palavras: quero que as repita, mas só depois de eu as dizer todas.

Procure ficar a sabê-las de cor.

Pêra

Gato

Bola

Total retenção:

3. Atenção e cálculo (1 ponto por cada resposta correta) – (0 a 5 pontos).

Se a pessoa der uma resposta errada mas depois continuar a subtrair bem, consideram-se as seguintes como corretas. Parar ao fim de cinco respostas.

Agora o profissional solicita à pessoa que diga quantos são 30 menos 3 e depois ao número encontrado voltar a tirar 3 e repete assim até o profissional lhe dizer para parar.

Ex: 30 - (3); 27 - (3); 24 - (3); 21 - (3); 18 - (3)

Total atenção e cálculo:

4. Evocação (1 ponto por cada resposta correta) – (0 a 3 pontos).

Veja se consegue dizer as 3 palavras que pedi há pouco para decorar.

Pêra

Gato

Bola

Total evocação:

5. Linguagem (1 ponto por cada resposta correta) – (0 a 8 pontos).

a) Como se chama isto?

Mostrar os objetos – (0 a 2 pontos).

Relógio.

Lápis

b) Repita a frase que eu vou dizer: O RATO ROEU A ROLHA – (0 a 1 ponto).

Pontuação:

c) Quando eu lhe der esta folha de papel, pegue nela com a mão direita, dobre-a ao meio e coloque-a sobre a mesa (ou sobre a cama, se for o caso). Dar a folha com as duas mãos – (0 a 3 pontos).

Pega com a mão direita na folha

Dobra a folha ao meio

Coloca a folha onde deve

d) Leia o que está neste cartão e faça o que lá diz.

Mostrar um cartão com a seguinte frase bem legível: FECHE OS OLHOS. Sendo analfabeto lê-se a frase à pessoa.

Fechou os olhos

e) Escreva uma frase inteira aqui. Deve ter sujeito e verbo e fazer sentido; os erros gramaticais não prejudicam a pontuação.

Total linguagem:

6. Habilidade construtiva (1 ponto pela cópia correta) – (0 a 1 ponto).

A pessoa deve copiar um desenho. Dois pentágonos parcialmente sobrepostos; cada um deve ficar com 5 lados, dois dos quais intersecionados. Não valorizar tremor ou rotação.

Total habilidade construtiva:

Total de MMS (máximo de 30 pontos).

Os valores de corte para a população portuguesa, a partir dos quais se considera com defeito cognitivo, são os seguintes:

Analfabetos: ≤ 15 pontos;

1 a 11 anos de escolaridade: ≤ 22 ;

Escolaridade superior a 11 anos: ≤ 27 pontos.

Fonte: Folstein et al. (1975, cit. por Sequeira, 2010).